

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
MOTRICIDADE HUMANA

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS
PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELAS CATEGORIAS DE
BASE DO BASQUETEBOL MASCULINO DO RIO DE
JANEIRO: A APRENDIZAGEM E O TREINAMENTO DOS
SISTEMAS DEFENSIVOS.

por

LEONARDO TOLEDO JOSGRILBERG

Rio de Janeiro

Dezembro / 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LEONARDO TOLEDO JOSGRILBERG

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS
PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELAS CATEGORIAS DE
BASE DO BASQUETEBOL MASCULINO DO RIO DE
JANEIRO: A APRENDIZAGEM E O TREINAMENTO DOS
SISTEMAS DEFENSIVOS.

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação Stricto Senso em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco, na Área de Concentração de Estudos Pedagógicos da Motricidade Humana, na Linha de Pesquisa de Aspectos Pedagógicos sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Barroso Beltrão.

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO / 2007

Josgrilberg, Leonardo Toledo

A formação e a prática pedagógica dos profissionais responsáveis pelas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro: a aprendizagem e o treinamento dos sistemas defensivos / Leonardo Toledo Josgrilberg. Rio de Janeiro: UCB/RJ – Campus Recreio, 2007.

xix, 194 f.: il.; 31 cm

Orientadora: Fernanda Barroso Beltrão

Dissertação de Mestrado – Universidade Castelo Branco/RJ, Centro de Ciências da Saúde e Biológicas, Programa Stricto Sensu de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana.

Referências Bibliográficas: f. 165-176.

1. Basquetebol. 2. Técnicos. 3. Formação Profissional. 4. Prática Pedagógica. 5. Sistemas Defensivos. I. Beltrão, Fernanda Barroso. II. Universidade Castelo Branco/RJ, Centro de Ciências da Saúde e Biológicas, Programa Stricto Sensu de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana. III. Título.

O PROJETO DE PESQUISA: A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETEBOL MASCULINO DO RIO DE JANEIRO: A APRENDIZAGEM E O TREINAMENTO DOS SISTEMAS DEFENSIVOS.

Elaborado por: Leonardo Toledo Josgrilberg

Foi analisado por todos os membros da banca examinadora e aprovado com

Grau: _____

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2007.

Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino

Membro

Prof. Dr. Walter Jacinto Nunes

Membro

Prof.^a Dr.^a Fernanda Barroso Beltrão

Presidente

DEDICATÓRIA

A minha esposa Débora pelo amor,
carinho e paciência dedicados em
todos os momentos;

A meus pais pela sabedoria em me
educar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram neste projeto pessoal e profissional e que, direta ou indiretamente, com sua atenção e dedicação, tornaram possível esta realização. A todos, meus agradecimentos e meu carinho, especialmente:

A Deus, pois ele é a força que nos faz viver.

A minha esposa Débora pela dedicação, compreensão e tolerância durante este processo.

Aos meus pais, Rubem e Carmen, por tudo que me ensinaram e por como me educaram.

Ao meu irmão, Leandro, pelo apoio dedicado no momento mais delicado da elaboração deste trabalho.

Aos meus sogros, Almir e Solange, pelo empréstimo do computador e da impressora e pela paciência aos domingos à tarde.

A Prof.^a Dr.^a Márcia Parga Lisboa por toda base de sustentação psicológica para superar as adversidades deste longo processo.

A Prof.^a Dr.^a Maria Thereza Toledo pelo processo de revisão e correção de cada capítulo deste trabalho.

A Prof.^a Dr.^a Fernanda Barroso Beltrão, cuja competência, paciência e colaboração foram fundamentais para orientar o caminho seguido.

Ao Prof. Dr. Walter Nunes pelo apoio e por ceder publicações inerentes à Pedagogia do Esporte.

Ao Prof. Dr. Manoel Tubino pela transmissão de inúmeros conhecimentos acerca do esporte este fenômeno que me fascina.

A secretária Andréia por toda a ajuda nos processos burocráticos de matrícula, inscrição nas disciplinas deste curso e na elaboração deste trabalho.

Aos amigos pessoais que sempre me incentivaram, Leonardo da Rosa Bruno, Patrick Gomes Ferreira e Edson Farret, entre outros.

Aos amigos do mestrado com os quais sempre caminhei junto até este momento, Cláudio Patriota, Adriano Pissardo, Leonardo Chrysostomo, Waldemir, Lenice Peluso, Ana Paula, Enio, Nazareth, Alex entre outros.

A todos os professores do curso de mestrado em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco pela transmissão de conhecimentos e preparação para a realização deste trabalho.

Aos treinadores de basquetebol que se propuseram a colaborar com esta pesquisa, fornecendo informações pessoais e experiências do esporte e de vida, fundamentais para a credibilidade deste estudo.

Ao Prof. Wagner Gomes pela idéia original.

EPÍGRAFE

“Eu sou eu e minhas circunstâncias e se não as salvo, não me salvo eu”

José Ortega Y Gasset

RESUMO

A Formação e a Prática Pedagógica dos Profissionais Responsáveis pelas Categorias de Base do Basquetebol Masculino do Rio de Janeiro: a Aprendizagem e o Treinamento dos Sistemas Defensivos.

por

LEONARDO TOLEDO JOSGRILBERG

Universidade Castelo Branco

Dezembro de 2007

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Barroso Beltrão

Número de palavras: 265

O basquete masculino do Brasil vem apresentando uma série de dificuldades internas e externas. No esporte de rendimento múltiplos fatores influenciam no alcance do sucesso ou do insucesso. Estes fatores abrangem, necessariamente, jogadores, treinadores, dirigentes e suas ações.

Na busca por investigar um destes possíveis fatores, esta pesquisa procurou estabelecer um diagnóstico acerca da formação profissional e da prática pedagógica utilizada pelos profissionais responsáveis pelo treinamento das equipes de categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sistemas defensivos.

Os dados encontrados caracterizaram estes treinadores como: adultos, não havendo prevalência de uma determinada idade, e com tempo médio de exercício da profissão de 13,12 anos. Na formação pedagógica prevaleceram profissionais graduados, destacando-se a formação em Educação Física. No processo de atualização profissional, a rede mundial de computadores e a ação de assistir jogos destacaram-se como principais focos de obtenção de conhecimento. O aspecto tático foi o fator que mais influenciou na busca por esta atualização.

Processos de planejamento da metodologia de treinamento e de avaliação não representaram algo cotidiano na vida profissional dos treinadores. Os métodos adotados para ensino e treinamento representaram outro fator de dificuldade de abordagem e utilização.

Esta pesquisa concluiu que os entrevistados possuem conhecimento acerca do que deve ser treinado, apesar do excesso de enfoque na tática coletiva. Porém, o grande problema, no exercício da profissão destes treinadores, trata da debilidade acerca dos conhecimentos didático-pedagógicos, apesar de 69,24% terem sido graduados. Faz-se necessário uma reflexão sobre esta constatação e uma busca por novos conhecimentos acerca da formação e atualização profissional dos treinadores.

Palavras Chave: basquetebol – formação profissional – prática pedagógica – sistemas defensivos.

ABSTRACT

The Formation and Pedagogical Practices of Coaches Responsible for the Base Categories of Rio de Janeiro's Male Basketball: Defensive Systems

Learning and Training

For

LEONARDO TOLEDO JOSGRILBERG

Castelo Branco University

December of 2007

Advisor: Prof.^a Fernanda Barroso Beltrão, Ph.D.

Number of words: 253

Brazilian Male Basketball is presenting a series of internal and external difficulties. In high performance sport, multiple factors influence the extent of success or failure. These factors enclose, necessarily, players, coaches, managers and their actions.

In the search for investigating one of these possible factors, this research sought to establish a diagnosis about the professional formation and the pedagogical practices used by the responsible for training the teams of base categories of Rio de Janeiro's male basketball, considering the development of the defensive systems.

The joined data had characterized these coaches as: adults, with no prevalence age, and with an average time of work of 13,12 years. In pedagogical formation had prevailed completed graduated, being distinguished it formation in Physical Education. In update process, the world-wide-web and the action of watch games had been distinguished as main targets of knowledge attainment. The tactical aspect was the factor that more influenced in search for this update. The processes of methodology training plan and the evaluation hadn't represented something daily in coaches professional life. The methods used for teaching and training had represented another factor of difficulty in approach and use.

This research concluded that interviewed coaches have knowledge about it must be trained, despite the over-focus in collective tactics. However, the great problem, in these coaches's work is the weakness of didactic-pedagogical knowledge, although 69.24% have been graduated. Now, becomes necessary a reflection on this finding and a search for new knowledge concerning the professional formation and update process of the coaches.

Key Words: basketball - professional formation – pedagogical practices - defensive systems.

SUMÁRIO

	Página
Lista de Anexos -----	14
Lista de Apêndices -----	15
Lista de Figuras -----	16
Lista de Quadros -----	18
Lista de Tabelas -----	19
Capítulo 1 – O PROBLEMA	20
○ Introdução -----	20
○ Problemática -----	22
○ O Problema -----	27
○ Definição de Termos -----	33
○ Objetivos do Estudo -----	34
▪ Objetivo Geral do Estudo -----	34
▪ Objetivos Específicos do Estudo -----	34
○ Identificação das Variáveis Dependentes -----	35
○ Justificativa do Estudo -----	36
○ Relevância do Estudo -----	37
○ Delimitação do Estudo -----	37
○ Limitação do Estudo -----	38
○ Pressupostos Teóricos -----	39
○ Questões a Investigar -----	42
Capítulo 2 – REVISÃO DE LITERATURA	44
2.1 Introdução -----	44
2.2 O Basquete e seus Aspectos Históricos no Brasil e no Mundo -	45
2.2.1 A Origem do Basquetebol -----	45

2.2.2 A Expansão e Evolução do Basquetebol -----	48
2.2.3 O Domínio dos Estados Unidos -----	51
2.2.4 Século XXI – Um Novo Paradigma -----	52
2.3 Características Essenciais do Basquetebol -----	53
2.3.1 O Jogo de Basquetebol -----	54
2.3.2 Os Fundamentos do Basquetebol -----	56
2.3.3 A Preparação Física e Psicológica no Basquetebol -----	66
2.3.4 A Organização Tática no Basquetebol -----	77
2.4 O Profissional, a Formação e sua Prática Pedagógica -----	82
2.4.1 A Formação do Profissional -----	83
2.4.2 A Prática Pedagógica -----	89
2.4.3 A Prática Pedagógica no Esporte -----	92
2.5 A Aprendizagem do Basquetebol e o Atleta -----	95
2.5.1 A Aprendizagem Esportiva e o Atleta -----	95
2.5.2 A Aprendizagem Motora no Basquetebol -----	100
2.6 Os Sistemas Defensivos no Basquetebol e sua Aprendizagem	110
Capítulo 3 – METODOLOGIA DO ESTUDO	121
3.1 Tipo de Pesquisa -----	121
3.2 Seleção dos Sujeitos -----	122
3.2.1 Universo dos Sujeitos -----	122
3.2.2 Amostra -----	123
3.3 Amostragem -----	124
3.4 Critérios de Inclusão -----	124
3.5 Critérios de Exclusão -----	125
3.6 Comitê de Ética -----	125
3.7 Procedimento para Coleta de Dados -----	126
3.8 Instrumento -----	127

3.8.1 Validação do Instrumento -----	127
3.8.2 Testagem do Instrumento -----	129
3.9 Tratamento dos Dados Coletados -----	130
3.10 Cronograma -----	131
Capítulo 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	132
4.1 O Processo de Formação Profissional -----	132
4.2 O Processo de Atualização e Aperfeiçoamento do Profissional	138
4.3 A Prática Pedagógica no Ensino dos Sistemas Defensivos -----	147
Capítulo 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	158
5.1 - Conclusões -----	158
5.2 - Recomendações -----	164
Referências Bibliográficas -----	165
Anexos -----	177
Apêndices -----	179

LISTA DE ANEXOS

	Página
ANEXO I – As treze regras oficias escritas pelo Prof. James Naismith	177
ANEXO II – Carta de Aceitação do artigo referente à dissertação -----	178

LISTA DE APÊNDICES

	Página
APÊNDICE I – Carta Convite -----	179
APÊNDICE II – Instrumento de investigação do estudo -----	180
APÊNDICE III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa -----	183
APÊNDICE IV – Estudo Piloto -----	186

LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1 – Áreas da meia quadra de ataque onde devem ser desenvolvidas as atividades de um contra um objetivando pressionar o jogador atacante de posse da bola -----	113
FIGURA 2 – Divisão da meia quadra de defesa em lado forte e fraco para aplicação dos princípios defensivos -----	114
FIGURA 3 – Percentual de Treinadores entrevistados por faixa etária -	133
FIGURA 4 – Média de idade, em anos, dos profissionais de acordo com a categoria que dirigem -----	134
FIGURA 5 – Média, em anos, do tempo de trabalho dos profissionais na função de treinador de basquetebol masculino das categorias de base -----	135
FIGURA 6 – Formação pedagógica dos profissionais entrevistados expressa em percentuais -----	136
FIGURA 7 – Experiência prática dos profissionais entrevistados expressa em percentuais -----	137
FIGURA 8 – Relação expressa em percentuais entre o tempo transcorrido e a participação dos profissionais em cursos e eventos de aperfeiçoamento ou atualização profissional -----	140
FIGURA 9 – Posicionamento dos profissionais entrevistados quanto à realização de cursos de aperfeiçoamento ou atualização profissional no ano de 2007 -----	141
FIGURA 10 – Posicionamento dos treinadores entrevistados quanto ao hábito da leitura e da certificação do texto lido -----	142
FIGURA 11 – Quantitativo de citações, feitas pelos entrevistados, acerca das páginas da internet, divididas em grupos de acordo com a característica de cada página -----	145
FIGURA 12 – Frequência média com que os treinadores assistem jogos de basquete, não considerando os jogos de sua equipe e das outras categorias de seu clube, pois, estes são disputados todos numa mesma data e em horários seqüenciais -----	146
FIGURA 13 – Motivos que levam os profissionais entrevistados a assistir partidas de basquete -----	146

FIGURA 14 – Tipo de defesa mais utilizada pelos treinadores entrevistados -----	149
FIGURA 15 – Número de ocorrências dos fatores que justificam a utilização do sistema defensivo individual segundo os treinadores entrevistados -----	149
FIGURA 16 – Número de ocorrências dos fatores que justificam a utilização do sistema defensivo individual segundo os treinadores entrevistados -----	153
FIGURA 17 – Posicionamento, expresso através de percentuais, dos treinadores quanto à realização de planejamento para a metodologia de ensino dos sistemas defensivos -----	154
FIGURA 18 – Percentual de treinadores entrevistados em relação à avaliação do processo de treinamento dos sistemas defensivos -----	157

LISTA DE QUADROS

	Página
QUADRO 1 – Periodização do processo de desenvolvimento esportivo para a etapa de iniciação, com um exemplo para o basquetebol -----	102
QUADRO 2 – Formas metodológicas de abordagem do s jogos esportivos coletivos. Fonte: De Rose Jr. 2006 – adaptado -----	108
QUADRO 3 – A Amostra do estudo -----	124
QUADRO 4 – Avaliação dos professores doutores acerca do instrumento de investigação deste estudo -----	128
QUADRO 5 – Páginas da rede mundial de computadores abordadas pelos treinadores entrevistados -----	144

LISTA DE TABELAS

	Página
TABELA 1 – Cronograma de execução da pesquisa -----	131

CAPÍTULO I

1.0. O PROBLEMA

“O Basquetebol brasileiro nunca esteve tão mal. A seleção masculina ficou fora das duas últimas Olimpíadas. As equipes de base não progredem [...]”
(Padilha, I. Revista Época, Abr/2005, p.50)

1.1 – Introdução

O basquetebol desde sua criação, no final do século XIX, tem se caracterizado segundo Hernandez Moreno (1998), como um esporte de oposição e cooperação, que envolve ações simultâneas entre duas equipes. Estas ações desenvolvem-se com tal dinamismo e velocidade que os atletas, em poucos segundos, atravessam, de um lado ao outro, a área da quadra de jogo, executando múltiplas ações motoras com coordenação e precisão. Tricoli & De Rose Jr. (2005) ainda abordaram a importância da variabilidade de ritmo e intensidade na execução destas ações. Nesta fluência, as cestas vêm sendo convertidas a todo instante. Até o espaço aéreo da quadra de jogo está sendo, cada vez mais, utilizado através da execução de saltos, vôos e movimentos de grande plasticidade, que causam perplexidade e alegria aos espectadores.

Observa-se, desde o início dos anos 90, um novo contexto caracterizando o basquete mundial. Um primeiro aspecto a ser destacado diz respeito aos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu a participação de atletas profissionais, revelando um processo de aproximação, entre a Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e a National Basketball Association (NBA) – liga profissional dos Estados Unidos.

Além disso, destacou-se ainda um outro fator relacionado ao campo político

quando, poucos anos antes dos Jogos Olímpicos de Barcelona, ocorreu a separação e subdivisão, de duas potências mundiais do basquete: a União Soviética e a Iugoslávia. Estas subdivisões originaram um montante de excelentes equipes como Lituânia, Ucrânia, Eslovênia, Rússia, Croácia, Sérvia e Montenegro entre outras.

A aproximação entre FIBA e NBA e, ainda, a questão política envolvendo União Soviética e Iugoslávia originaram uma mudança no paradigma até então estabelecido no basquete mundial: os Estados Unidos que dominavam o esporte, com o passar dos anos, deixaram de reinar absolutos neste cenário.

Este novo contexto do basquete mundial pôde ser, gradualmente, identificado após observação de alguns parâmetros: as regras utilizadas pelas duas entidades para reger o esporte convergiram para pontos mais próximos apesar de ainda existirem diferenças. Antes, porém, eram completamente distintas. O mercado dos Estados Unidos aumentou sua disponibilidade de vagas para jogadores (profissionais, amadores e universitários) de outras nacionalidades, tornando mais homogêneo o nível do basquetebol praticado em todo o planeta. Isto contribuiu para que outros países como Argentina (campeã olímpica em 2004), Itália (vice-campeã olímpica em 2004), Espanha (campeã mundial em 2006), Alemanha, França, Grécia (vice-campeã mundial em 2006) e Sérvia desenvolvessem seu esporte e atingissem ou estivessem próximos do patamar antes só ocupado pelos Estados Unidos.

Todo este contexto intensificou-se com o processo de globalização, fenômeno que permitiu a troca de informações contribuindo para evolução das ciências do treinamento desportivo, mas também para novas possibilidades de intercâmbio aproveitando um paradigma emergente em que foram difundidas para outras nações, as qualidades do basquetebol dos Estados Unidos como o domínio da técnica dos fundamentos, a forma de praticá-lo em alta velocidade e a capacidade

de tratar o jogo de basquete como espetáculo. Segundo Carvalho, W.

“o *show time* agora não é só uma preocupação do esporte profissional americano como também do basquetebol mundial. No basquetebol moderno, técnicos buscam encontrar a “química” necessária para formar equipes que possuam os ingredientes necessários que atraiam o público, como também a televisão e o marketing.” (2001, p. 17 – itálico do autor)

Desta forma, o universo do basquetebol passou e passa por um processo de globalização e democratização de informações: as entidades que regem o esporte caminharam numa mesma direção; o trânsito de atletas e profissionais apresentou-se com maior permeabilidade a todos e o público passou a ter a oportunidade de assistir e experimentar, em várias partes do planeta, a magia deste esporte.

1.2 - Problemática

O basquetebol brasileiro encontra-se, atualmente, também inserido neste novo paradigma. Desde a chegada deste esporte, em 1896, através do Prof. Augusto Shaw, em São Paulo, o Brasil tornou-se bi-campeão mundial (1959 e 1963)¹ e medalha olímpica de bronze (1948, 1956 e 1964)¹ no masculino, e, ainda, campeão mundial feminino (1994)¹, medalha olímpica de prata (1996)¹ e bronze (2000)¹ no feminino. Porém, nos últimos vinte anos, os resultados obtidos pelas seleções nacionais adulta, júnior (atletas até 21 anos) e juvenil (atletas até 18 anos) masculinas retrataram uma trajetória em sentido descendente dentro desta nova realidade mundial.

Individualmente, os atletas brasileiros estão conseguindo alcançar novos postos no âmbito internacional. Observou-se a presença de mais de trezentos atletas² atuando no exterior, defendendo as cores dos principais times da Europa,

¹ Disponível em www.fiba.com.

² Dados fornecidos pela CBB – Confederação Brasileira de Basquetebol

cursando e atuando em universidades nos Estados Unidos e cinco atletas contratados por equipes da liga profissional dos Estados Unidos, tal qual a Argentina³. Entretanto, as seleções nacionais do Brasil, neste período de vinte anos, não conseguiram se classificar para os dois últimos Jogos Olímpicos¹ (Sidney 2000 e Atenas 2004), a seleção juvenil não conseguiu se classificar para os campeonatos mundiais de 1999 e 2003 da respectiva categoria e a seleção júnior também não se classificou para o último evento mundial.

Um quadro que auxiliou a representar esta trajetória descendente passa pelas competições na América do Sul, em que o Brasil manteve sua hegemonia desde o início do século passado, mas nas últimas vinte competições masculinas, nas categorias adulto, júnior, juvenil e cadete (até 16 anos), o Brasil foi superado pela Argentina em dezesseis destes eventos e, em algumas destas competições, também por outros países, como a Venezuela e o Uruguai.

Apontar as causas destes resultados incompatíveis com o planejamento estabelecido pela Confederação Brasileira de Basquetebol e por suas comissões técnicas, tornou-se um processo extremamente complexo e delicado. No esporte de alto rendimento, o universo que envolve a atuação de uma equipe em uma partida ou competição abrange uma amplitude de fatores que dificulta a precisão para afirmar uma única causa responsável pelo insucesso. O resultado final é a consequência de um processo que envolve questões de ordem financeira quanto ao investimento e gestão de recursos; de ordem técnica (individual e coletiva); de ordem tática; psicológica, médica (contusões) além de outras tais como a harmonia entre os jogadores. Assim, compôs-se uma matriz ampla de difícil análise para os profissionais envolvidos.

³ Disponível em www.nba.com/brasil. - 05 atletas

Em uma observação mais superficial seria um caminho mais simples creditar o fracasso destas equipes à qualidade técnica individual dos atletas afirmando que o nível destes jogadores é inferior aos europeus, norte-americanos ou argentinos. Mas esta tese não se sustenta ao analisar-se individualmente a carreira destes atletas brasileiros que atuam, há algum tempo, nas principais equipes do basquetebol mundial, como descrito anteriormente, contribuindo para o sucesso destes times e sendo elogiados pelos profissionais e pela mídia local especializada em basquetebol. Em termos quantitativos, segundo dados da liga profissional dos Estados Unidos⁴, o Brasil, no ano de 2007, é um dos países com mais atletas em atividade, permanecendo atrás, somente, dos Estados Unidos e Servia.

Porém, ao analisar os vídeos e as estatísticas das partidas e, ainda, as reportagens da imprensa especializada referentes à cobertura das competições em que as seleções brasileiras estiveram envolvidas, um fato assume papel de destaque neste processo de análise: **a fragilidade e inconsistência da defesa brasileira**. Como exemplo, no último Campeonato Mundial Masculino Adulto (2006), o Brasil, antes de iniciar a competição, segundo análise do Comitê Organizador da FIBA, perdeu a condição de “cabeça-de-chave”⁵. Deixando, assim, de ser uma das quatro equipes principais da competição. Na divisão dos quatro grupos o Brasil foi direcionado para disputar, ainda na primeira fase, uma partida contra a equipe da Lituânia que ocupou esta condição de “cabeça-de-chave”, antes destinada ao Brasil. Ao final da competição a seleção brasileira, de acordo com as estatísticas⁶ do evento, foi, em média, o décimo ataque que mais pontos converteu na competição. Mas, como sua defesa foi, em média, a vigésima que mais cestas sofreu, a seleção nacional terminou o campeonato, no décimo-sétimo lugar. Em comparação, a

⁴ Dados disponíveis em www.nba.com

⁵ Cabeça-de-chave: Equipe favorita a terminar as disputas em primeiro lugar de grupo.

⁶ Disponível em www.cbb.com.br/competicoes.asp

seleção da Espanha, que foi campeã, apesar de ter apenas o segundo ataque mais produtivo, foi a defesa que menos sofreu cesta.

Constantemente, esta fragilidade para defender, ou seja, para evitar ou tentar evitar que a equipe adversária arremesse a bola com sucesso contra a cesta brasileira aparece como uma das causas que contribuíram para o fracasso da equipe. Mesmo com atletas de qualidade ofensiva indiscutível e compatível com o melhor nível do basquetebol mundial, a limitação defensiva individual e coletiva freia o desempenho, impedindo o sucesso do grupo.

No caso do basquete, segundo os estudos de De Rose Jr. (2002), Sampaio (1998) e Dias Neto (1996), os indicadores que mais contribuíram para a vitória no desfecho final dos jogos foram o mando de quadra (a equipe que compete em sua própria quadra possui maior probabilidade de êxito), o percentual dos arremessos convertidos de dois pontos⁷ e a quantidade de rebotes defensivos⁸ apanhados por uma equipe. Nas principais competições internacionais todos os jogos são disputados num mesmo ginásio, fato este que minimiza o primeiro indicador. O talento ofensivo de um atleta pode proporcionar um índice considerável de aproveitamento nos arremessos de dois pontos. Porém, caso a equipe não realize uma defesa eficiente, este talento estará sempre atuando sob a pressão de não poder falhar, pois a estabilidade do jogo estará centrada na conversão dos arremessos e, por conseqüência, em seu percentual de aproveitamento. Atuando sob pressão, a probabilidade de errar tende a aumentar, comprometendo este indicador.

Em razão disto, a defesa é um elemento fundamental para tornar possível

⁷ Relação expressa através de porcentagem entre o número de arremessos convertidos de dois pontos e o número de arremessos tentados de dois pontos. (**%2pts** = N° de arremesso certos ÷ N° de arremessos tentados x 100).

⁸ Rebotes apanhados pelos jogadores que estão na defesa.

vencer uma partida ou competição. Segundo Carvalho, W. (2001, p.105), “marcação agressiva e contra-ataque são a melhor combinação para o sucesso no basquetebol”. Através de uma defesa bem estruturada e eficiente, o índice de acerto dos arremessos do adversário diminui e o número de rebotes defensivos apanhados aumenta, o que proporciona um número maior de contra-ataques e de cestas convertidas com facilidade. Em alguns casos, equipes com talento e qualidade limitada, mas com um grande potencial defensivo, podem sofrer poucas cestas e conseguir muitos pontos através do contra-ataque. Morgan Wootten enfatizou esta tese abordando que

“uma equipe de talento mediano pode transformar-se uma equipe melhor do que a média se criar erros no adversário, forçar a ofensiva do adversário a trabalhar para toda ação que for iniciada, e não permitir arremessos fáceis. Mas isso não acontecerá, a menos que cada membro de sua equipe souber e executar técnicas e as táticas defensivas apropriadas.” (1992, p. 135 – tradução nossa)

Esta fragilidade defensiva, não só permite que o adversário atue confortavelmente, como não contribui para ações improvisadas e precipitadas que poderiam originar erros por parte do adversário e uma conseqüente recuperação da posse da bola para a equipe brasileira.

Diante da constância de resultados indesejáveis, nestes últimos vinte anos, da dificuldade de sustentar bons resultados baseados no talento ofensivo do jogador brasileiro e da percepção desta fragilidade defensiva, os profissionais que atuam no basquetebol nacional, ao menos em seus discursos, pareceram estar empenhados em melhorar a qualidade individual dos atletas e coletiva das equipes no que diz respeito às ações defensivas.

A ação de defender pode ter assumido um patamar capaz de tornar-se foco ou objetivo principal a ser abordado nos treinamentos. Assim, os treinadores, provavelmente, tendiam a estar caminhando na busca de novas técnicas,

exercícios, estratégias capazes de elevar o grau de eficiência e confiabilidade de seus sistemas defensivos. No planejamento das sessões de treino, quase sempre, deveria estar reservado um tempo precioso de seu montante total para atividades de defesa, na tentativa de qualificar estas ações.

1.3 – O Problema

Neste últimos vinte anos, criou-se uma expectativa por mudanças nas ações defensivas por parte dos atletas, que fossem capazes de proporcionar melhores resultados para as seleções e que pudessem ser comprovados através das estatísticas elaboradas em cada partida e nas competições. Esta expectativa, entretanto, não vem sendo concretizada.

No contexto específico deste estudo, a qualidade individual dos aprendizes (jogadores de basquetebol brasileiros), de uma maneira geral, como apresentado anteriormente, não tende a ser inferior aos jogadores de outras nacionalidades. Mas apresentaram dificuldades no momento de realizar ações individuais e coletivas defensivas de forma eficiente. As técnicas, táticas, exercícios (tarefas) e os métodos de trabalho foram democratizados através da rede mundial de computadores (Internet), de clínicas especializadas, de artigos, periódicos, livros e publicações especializadas em basquetebol. Em suma, a qualidade dos atletas e a veiculação do conhecimento e de informações, apesar de constituírem elementos participativos, podem não ser a essência deste problema do basquetebol nacional.

Segundo Gomes (1997), mudanças internas que se evidenciam por melhoria relativamente permanente no desempenho, são características essenciais da concretização da aprendizagem. O processo de ensino-aprendizagem já foi

abordado em diversos estudos ao longo do tempo e continua sendo amplamente estudado por professores e pedagogos em uma busca contínua de estabelecer uma forma mais eficiente de se ensinar e aprender. Diversos autores como Hercher (1983), Daiuto (1983), Almeida (1998), Guerrinha (2001) e Ferreira & De Rose Jr. (2003) em suas publicações, abordaram o basquetebol, sua metodologia de ensino, suas estratégias táticas, preocupando-se sempre em propor um número considerável de atividades que facilitaríamos a aprendizagem do aluno.

Porém, não basta ter acesso, seja na formação pedagógica, seja como ex-atleta, a um montante diversificado de atividades para estar capacitado a ensinar o basquetebol, nem qualquer outra modalidade esportiva. Especificamente, o basquete, segundo Tricoli & De Rose Jr. (2005, p. 124), “é composto por habilidades específicas (fundamentos) que, em sua maioria, são movimentos contínuos e combinados, desencadeados a partir de uma seqüência lógica”. Assim, qual seria a melhor forma de ensinar? Como conseguir eficiência ao ensinar o basquete e, em particular, as ações defensivas?

Neste processo de ensino-aprendizagem pode-se identificar a participação de três elementos fulcrais: o professor, o método e o aluno. Neto (1995, p.67) corroborou com esta idéia afirmando que “existe uma relação entre o professor, a tarefa e o aprendiz”. O professor assume o papel de escolher os métodos e conteúdos a serem abordados neste processo, segundo uma hierarquia de complexidade no momento de sua execução, bem como, de proporcionar motivação para que o aluno esteja em condições de aprender. Por isto, sua função requer algumas qualidades e habilidades específicas em seu perfil.

Portanto fez-se necessário uma investigação acerca do professor ou treinador responsável por orientar todo o processo de ensino-aprendizagem que se inicia

quando o aluno (atleta) ingressa no basquetebol e se conduz até que o mesmo atinja o estágio final proposto, considerando que cada estágio tem um significado para o atleta. A categoria de adultos é apenas um reflexo final de tudo que foi aprendido e desenvolvido ao longo do processo de formação e treinamento do atleta. Será que o profissional responsável por este processo está gabaritado para ensinar o basquetebol? Qual o processo de formação profissional pelo qual este treinador passou? Que vivências práticas foram experimentadas por este profissional? Será que este profissional passou por um processo de atualização compatível com a velocidade de elaboração e criação de novos conteúdos? Apesar disso, o Brasil possui atletas jogando nos principais centros mundiais.

Além do processo de ensinar e aprender, neste caso específico do basquetebol de rendimento ou alto rendimento está agregado o valor de competição com crianças, adolescentes e adultos. Este fato eleva ainda mais a abrangência de conhecimentos que devem ser dominados pelo profissional para que este possa desempenhar sua função de forma satisfatória, mantendo ciência no transcorrer do processo, sem deixar que ações sejam tomadas de forma aleatórias.

Todo o contexto abordado até aqui requer que o profissional: domine conhecimentos acerca dos principais fundamentos do basquetebol; domine os diversos métodos e maneiras de ensinar e desenvolver cada um destes fundamentos; possua a capacidade de identificar e corrigir diversos erros cometidos na execução de cada fundamento; esteja capacitado a identificar as características individuais e próprias do grupo de atletas com o qual irá trabalhar, entre outras necessidades. A ausência destas capacidades e conhecimentos pode, segundo Gomes (1997, p.19) “tornar o trabalho puramente mecânico em que o aluno se limitará a meramente reproduzir movimentos”.

Reproduzir movimentos sem que haja a fundamentação do processo e o entendimento do significado e motivo de execução de um determinado gesto motor torna-se bastante prejudicial ao aluno, inviabilizando a aprendizagem de novos movimentos com grau de complexidade superior. Reproduzir mecanicamente um movimento não caracteriza ganho de conhecimento, não caracteriza a execução de uma conduta motora dotada de consciência intencional típica de um conteúdo aprendido.

O profissional, além de estar capacitado a executar todas estas ações, necessita estar constantemente atualizando e reciclando seus conhecimentos sobre o basquetebol. O mundo atual é de incertezas. O que neste momento foi verdade absoluta, em questão de curto espaço de tempo pode se tornar algo ultrapassado e equivocado. Assim, a leitura de publicações específicas sobre basquetebol, a participação em eventos de caráter formativo e a busca constante por novas informações e discussões estabelecem um quadro de estar caminhando em paralelo com a evolução das pesquisas e ciências do basquete e do esporte em geral. Isto capacita o profissional a estar prestando a seus atletas um trabalho atualizado e de qualidade.

O aprimoramento do nível de especialização dos conhecimentos do profissional sobre o universo do basquetebol valoriza e qualifica ainda mais o trabalho a ser desenvolvido. Torna-se diretamente proporcional uma melhora na qualidade do trabalho a ser executado, em consequência do aumento do nível de conhecimento específico daquele que possui a função de organizar e gerir o processo de aprendizagem. Por isto, o fato de o profissional ter frequentado (ter se graduado em) uma universidade, bem como, de ter sido atleta profissional durante longo tempo, de procurar um curso de pós-graduação, de frequentar cursos de

atualização na busca de ampliar e aprimorar seus conhecimentos contribui diretamente na melhora da qualidade de suas ações.

Assim, considerando que, segundo Beltrão, Beresford e Macário (2002, p. 14) no âmbito da Universidade Castelo Branco, a Ciência da Motricidade Humana

“é a área do saber que estuda as múltiplas possibilidades intencionais de interpretação do Ser do Homem e de suas condutas e comportamentos motores no âmbito da fenomenologia existencial transubjetiva e da filosofia dos valores, ou seja, a partir da complexidade cultural de uma vida existencial inserida em um contexto de circunstância, de facticidade e de corporeidade de um “ser – Humano” do “ente” (do Ser do Homem), em permanente estado de necessidades, oriundas de suas carências, privações ou vacuidades de natureza: física/biológica; emocional/psicológica; moral/humana; sócio-histórica; e transcendente/cósmica. Tais possibilidades de interpretação são operacionalizadas de forma multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar e através dos mecanismos cognoscitivos da pré-compreensão, da compreensão fenomenológica, da compreensão axiológica, da explicação fenomênica e da ordenação axiológica.”

Tal construto permite uma gama considerável de interpretações. Dentro desse contexto, considerando o projeto de Estudos Pedagógicos da Motricidade Humana na sua linha de pesquisa que aborda os aspectos pedagógicos da Motricidade Humana tornou-se extremamente oportuno e pertinente realizar-se uma investigação acerca do processo de formação dos profissionais que exercem a função de técnicos de basquetebol no país.

Como o Brasil abrange dimensões continentais e não possui uma Escola Nacional de Treinadores, capaz de tornar homogênea a formação desses profissionais, esta pesquisa teve que selecionar, a fim de atingir a consecução de seus objetivos, referenciais estratégicos que pudessem servir de espelho para o âmbito nacional, além de poder fomentar outras pesquisas com outros grupos de treinadores.

Esta investigação partiu da premissa que a formação dos profissionais

responsáveis pelo ensino e desenvolvimento de equipes de categoria de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro encontra-se aquém das ações e conhecimentos necessários para a evolução das condições técnicas individuais e coletivas capazes de diminuir a debilidade dos sistemas defensivos.

A partir disto, este estudo tentou agregar informações sobre o grau de instrução, o nível de especialização, o tempo de vivência prática e de exercício na profissão, a busca de novas informações e de maior aprofundamento, bem como os reflexos deste contexto através das ações pedagógicas no ensino, treinamento e desenvolvimento de um conteúdo específico do basquete. Como veículo de tal abordagem, foi utilizado o conteúdo **defesa**, atentando para o tipo mais utilizado no basquetebol pelos treinadores, os métodos utilizados para ensino deste tipo de defesa, os pontos principais abordados na execução deste método, tudo isto, a fim de se estabelecer um diagnóstico capaz de contribuir para identificação da(s) causa(s) que limita(m) a evolução e a melhora das ações defensivas. Pois, do impacto das ações destes profissionais poderiam estar decorrendo resultados tecnicamente incorretos ou indesejáveis.

1.4 – Definição de Termos

Arremesso: Ato de impulsionar a bola em direção à cesta (VALDES, 1967, p. 165);

Contra-Ataque: Transição rápida da defesa para o ataque objetivando criar situações de superioridade numérica e de cestas de alta percentagem de aproveitamento (CARVALHO, W., 2001, P. 24);

Controle de Corpo: Capacidade de dominar o próprio corpo para realizar movimentos e gestos específicos do basquetebol (FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE

JUNIOR, 2003, p. 10);

Defesa: Conjunto de ações que buscam recuperar a posse da bola (WILLIAMS, J & WILSON, S, 1994, p. 110);

Dobra: Dois defensores pressionando o atacante que está de posse da bola (WILLIAMS, J & WILSON, S, 1994, p. 110);

Drible: Ato de bater a bola, impulsionando-a contra o solo com uma das mãos (FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE JUNIOR, 2003, p. 15);

Flutuação: Ação defensiva de afastar-se da bola ou de um atacante para se dirigir ao centro da defesa (WILLIAMS, J & WILSON, S, 1994, p. 111);

Manejo de Bola: Capacidade de Manusear a bola nas diversas situações do jogo (FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE JUNIOR, 2003, p. 12);

Passe: Lançamento da bola entre elementos de uma mesma equipe, com o objetivo de conseguir melhor posicionamento na quadra (FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE JUNIOR, 2003, p. 18);

Rebote: Ato de recuperar a bola após um arremesso não convertido (FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE JUNIOR, 2003, p. 36);

1.5 – Objetivos do Estudo

De acordo com a definição do problema anteriormente, enunciado, apresentar-se-a os objetivos propostos para o presente estudo.

1.5.1 – Objetivo Geral do Estudo

O objetivo geral deste estudo foi estabelecer um diagnóstico acerca da formação profissional e da prática pedagógica utilizada pelos profissionais responsáveis pelo treinamento das equipes de categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sistemas

defensivos.

1.5.2 – Objetivos Específicos do Estudo

- Verificar o nível de formação dos profissionais responsáveis pelo ensino do basquetebol nas categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro;
- Apurar se os profissionais graduados buscam aprofundar seus conhecimentos matriculando-se em cursos de pós-graduação;
- Investigar a formação dos profissionais em função da vivência prática experimentada;
- Investigar a relação entre a formação dos profissionais e o tempo de trabalho exercido no basquetebol;
- Identificar a participação destes profissionais em atividades (eventos, cursos, palestras, clínicas) que objetivam o aperfeiçoamento do ensino do basquetebol;
- Diagnosticar seus hábitos de pesquisa de informações especializadas sobre o basquetebol;
- Diagnosticar a frequência e o intuito com que os profissionais assistem partidas de basquetebol;
- Analisar a prática pedagógica realizada pelos profissionais no aprendizado e desenvolvimento dos sistemas defensivos;
- Analisar a metodologia de ensino adotada pelos profissionais no aprendizado e treinamento dos sistemas defensivos.

1.6 – Identificação das variáveis dependentes

Para o propósito deste estudo identificaram-se as seguintes variáveis:

- A formação dos profissionais responsáveis pelo ensino do basquetebol nas categorias de base do Rio de Janeiro;
- A vivência prática experimentada por estes profissionais;
- O tempo de trabalho exercido no basquetebol;
- A extensão e aprofundamento dos estudos destes profissionais;
- Os hábitos de pesquisa destes profissionais;
- O intuito com o qual o profissional assiste jogos de basquetebol;
- A prática pedagógica realizada pelos profissionais no desenvolvimento dos sistemas defensivos;
- A metodologia de ensino adotada pelos profissionais no desenvolvimento dos sistemas defensivos.

1.7 – Justificativa do Estudo

Esta pesquisa justificou-se diante da necessidade e urgência de preencher uma lacuna presente na atual situação do basquetebol brasileiro. Toda a comunidade que cerca e envolve esta modalidade esportiva deseja que o basquete retorne a um caminho de crescimento e desenvolvimento em sua manifestação de “esporte de alto rendimento” (Tubino, 2001, p.40), como estão caracterizadas as práticas esportivas da seleção brasileira masculina.

Porém, como retomar o crescimento? Como recuperar a hegemonia na América do Sul? Como estar presente nas principais competições internacionais, Campeonato Mundial e Jogos Olímpicos, apresentando-se em condições de buscar as primeiras colocações e, conseqüentemente, estar disputando as medalhas?

As pesquisas realizadas no Brasil sobre o basquetebol concentram-se, essencialmente, em dois focos: o **atleta** com suas qualidades e características

(fisiológicas, dermatoglíficas, antropométricas, biomecânicas, psicológicas, lesões adquiridas, etc.) e **o jogo e seus fundamentos** (estatísticas, influências, dribles, passes, arremessos, rebotes, manejo de bola, controle do corpo, etc.), através de seus métodos de ensino e das atividades propostas.

Entretanto, proporcionou-se pouco ou nenhum enfoque sobre aquele que realiza a gestão do todo o processo de ensinar, aperfeiçoar e desenvolver o basquetebol: **o treinador**. Ele é quem orienta o atleta da etapa de iniciação ao alto rendimento. Investigar sobre este profissional, sua formação e suas ações na gerência deste processo significa levantar dados e informações que podem contribuir para a retomada do caminho do crescimento.

1.8 – Relevância do Estudo

Este estudo é de suma importância para os profissionais que encontram-se envolvidos com o universo do basquetebol. Constituiu-se um importante e valioso instrumento de referência científica capaz de contribuir para este processo de investigação e descoberta de um caminho autêntico para a retomada deste esporte a patamares de excelência antes conquistados.

Estabelecido o quadro em que encontrou-se o profissional envolvido com o basquetebol das categorias de base do Rio de Janeiro, bem como a metodologia de suas ações pedagógicas no que diz respeito a ensinar e treinar uma das principais deficiências técnicas do basquetebol brasileiro, pôde-se realizar um importante passo para a melhora da qualidade da maneira de jogar basquete no Rio de Janeiro e no Brasil.

Através deste quadro puderam ser estabelecidos parâmetros capazes de orientar e aperfeiçoar a qualificação da formação pela qual percorrem estes

profissionais. Pois esta formação é o primeiro elo de um processo do qual surgem os atletas que, no futuro, irão representar o país.

Assim, através destas análises, discussões e ações, espera-se que o basquete brasileiro esteja, em um futuro próximo, mais bem qualificado.

1.9 – Delimitação do Estudo

No que se refere às fronteiras desta investigação, este estudo se restringiu a uma diagnose acerca da formação profissional dos responsáveis pelo processo de iniciação e desenvolvimento do basquetebol masculino do Rio de Janeiro. Como veículo de expressar a consistência desta formação profissional foi investigada a prática pedagógica utilizada por estes profissionais, em relação ao desenvolvimento dos sistemas defensivos.

Este estudo centrou sua investigação sobre profissionais que trabalham com equipes do gênero masculino, pois o contexto mundial do basquetebol que envolve as seleções femininas é completamente distinto e a seleção do Brasil encontra-se outra realidade.

Quanto aos critérios de estabelecimento da amostra, foi estabelecido um grupo com 52 (cinquenta e dois) profissionais responsáveis pelo processo de treinamento e desenvolvimento de equipes que disputem os campeonatos estaduais masculinos das categorias de base do Rio de Janeiro no ano de 2007. O estado do Rio de Janeiro foi escolhido por representar um dos principais centros de prática do basquetebol no Brasil. Neste estado está concentrado o segundo maior número de profissionais e atletas registrados na CBB, além de um dos maiores números de atletas e técnicos em atividade. As convocações das seleções nacionais (Cadete, Juvenil e Junior) quase sempre são realizadas por treinadores oriundos deste estado

e de São Paulo e os principais atletas convocados também atuam neste centro e em São Paulo.

Os profissionais que compuseram a amostra foram selecionados em função da disponibilidade de responder ao questionário proposto por este estudo.

1.10 – Limitação do Estudo

Em relação a limitação do estudo, esta pesquisa elaborou todo seu processo de análise comparando as informações existentes na literatura com as informações fornecidas pelos profissionais no momento de responder ao questionário aplicado. A veracidade das respostas concedidas pelos treinadores acerca de sua formação pode ter sido um fator limitante deste estudo e tratou-se de uma variável que não pôde ser controlada pelo pesquisador. Outro fator limitador desta pesquisa pode ter sido o excesso de utilização do sistema defensivo por zona nas categorias mirim e infantil e os níveis de conhecimento que os profissionais possuem em relação às essências e características do ensino dos sistemas defensivos.

1.11 – Pressupostos Teóricos

O presente estudo possui como pontos de sustentação pressupostos teóricos investigados por cientistas acerca de: basquetebol e sua caracterização, pedagogia do esporte e a formação de profissionais.

Tricoli & De Rose Junior (2005), organizaram uma abordagem, caracterizando uma visão científica acerca do contexto do basquetebol e suas aplicações práticas. Neste trabalho foram agregados estudos sobre os conceitos gerais do basquetebol, o processo de ensino e aprendizagem, a formação dos atletas, os aspectos fisiológicos, psicológicos e afetivos inerentes ao basquetebol.

Carvalho, W. abordou em seu trabalho todo o contexto que cerca a estruturação de um sistema de defesa eficiente, citando Knight⁹ para identificar que “os princípios básicos de um sistema de defesa são: pressão na bola, bloqueio das opções de passe, flutuação no lado oposto à bola, bloqueio de rebote e saída para o contra-ataque” (2001, p.105). O autor estabeleceu, ainda, dez regras básicas para aplicação prática destes princípios através de exercícios educativos, também apresentados em seu estudo.

Ferreira & De Rose Junior caracterizaram o processo didático-pedagógico sobre de ensino do basquetebol, exaltando a responsabilidade do professor na organização deste processo de ensino, tornando capaz de oferecer “uma evolução gradual nas dificuldades apresentadas, passando por fases que podem ser caracterizadas como: fase de aprendizagem, fase de fixação e fase de aperfeiçoamento” (2003, p.7). Os autores citam Mouly¹⁰ (1993) fazendo referência ao fato de que “não existe um único método a ser seguido. [...] as pesquisas sobre o método de ensino são contraditórias; isso quer dizer que não há uma clara definição da eficiência de um ou outro método”.

Gomes, W. (1997) em sua pesquisa levantou dados acerca daqueles que se dedicam ao ensino e aprendizagem da natação, considerando a formação e o conhecimento dos métodos de ensino. Verificou também, o processo de aperfeiçoamento e aprofundamento desta formação. Os resultados encontrados revelaram a presença de poucos leigos (sem a formação em Educação Física), a dificuldade no que tange ao conhecimento dos métodos de trabalho, pouca leitura de periódicos e um pequeno número de professores com pós-graduação. Como recomendação foi sugerido o oferecimento de cursos de reciclagem aos

⁹ KNIGHT, B. (1986-87). Video Tapes. Basketball Clinic #1 and #2. Katz Sports Presents.

¹⁰ MOULY, George Joseph (1993). Psicologia Educacional. São Paulo: Editora Pioneira.

profissionais da natação.

Oliveira & Paes (2004) em seu trabalho realizaram uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos modernos do jogo de basquetebol, englobando desde o processo de iniciação esportiva de crianças, passando pelo aperfeiçoamento e especialização de atletas jovens, culminado como os principais aspectos de preparação de uma equipe de basquetebol adulto, realizando uma aplicação prática das teorias discutidas nas mais recentes publicações científicas sobre o tema.

Rodrigues, J. (1995) em sua pesquisa descreveu e caracterizou o comportamento do treinador em situações de treino de voleibol. Este comportamento é o veículo de exposição de um conjunto de fatores (formação profissional, experiência, estado psicológico, etc.) que influenciam diretamente nos objetivos e, por conseqüência, nas sessões de treinamento, na aprendizagem dos atletas e nos resultados das equipes. Sua observação compreendeu o processo de preparação e de competição em busca do sucesso desportivo.

Shigunov (1992) investigou acerca da influência dos comportamentos de afetividade e instrução dos professores no grau de satisfação dos alunos, destacando que:

“não obstante o sucesso e a relação pedagógica passarem por muitos e complexos problemas, só haverá ensino real quando se encontrarem os caminhos para materializarem-se, mais no aspecto qualitativo, as intervenções do professor na sua tarefa, referentes às questões de ensino e da relação professor-aluno” (1992, p.6).

A pesquisa do autor concluiu que a idade parecia ser um elemento discriminador. Os alunos mais novos se expressam sobre aspectos da auto-estima e de seu interesse fazendo referências sobre a própria aula. Os mais velhos percebem as intervenções do professor e a própria aula de maneira mais crítica, estabelecendo juízo acerca da qualidade das intervenções, da disciplina durante o transcorrer da aula e da relação professor-aluno. Verificou-se, ainda, que os rapazes mostravam-se

mais satisfeitos que as moças em relação às atividades em que a competitividade se destacasse.

Beltrão (2002) abordando o processo de formação profissional identificou um conceito atualizado caracterizado como “qualquer experiência, dentro ou fora da escola, que tenha como meta preparar o indivíduo para cumprir, de forma efetiva e responsável, o seu papel de cidadão, colaborando na construção de uma sociedade melhor” (2002, p. 25).

1.12 – Questões a Investigar

A fim de atingir a consecução dos objetivos específicos propostos por este estudo foram estabelecidas questões capazes de nortear o trabalho descritivo:

- Qual o nível de formação dos profissionais entrevistados, responsáveis pelo ensino do basquetebol nas categorias de base do Rio de Janeiro?
- Os profissionais graduados buscam aprofundar seus conhecimentos matriculando-se em cursos de pós-graduação?
- Qual a formação dos profissionais em função de vivências práticas experimentadas?
- Qual a relação entre a formação dos profissionais e o tempo de trabalho exercido no basquetebol?
- Os profissionais buscam participar de atividades (eventos, cursos, palestras, clínicas) que objetivam o aperfeiçoamento do ensino do basquetebol?
- Os profissionais possuem hábitos de pesquisa de informações especializadas sobre o basquetebol?
- Qual a frequência com que os treinadores entrevistados assistem partidas

de basquetebol?

- Com que intuito os treinadores entrevistados assistem partidas de basquetebol?

- Quais as características da prática pedagógica realizada pelos profissionais no aprendizado e desenvolvimento dos sistemas defensivos?

- Quais os métodos de ensino utilizados pelos profissionais a fim de facilitar o aprendizado e o desenvolvimento dos sistemas defensivos?

- Como são aplicados estes métodos?

- A metodologia para o ensino e desenvolvimento dos sistemas defensivos é planejada?

- Esta metodologia é avaliada?

- Como é avaliada esta metodologia de ensino e treinamento dos sistemas defensivos?

CAPÍTULO II

2.0. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 - Introdução

O objetivo deste capítulo foi identificar, registrar e organizar estudos, investigações e experiências relativos à pesquisa no âmbito que envolve o Basquetebol. Foram considerados o processo de criação, as características essenciais, as relações entre os atletas/alunos e profissionais que participam deste contexto, bem como, os fatores e as circunstâncias que envolvem a preparação e a formação do profissional que irá atuar como responsável pelas equipes, especialmente no que diz respeito às suas intervenções pedagógicas relativas ao ensino dos sistemas defensivos. Pretendeu-se, assim, identificar e refletir sobre os principais paradigmas utilizados nesta prática pedagógica.

Procurando facilitar o entendimento deste trabalho, bem como atingir o objetivo deste capítulo, o conteúdo será apresentado em subtítulos, sendo apresentados na ordem a seguir: a) O Basquetebol e seus Aspectos Históricos no Brasil e no Mundo; b) Características Essenciais do Basquetebol; c) O Profissional, A Formação e sua Prática Pedagógica; d) A Aprendizagem do Basquetebol e o Atleta; e) Os Sistemas Defensivos no Basquetebol e sua Aprendizagem.

2.2 - O Basquetebol e seus Aspectos Históricos no Brasil e no Mundo.

Nesta etapa do trabalho buscou-se identificar informações e dados significativos acerca do processo de elaboração, aplicação e desenvolvimento de uma atividade que foi denominada de Basketball. Basquetebol é uma adaptação para a língua portuguesa da expressão de origem inglesa *Basketball* cujo significado remete ao lançamento de uma bola em direção a um cesto.

2.2.1 – A Origem do Basquetebol.

Salles & Salles (2006, p. 4) apontaram que:

“a origem do basquetebol é diferente de uma série de outros esportes que contêm elementos trazidos naturalmente de outros, como o futebol e o beisebol. Ele nasceu de forma intencional, como resposta a uma necessidade”.

Este esporte foi criado no final do século XIX, mais precisamente em dezembro de 1891, pelo Prof. James Naismith, que naquele ano era contratado do Springfield Collegge de Massachusetts, um colégio da Associação Cristã de Moços, como responsável pela instrução nas aulas de remo, luta, natação, cricket e boxe.

Segundo Contecha Carrillo, James Naismith:

“nasceu em 1861, em Ramsay, perto de Ontário, Canadá. [...] graduou-se “Bacharel em Artes”, aos vinte e seis anos, período durante o qual foi premiado duas vezes como melhor e mais completo esportista por suas proezas no rugby, atletismo, futebol americano, ginástica e lacrosse. [...] Morreu no ano de 1939. Era diplomado em teologia, psicologia e medicina, assim como professor de educação física e outras disciplinas em várias escolas da YACM e na Universidade do Kansas” (2001, p.1 – tradução nossa).

Naquela região dos Estados Unidos, o longo e rigoroso inverno tornava impossível a realização de qualquer atividade física ao ar livre, restringindo estas práticas a recintos fechados. As poucas opções de atividades limitavam os alunos a

entediantes aulas de ginástica (calistenia) que não estimulavam os rapazes a freqüentar nem se envolver com os conteúdos do curso.

Gutman (1989) registrou a percepção deste quadro, pelo Diretor do Springfield College, Sr. Luther Hasley Gullick, que convocou o Prof. James Naismith e confiou-lhe uma missão: pensar em algum tipo de atividade em conjunto que pudesse motivar os alunos durante as aulas em recinto fechado, que não fosse violento como o rúgbi, o futebol americano e o hóquei e que durante o verão também pudesse ser praticado ao ar livre.

Segundo a CBB:

“depois de algumas reuniões com outros professores de educação física da região, na busca de solucionar a questão, o Prof. James Naismith percebeu a dificuldade da sua missão e chegou a pensar em desistir, mas empreendedor como era, seguiu adiante e iniciou um processo de tomada de decisões”
(s/d – p.1).

Salles & Salles destacaram que:

“a primeira tentativa foi com o hóquei, que logo foi abandonada, porque jogar com tacos em cima do piso do ginásio seria muito perigoso. Houve uma tentativa também com o futebol, mas a área era pequena para muitos alunos e, também, com o forte chute deles, muitas janelas começaram a ser quebradas. Uma resposta o professor já tinha: era preciso conter a agressividade num espaço tão pequeno [...]” (2006, p. 4).

Depois de explorar várias possibilidades, alguns pontos fundamentais foram identificados: o jogo deveria ser praticado com alvo fixo, mas com algum grau de dificuldade; haveria a presença de uma bola, maior que a de futebol (*soccer*), para ser disputada com as mãos; a bola não poderia permanecer por muito tempo com um só jogador, além de não poder ser golpeada com as mãos fechadas (soco); os pés não seriam utilizados. Todas estas regras foram criadas a fim de diminuir a possibilidade de choques, contato físico e conflitos.

Segundo Contecha Carrillo (2001) o passo seguinte foi concretizar como

seriam os alvos e como a bola atingiria os mesmos. O primeiro pensamento foi de colocar “caixas” no chão como os alvos do hóquei e do futebol, mas, através de um “*insight*”, o Prof. James Naismith decidiu por colocá-las suspensas, a uma altura em que nenhum atleta pudesse alcançá-las. Assim, solicitou ao zelador da escola que arrumasse as caixas para serem pregadas na base da pista de atletismo que existia na parte superior do ginásio. Para surpresa do professor, o zelador retornou trazendo consigo dois cestos de pêssego, pois não havia caixas para serem utilizadas. James Naismith aproveitou-os, pregando-os no local imaginado, e, ainda, mediu a distância entre os alvos e o solo. Foram detectados exatos três metros e cinco centímetros. Neste momento surgia a cesta de basquetebol cuja altura permanece a mesma após tantos anos.

Em seguida, o Prof. James Naismith redigiu, rapidamente, as primeiras treze regras (anexo I) do jogo baseadas em algumas atividades e jogos recreativos já conhecidos.

Betrán (1992) registrou que no mês de dezembro de 1891 cristalizou-se a idéia do Prof. James Naismith e que o jogo esportivo por ele elaborado foi posto em prática no ginásio do Springfield College. Chegava, então, o momento da avaliação prática acerca da nova idéia. Foram identificados, pelo Prof. James Naismith, dois capitães para as equipes que escolheram seus companheiros e formaram dois grupos de nove jogadores para a disputa da primeira partida. Esta disputa foi marcada por muitas faltas, que foram punidas pelo Prof. Naismith, e, segundo Contecha Carrillo (2001, p. 2), foi onde “o aluno Willian R. Chas converteu a primeira cesta da história”. Neste momento, surgiu um novo problema: como retirar a bola dos cestos, já que os mesmos eram fechados no fundo? A solução encontrada foi a utilização de uma escada para a retirada da mesma. Meses depois o fundo dos

cestos foi retirado, acabando com este tipo de problema.

Contecha Carrillo (2001) destacou que o Prof. James Naismith procurou expandir as fronteiras de basquetebol para além dos muros do Springfield College. Rapidamente, as universidades dos Estados Unidos se preocuparam em montar programas que incluíssem esta nova modalidade, além de formarem equipas para representar as instituições. E, ainda no final do século XIX, o basquetebol deixaria de ser um esporte unicamente dos Estados Unidos, aportando na Europa e a América do Sul.

2.2.2 – A Expansão e Evolução do Basquetebol.

Segundo a FBERJ (s/d), no Brasil, o basquetebol foi trazido, em 1896, pelo professor norte-americano Augusto Shaw, que veio lecionar no Colégio Mackenzie, de São Paulo. A princípio, o basquetebol foi caracterizado, pelos brasileiros, como um esporte feminino, pois havia grande concorrência com o futebol, um esporte masculino, trazido, anos antes, por Charles Miller. No Rio de Janeiro, o principal centro de prática foi o ginásio da Associação Cristã de Moços, na Rua da Quitanda. Em suma, desde os primórdios do basquete no Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo foram e são os principais pólos de prática do esporte no país.

Segundo a CBB (s/d), o basquetebol foi se desenvolvendo nas Américas e na Europa sob a tutela da IAAF (Federação Internacional de Esportes Atléticos). Porém, o nível de desenvolvimento e aceitação da modalidade pelas pessoas foi de tal forma que tornou-se necessário criar uma entidade que cuidasse, exclusivamente, dos assuntos inerentes a essa modalidade. Dentro de um processo político de manutenção e/ou quebra de poder, em 1932 foi fundada a FIBA (Federação Internacional de Basquetebol Amador), órgão que só se tornou oficial em 1935 e que

ganhou consistência política quando em 1936, ocorreu a inclusão do basquetebol como esporte olímpico, durante os Jogos Olímpicos de Berlim.

Contecha Carrillo (2001) destacou que com o passar dos anos, o Basquetebol tomou parte de um processo de significativa evolução, sempre em busca de manter o foco nas questões acerca de diminuir, dentro de quadra, as possibilidades de violência e, ainda, com a preocupação de acompanhar a evolução tecnológica e de aumentar a dinâmica e o nível de motivação daqueles que o praticavam e assistiam.

Durante o século XX, o basquetebol foi se desenvolvendo de acordo com as alterações das regras, inicialmente propostas pelo Prof. James Naismith. Em cada momento, os professores e jogadores praticantes do basquetebol buscavam, dentro do que era permitido novas maneiras e caminhos que pudessem facilitar a chegada da bola ao cesto. Nesse crescimento é que foram desenvolvidas as técnicas ou fundamentos do jogo. Corroborando com este raciocínio, Salles & Salles observaram que:

“a importância dos fundamentos individuais de ataque se alterna com a história do basquete. Houve épocas em que o drible teve demasiada importância. Bons dribladores eram muito valorizados por suas habilidades específicas. Com a evolução do jogo e o aumento de sua velocidade, os passes começaram a ser importantes, passaram a ter uma posição de destaque, como um fundamento ofensivo mais rápido que o drible, pois permitem transportar a bola com mais velocidade e precisão pelos corredores e setores de ataque, gerando contra-ataques com mais sucesso. Porém, com o transcurso do tempo, devido à eficiência dos passes, muitos treinadores tentaram reduzir bem o uso dos dribles nos sistemas ofensivos de suas equipes, transformando o basquete num jogo mais de passes e, assim, desviando-se um pouco do princípio original do jogo, de James Naismith. Mas esses treinadores terminaram por descobrir o efeito espetacular do drible e sua potencialidade ofensiva” (2006, p. 7).

Algumas alterações nas regras primitivas foram fundamentais para que o basquete assumisse a estrutura e a dinâmica dos dias de hoje. Entre estas: o número de jogadores por equipe foi reduzido de nove para cinco a fim de aumentar o espaço útil dentro da área de jogo; criou-se uma restrição quanto ao número de

passos que um jogador poderia dar com a bola nas mãos, fato que introduziu o fundamento drible (quicar a bola) no esporte; foram introduzidas as tabelas (retângulos de madeira ou vidro que sustentam a cesta) para evitar que o público alterasse a direção da cesta durante um arremesso. Foi imposta uma limitação do número de faltas por jogador a fim de coibir a violência; foi limitado o tempo de posse de bola que a equipe atacante possui para tentar um arremesso e introduzida a linha de arremesso de três pontos.

Enfim, segundo Salles & Salles (2006, p. 8) “as regras foram o ponto de partida para a execução e desenvolvimento das técnicas ou fundamentos do basquetebol”. Estes, por sua vez, também foram o ponto originário da estruturação das táticas a serem colocadas em prática pelas equipes. Como exemplo, nos primórdios do basquete, diante da altura e dificuldade de se colocar a bola no cesto, os arremessos, para serem convertidos, eram realizados a pouca distância da cesta. Este fato levou os treinadores do início do século XX a orientarem seus jogadores para ocupar as regiões mais próximas à sua cesta defensiva, evitando, assim, que os atacantes ali se posicionassem para arremessar a bola. Isto obrigou os atacantes a arremessarem a bola de uma distância maior em relação à cesta e induziu os jogadores mais altos a se posicionarem próximos da cesta para receberem a bola por cima dos defensores. Surgia, assim, a defesa por zona (que será descrita na subdivisão acerca dos sistemas defensivos), o passe por cima da cabeça para que a bola chegasse aos jogadores mais altos e a posição de pivô¹¹.

2.2.3 – O Domínio dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos (EUA), país onde foi criado o basquetebol, foram o grande

¹¹ Pivô: Geralmente o jogador mais alto e mais forte do time. Normalmente joga de costas para a cesta.(Guerrinha, 2001, p. 38)

pólo de desenvolvimento do esporte no século XX. Neste país o basquetebol esteve intimamente ligado à cultura daquele povo. Em qualquer rua sem saída, nas praças, nos bairros podia se verificar a presença de uma tabela com uma cesta ou uma quadra de basquete. As escolas e universidades americanas incluíram o esporte em seus programas de educação e atividades extraclasse. Com isto, ao longo do século passado o basquetebol passou a ser praticado por centenas de milhares de norte-americanos, tornando esta atividade o segundo esporte mais praticado nos EUA, estando atrás somente do futebol americano.

As principais competições disputadas durante o século XX pelos Estados Unidos foram o Campeonato Mundial Adulto Masculino e os Jogos Olímpicos, ambos realizados de quatro em quatro anos, tendo sido interrompidos (não realizados) apenas em função da segunda guerra mundial. O domínio mundial dos EUA no âmbito do basquetebol durante o século XX pode ser verificado a partir dos estudos de De Rose Jr. O autor, em seu primeiro estudo, investigou e procurou mostrar fatos e números relacionados ao basquetebol masculino olímpico. O basquetebol, como citado anteriormente, foi incluído na programação oficial dos Jogos Olímpicos em 1936, em Berlim. Segundo o autor (2005):

“ao longo de todas as competições e apesar da contestada derrota para a União Soviética, na final dos Jogos Olímpicos de 1972 e o terceiro lugar nos Jogos de 1988 e 2004 os Estados Unidos da América do Norte não deixam qualquer dúvida quanto a sua predominância nesta competição mesmo com o surgimento de grandes e novas forças no contexto do basquetebol mundial. Em 16 edições olímpicas, Estados Unidos e Brasil foram os países que mais participaram (15 e 13 participações, respectivamente), o mesmo acontecendo em termos de jogos disputados. Em 852 jogos, Estados Unidos e Brasil foram os países que mais atuaram (118 e 100, respectivamente). Os americanos foram os mais vitoriosos (113), seguidos por russos (69) e iugoslavos (63). Somente 14 países, dos 51 participantes em todos os Jogos, tiveram a honra de conseguir as tão sonhadas medalhas: Estados Unidos (12), Rússia (9) e Iugoslávia (6) são os maiores ganhadores de medalhas de ouro”.

Em outro estudo, De Rose Jr. (2003), buscou através de uma análise histórica

e numérica dos resultados, traçar um perfil do Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino Adulto. Os resultados mostraram que:

o Campeonato foi realizado catorze vezes, desde 1950 na Argentina até 2002, nos Estados Unidos. Quarenta e oito países tiveram a oportunidade de participar do referido Campeonato, sendo que Estados Unidos e Brasil foram os únicos países a participar de todas as edições. Os norte americanos participaram do maior número de jogos (123), sendo também os mais vitoriosos (95 vitórias). [...] em relação ao aproveitamento de vitórias em relação ao número de jogos disputados, os Estados Unidos (95/123 - 77,2%) encontram-se apenas atrás da Rússia que apresenta o aproveitamento de 78,1%.

2.2.4 – Século XXI – Um novo paradigma.

Os fatos descritos no Capítulo I deste trabalho (introdução), como a reorganização política de países como Iugoslávia e União Soviética e, ainda, a maior permeabilidade do mercado do basquetebol dos EUA, acabaram por desenvolver o basquetebol em outras partes do mundo. Com isto, já no início do século XXI, os resultados finais das competições, analisadas nos estudos de De Rose Jr., apresentam dados diferentes em relação ao século passado. Segundo este autor (2005)

[...] Em 2004 aconteceu a primeira derrota norte-americana na era profissional do basquetebol nos Jogos Olímpicos. Foi contra Porto Rico, na fase de classificação (73 x 92) e outras duas derrotas aconteceram contra Lituânia e Argentina (respectivamente na fase de classificação e na semifinal), colocando os americanos na terceira colocação nos Jogos, o que pode ser considerado um fato inusitado pela qualidade dos jogadores. Nos mesmos jogos de 2004, outro fato chamou a atenção. Pela primeira vez um país sul-americano obteve o ouro olímpico. Confirmando sua ascensão no basquetebol mundial, desde o Campeonato Mundial de 2002 quando sagrou-se vice-campeã, a Argentina venceu a Itália para escrever seu nome definitivamente no quadro dos grandes ganhadores olímpicos. Por sua vez, a Sérvia e Montenegro (ex-Iugoslávia) saíam de um título mundial, em 2002, para decepcionar completamente com um décimo primeiro lugar, muito distante das tradições deste país no cenário do basquetebol mundial.

Quanto ao Campeonato Mundial Masculino, De Rose Jr. (2003, p.1) verificou que:

“curiosamente, os Estados Unidos, criadores do basquetebol e considerados como a grande potência mundial, constituíram-se em verdadeira decepção no campeonato de 2002, realizado em seu próprio território, obtendo um modesto sexto lugar, mesmo com a presença de astros da NBA”.

Em uma nova tentativa durante o Campeonato Mundial de 2006, realizado no Japão, os EUA novamente decepcionaram, obtendo apenas um terceiro lugar.

Os dados investigados e apresentados por estes estudos retrataram um quadro passado de hegemonia dos Estados Unidos, seguidos por outras potências como União Soviética e Iugoslávia. Para o século XXI, existe uma tendência de alteração do quadro de hegemonia de um país. Os fatos e números tendem a levar a análise do basquetebol atual, para o estabelecimento de um novo paradigma, em que novas forças deverão se consolidar nos próximos anos, tornando as competições cada vez mais equilibradas e atraentes.

2.3 - Características Essenciais do Basquetebol.

Nesta subdivisão do trabalho procurou-se evidenciar as características principais e essenciais acerca do basquetebol praticado no século XXI, capazes de influenciar e intervir direta ou indiretamente no processo de ensino e aprendizagem, tanto no que diz respeito ao papel do profissional na orientação do processo, quanto do aluno, beneficiário deste aprendizado.

2.3.1 – O Jogo de Basquetebol

O basquetebol foi objeto de estudo de diversos autores que buscaram abordar múltiplos temas dentro deste assunto. Os enfoques foram diversificados e, em várias destas investigações, o jogo foi definido ou caracterizado, a fim de facilitar a leitura. Alguns destes estudos são apresentados abaixo:

CBB (2004, p.1) definiu que “o jogo de basquetebol é jogado por duas equipes de cinco jogadores cada. O objetivo de cada equipe é marcar pontos na cesta de seus adversários e impedir a outra equipe de ganhar o controle da bola ou marcar pontos”.

Coutinho (2003, p.23) apontou que:

“o basquetebol é um dos esportes mais praticados em todo o mundo e isto acontece, muito provavelmente, pelas várias qualidades que lhe são atribuídas, ou seja: proporciona grande alegria e motivação aos praticantes; desenvolve diversas capacidades tanto de ordem motora como de ordem cognitiva e afetiva; pode ser praticado tanto competitiva quanto recreativamente; pode ser jogador por pessoas de quase todas as idades e sexo; pode ser jogador por em locais fechados e abertos [...]”.

Hernandez Moreno (1998) caracterizou o basquetebol como um esporte de oposição e cooperação, envolvendo ações simultâneas entre duas equipes (atacante e defensora) que ocupam um mesmo espaço, provocando contato direto entre os participantes.

Daiuto considerou que:

“o basquetebol é um esporte completo: uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diversos: é um jogo de coordenação de movimentos, de grande intensidade motriz, que permite o desenvolvimento de todas as qualidades que a vida moderna exige de cada indivíduo” (1983, p. 11).

Ferreira & De Rose Jr. (2003, p. 3) assinalaram que “o basquetebol é constituído por uma soma de habilidades específicas”, que podem se denominar fundamentos do jogo, que em sua maioria, são contínuas ou seriadas e que são executadas sob certo grau de imprevisibilidade, em função da influência de companheiros de equipe, adversários, limites de tempo e espaço, tornando o basquetebol um esporte dinâmico e variado.

Salles & Salles (2006, p.6) identificaram o basquetebol como “um jogo que exige uma série de capacidades inerentes ao rendimento esportivo. Para praticá-lo,

necessitamos de uma combinação de eficiência física e mental”.

Tavares (1993, p.119) registrou que:

“o jogo de Basquetebol apresenta uma estrutura de rendimento complexa devido às opções e variantes que possui e que colocam grandes exigências ao nível de seu sistema perceptivo, cognitivo e motor. Carecteriza-se, entre um vasto leque de fatores, pela velocidade das ações de seus jogadores, exigindo, igualmente, rapidez no processo de informação”.

Em suma, pôde-se identificar o basquete como uma modalidade esportiva que exige, em sua prática, o envolvimento de aspectos cognitivos, afetivos, psicológicos e motores a serem solicitados com rapidez e precisão. Na prática do basquetebol encontraram-se movimentos naturais como correr, saltar ou lançar. Porém, em função desta necessidade de velocidade e precisão, foram desenvolvidas técnicas individuais a fim de facilitar a prática do esporte e aumentar a eficiência.

Para praticar o basquete de forma competitiva faz-se necessário que os jogadores dominem as técnicas individuais (fundamentos) do jogo. Salles & Salles (2006, p.6) entenderam que “melhorar a técnica de um jogador supõe melhora para toda a equipe, pois os integrantes desta podem ser considerados como elos de uma corrente”.

2.3.2 – Os Fundamentos do Basquetebol

Os fundamentos em questão podem ser caracterizados como uma representação da técnica de um movimento que, segundo Barbanti (1984), “é a estrutura racional de um ato motor para atingir determinado objetivo; é a seqüência de movimentos de determinado gesto esportivo”.

Grosser e Neumeir (1982 p.11) entenderam a técnica como “o modelo ideal de um movimento relativo a uma disciplina desportiva. A realização do movimento ideal desejado, isto é, o processo para a execução da ação motriz por parte do desportista”. Greco & Benda (1988) acreditaram ser “a interpretação no tempo/espço e situação do meio instrumental operativo pertinente à solução da tarefa ou problema com o qual se defronta”.

Assim, aplicando os conceitos destes autores, pode-se entender os fundamentos, no caso do basquetebol, como gestos motores, com ou sem a bola, que estejam dentro das regras estabelecidas e que proporcionem eficiência no momento de praticar o esporte. Os fundamentos podem ser praticados isoladamente ou combinados com outros, sempre associados às capacidades motoras. A execução de um fundamento pode ser individual ou em parceria com um companheiro, dependendo da estrutura motora que compõe cada fundamento. Para o Comitê Técnico Espanhol de Basquetebol (1999), “o treinamento da capacidade técnica objetiva operacionalizar o momento de evolução e consolidação das habilidades motrizes básicas e específicas”.

Diversos autores como Salles & Salles (2006), Tricoli & De Rose Jr. (2005), Coutinho (2003), Ferreira & De Rose Jr. (2003), Carvalho, W. (2001), Guerrinha (2001), American Sport Education Program (2000), Almeida (1998), Williams & Wilson (1993), Wootten (1992), Daiuto (1983), de uma forma geral, classificaram os fundamentos em dois grandes grupos: fundamentos de defesa, caracterizados através de ações sem a posse da bola, e de ataque, executados com a posse da bola.

Os fundamentos de defesa puderam ser identificados através da execução de movimentos para tentar recuperar a posse da bola, em que os tipos mais comuns

são o controle de corpo e o rebote.

Acerca do controle de corpo, pôde-se entender como a capacidade de dominar o próprio corpo e seus segmentos no tempo e espaço exigidos nas diversas situações do jogo. Coutinho (2003, p.42) percebeu o controle do corpo como “a capacidade de movimentar-se e realizar os gestos específicos inerentes à prática do esporte. Este fundamento [...] servirá como base para a boa execução de todos os outros”. O autor destacou, ainda, os principais movimentos e gestos realizados neste fundamento: corridas (para frente, trás e lateral) em linha reta e com mudanças de direção; deslocamentos na posição fundamental; paradas bruscas; giros; fintas e saltos (com um ou dois pés).

Salles & Salles (2006) acrescentaram ainda as arrancadas, o pivotear – girar sobre um pé fixo no solo - e as mudanças de ritmo. Os autores (id, p.9) destacaram que:

“o equilíbrio do corpo é fundamental para a execução de qualquer fundamento técnico do jogo. O basquetebol é um dos desportos coletivos mais rápidos do mundo: o tempo de reação, execução e precisão são primordiais para o atleta. São três os requisitos básicos para dispor desse equilíbrio: adotar uma ampla e sólida base de sustentação, manter o centro de gravidade baixo, coincidindo ou ajustado com a base dos pés, e a cabeça erguida, já que é uma das partes mais pesadas do corpo. A posição básica é resultado prático do melhor equilíbrio do corpo”.

O American Sport Education Program (2000, p.81) enfatizou esta posição abordando que:

“a posição mais básica do basquetebol é a de expectativa. Os jogadores devem ficar com os braços relaxados e as pernas flexionadas, pés paralelos aos ombros e o peso distribuído ligeiramente para frente, na direção das pontas dos pés. A partir dessa posição, um jogador pode correr para frente ou para trás, mover-se para qualquer lado, cortar, girar e saltar”.

Almeida (1998, p.105) descreveu esta posição da seguinte forma: “os pés

afastados à largura dos ombros e um mais à frente que o outro. joelhos e quadris flexionados. Cotovelos flexionados com os polegares à altura dos ombros”.

Em suma, a posição fundamental ou de expectativa é a figura que melhor representa o controle do corpo, além de ser o ponto de partida para as diversas ações motoras citadas pelos autores no intuito de tentar recuperar a posse de bola ou de tentar impedir que o adversário arremesse contra sua cesta.

Sobre o rebote as publicações de Salles & Salles (2006), Coutinho (2003), Ferreira & De Rose Jr. (2003), Carvalho, W. (2001), Guerrinha (2001), American Sport Education Program (2000), Almeida (1998) afirmam que este consiste na recuperação da bola após um arremesso não convertido, proporcionando uma oportunidade de voltar a estar de posse da bola. Os autores destacaram que entre os fundamentos do basquete, este é um dos únicos a ser realizado na defesa, recebendo a identificação de rebote defensivo, e também no ataque, sendo caracterizado, neste caso, como rebote ofensivo.

Salles & Salles (2006, p.39) abordaram que

“[...] uma equipe que tem mais rebotes ofensivos e defensivos normalmente tem o controle da partida, porque tem mais chances de atacar. O primeiro proporciona mais oportunidades de fazer a cesta, enquanto o segundo limita os pontos do adversário e é mais conveniente para contra-atacar”.

Coutinho (2003) destacou algumas ações importantes para obtenção dos rebotes:

- **Ofensivo - localização da bola** – através de visualização; **sair do bloqueio do defensor** – tentar se aproximar da cesta; **salto e recuperação da bola** - saltar e agarrar a bola com as duas mãos; **aterrissagem** – de forma equilibrada; **finalização** – novo arremesso ou passe para um companheiro;

- **Defensivo - antecipar-se ao adversário** - estando concentrado para qualquer movimentação; **bloqueio do adversário** - impedindo que o atacante se aproxime da cesta e posicionando entre o atacante e a cesta, de frente para a mesma através de um giro; **localização da bola** – através de visualização; **salto e recuperação da bola** - esperar a bola tocar no aro, para saltar e agarrar a bola com as duas mãos; **aterrissagem** – de forma equilibrada; **finalização** – sair pela lateral da quadra, driblando ou passando a bola para um companheiro.

Os fundamentos de ataque, além de mais numerosos, possuem funções variadas, os principais tipos são: o controle de corpo; o manejo de bola; o drible; o passe; o arremesso e o rebote. Como controle do corpo e o rebote foram descritos anteriormente, neste momento serão enfocados: o manejo de bola; o drible; o passe e o arremesso.

O manejo de bola, segundo Almeida (1998, p. 44), é a maneira de “como segurar a bola com firmeza e não se machucar”. Coutinho (2003) acrescentou que este fundamento está relacionado com as diversas formas de manusear a bola, levando o aluno a se adaptar ao material e desenvolver a habilidade de dominar a bola. Salles & Salles (2006) destacaram a importância das ações de recepcionar a bola sempre com as duas mãos e de segurá-la sem que a mesma toque a palma da mão.

O drible, segundo Coutinho (2003, p.56), “corresponde à ação do jogador/aluno em impulsionar consecutivamente a bola contra o solo, podendo, para isto, utilizar-se de uma das mãos isoladamente ou as duas alternadamente”. O autor apontou que o drible deve ser utilizado para deslocar-se pela quadra com a posse da bola, para progredir com a bola em direção a cesta, controlar o ritmo de jogo,

para infiltrar¹² em uma defesa, para melhorar o ângulo de um passe e para proteger a bola. De acordo com a ação realizada, torna-se possível distinguir os dois tipos de drible citados pelo autor:

- **Drible Alto ou de Velocidade:** utilizado para deslocar-se pela quadra sem marcação mais severa. A bola, normalmente, sobe até a altura da cintura do jogador, quando é novamente impulsionada ao solo;
- **Drible Baixo ou de Proteção:** utilizado quando o jogador de posse da bola sofre uma marcação mais próxima. A bola, normalmente, sobe até a altura do joelho do jogador, quando é novamente impulsionada ao solo. Deve-se utilizar o braço e a perna opostos à mão que impulsiona a bola para proteção da mesma.

Salles & Salles (2006, p.35) apontaram a importância de quando e como utilizar o drible, além de destacar que:

“é preciso que o jogador aprenda desde o princípio a driblar sem olhar para a bola. Se o jogador finge não estar olhando para impedir que a bola escape, perderá de vista seus companheiros, os adversários e a real situação na quadra e terá como referência o solo e não a cesta”.

O passe é o fundamento que torna o jogo coletivo e dinâmico. Segundo Coutinho (2003, p. 76) o “passe é um fundamento de ataque que consiste em enviar uma bola de um companheiro a outro, podendo o aluno utilizar, para este fim, muitas formas diferentes de movimento”. Para Salles & Salles (id, p. 27) “a velocidade dos deslocamentos da bola favorece o jogo em equipe, considerando-se que os passes são mais rápidos que os dribles”. Assim, o passe é também considerado a forma mais rápida de avançar de um ponto ao outro da quadra de jogo. Peyró (1991)

¹² Infiltrar – “driblar a bola em direção ao interior da defesa”. (Wootten, 1992, p.167 – tradução nossa).

destacou a importância de o jogador adequar o tipo de passe a ser realizado à distância e estatura daquele que irá receber, além de levar em conta a presença ou não de defensores na trajetória que a bola irá percorrer.

Ferreira & De Rose Jr. (2003) destacaram diversas formas de realização do passe:

- **Passe de Peito:** Realizado com as duas mãos, em que a bola realiza uma trajetória em linha reta até o receptor. A bola parte da altura do peito daquele que executa o movimento. Utilizado para curtas distâncias;
- **Passe Picado:** Realizado com uma ou duas mãos, em que a bola em sua trajetória toca o solo antes de chegar ao receptor. Utilizado para desviar a bola dos defensores;
- **Passe de Ombro:** Realizado com uma das mãos, em que a bola realiza uma trajetória em linha reta até o receptor. A bola parte de cima do ombro daquele que executa o movimento. Utilizado para longas distâncias;
- **Passe por cima da Cabeça:** Realizado com as duas mãos, em que a bola realiza uma trajetória em linha reta até o receptor. A bola parte de cima da cabeça daquele que executa o movimento. Utilizado para passar a bola para jogadores mais altos;
- **Passe de Gancho:** Realizado com uma das mãos, em que a bola realiza uma trajetória parabólica até o receptor. O movimento do braço daquele que executa o passe é similar a um gancho. Utilizado para longas distâncias com a presença de defensores.

Quanto ao passe, Iglesias et al. (2004) investigaram a influência de um

programa de treinamento orientado na busca de aquisição de conhecimento sobre a tomada de decisões no momento de executar um passe numa situação real de competição no basquetebol. O estudo selecionou dois grupos: um de controle e outro que recebeu um treinamento orientado. O treinamento consistiu na gravação de cinco partidas de cada atleta do grupo. Após a edição dos vídeos foi realizado um encontro entre os pesquisadores e os atletas de forma individual. No encontro foram apresentados aos atletas duas seqüências uma com acertos e outra com erros nos passes. Cada atleta realizou, verbalmente, a análise dos momentos de jogo observados, procurando identificar os erros e acertos, os motivos que proporcionaram tais erros e acertos e as circunstâncias de cada momento. Os resultados demonstraram que o grupo de alunos que recebeu o treinamento produziu um aumento significativo na capacidade de análise tática do jogo e no percentual de acerto no momento de tomar a decisão de passar a bola em jogos subseqüentes, gravados e analisados pelos pesquisadores.

O arremesso, segundo Salles & Salles (id, p. 17), é o “fundamento de ataque que possui uma transcendência direta para o resultado de uma partida”. Coutinho (id, p.101) apontou que este fundamento “consiste no lançamento da bola em direção à cesta, com objetivo de marcar pontos”. Almeida (1998, p. 86) identificou quatro pontos fundamentais durante a execução do movimento do arremesso: “equilíbrio, o cotovelo da mão que arremessa deve estar posicionado embaixo da bola e apontando para cesta, olhar voltado para a cesta e finalização”. O American Sport Education Program (2000, p. 102) abordou o momento de finalização do arremesso destacando que “a bola deve realizar uma trajetória parabólica para entrar, suavemente, na cesta”. Tal trajetória torna-se possível a partir de uma extensão total do cotovelo referente ao braço que impulsiona a bola, além de uma

flexão do punho para promover um efeito na bola capaz de facilitar a entrada da mesma na cesta.

Quanto aos arremessos, Ugrinowitsch & Dantas, L. (2002) investigaram o efeito do estabelecimento de metas na aprendizagem deste fundamento no basquetebol. Essa estratégia de estabelecer metas foi utilizada com atletas de alto rendimento, mas os seus efeitos na aprendizagem de habilidades esportivas ainda não estão claros. Essa questão foi investigada em uma situação real de ensino. De acordo com os resultados, o estabelecimento de metas não auxiliou na aprendizagem do arremesso do basquetebol.

Ferreira & De Rose Jr. (2003) caracterizaram as diversas formas de arremesso no jogo de basquete:

- **Com um das mãos:** Realizado sem salto. Utilizado na cobrança dos lances-livres;
- **Jump:** Similar ao arremesso com uma das mãos apenas com a inclusão do salto. Utilizado para médias e longas distâncias;
- **Bandeja:** Caracterizado por dois tempos rítmicos ou passos. Utilizado nos contra-ataques e nas infiltrações após aproximação da cesta;
- **De gancho:** Arremesso em que o braço que lança a bola realiza trajetória similar a de um gancho. Utilizado pelos pivôs¹³;
- **Enterrada:** Caracterizada pelo jogador “prensar” a bola para dentro da cesta. Utilizada por jogadores altos ou com grande impulsão.

A aplicação dos tipos de arremessos nas diversas situações do jogo foi objeto de análise de alguns investigadores. Tais informações foram importantes a fim de contribuir para a otimização do processo de treinamento.

¹³ Pivô – “Geralmente o mais forte e alto da equipe. [...] Joga de costas para a cesta”. (Guerrinha, 2001, p. 38).

Brandão, Silva e Janeira (2004) realizaram um estudo comparativo entre o tipo e a eficácia dos arremessos em função do nível competitivo e da posição do jogadores. Os resultados detectaram que nos arremessos de lance-livre existe uma porcentagem maior de acerto que nos arremessos de 2 pontos, os também assumem maiores percentuais de conversão que os arremessos de 3 pontos. À medida que aumenta o nível competitivo diminui a utilização dos arremessos de 2 Pontos e aumenta o número de arremessos de 3 Pontos; Os arremesso do tipo bandeja é mais utilizado nas categorias inferiores do que nos adultos. Os armadores utilizam preferencialmente o arremesso de 3 Pontos enquanto os pivôs realizam em maior quantidade o arremesso de 2 Pontos; entre os pivôs, aqueles da categoria adulto são os que mais utilizam os arremessos de 3 pontos. Os alas são os jogadores mais solicitados e mais eficazes na generalidade das acções de finalização do ataque.

Lippert, Teixeira e Capinussú (2007) verificaram que as equipes brasileiras converteram 73% dos lances-livres durante os jogos do campeonato nacional masculino de 2004/2005. Detectou-se que não houve diferença significativa, tanto nas equipes vencedoras quanto nas perdedoras. Ambas erraram a mesma quantidade de lances-livres. Pareceu haver uma relação positiva de que as equipes que converteram mais lances-livres, normalmente, foram as equipes vencedoras. Porém, não se pôde afirmar que as equipes que perderam mais lances-livres são as perdedoras, pois foi verificado que as vencedoras perderam tanto quanto as derrotadas. Na verdade, em termos de proporção de acertos, pôde-se concluir que as quantidades de arremessos convertidos influenciaram no resultado final das partidas do campeonato.

Deng, Ding-wen e Zhen-ming (2004) realizaram uma análise acerca dos

arremessos de três pontos no basquetebol mundial de alto rendimento. Os resultados apresentados indicaram que as tentativas de arremesso de 3 pontos representam 24% das tentativas de 2 pontos. A média de arremessos de 3 pontos convertidos por partida é de 7,5 arremessos, o que representa, em média, 35% dos arremessos tentados de 3 pontos. Esta média equivaleu a apenas 16% dos arremessos de 2 pontos convertidos.

A verificação e avaliação da aplicação dos arremessos e de outros fundamentos do basquete durante as partidas são de suma importância a fim de se analisar a qualidade de jogo apresentada por uma equipe. Okazaki et al. (2004) apresentaram um estudo que identificou a frequência de utilização das técnicas de basquetebol em relação às funções dos jogadores (armadores, alas e pivôs). As técnicas analisadas foram: arremessos, dribles, passes, pontos, rebotes, bloqueios, bolas perdidas, bolas roubadas e posses de bola. O arremesso de *jump* (69,7%) e bandeja (16,7%) foram as técnicas de arremesso mais utilizadas. O passe de peito (44,1%), por cima da cabeça (24,0%) e ombro (20,1%) foram as técnicas de passe mais utilizadas. Os armadores utilizam mais a técnica de drible (45,8%), além de perderem (22,9%) e roubarem mais a posse da bola (30,0%). Os alas arremessam mais à cesta (19,8 arremessos/jogo). Os pivôs apanharam um maior número de rebotes (9,4 rebotes/jogo) e realizaram bloqueios (1,1 bloqueio/jogo).

O diagnóstico técnico dos jogos permitiu identificar quais técnicas foram mais utilizadas pelos jogadores de basquetebol profissional, além de identificar quais possuem maior aproveitamento. Com estes dados em mãos, os profissionais podem organizar de forma mais eficiente o plano de treinos.

2.3.3 – A Preparação Física e Psicológica para o Basquetebol.

Lamas (2006) abordou que o treinamento físico no Basquetebol tem como finalidade elevar a intensidade com que o jogador executa as ações técnicas ao longo de todo o jogo. O caráter intermitente e o conteúdo variado dos períodos de esforço e recuperação no jogo de basquetebol tornam complexa a análise da interação das variáveis fisiológicas envolvidas no desempenho. As vias energéticas atuam tanto na produção de energia para as ações do jogo quanto para a ressíntese rápida dos substratos utilizados. Fatores neuromusculares determinam aspectos qualitativos importantes envolvidos nos gestos técnicos, como taxa de desenvolvimento de força e o impulso. A limitação no conhecimento sobre as interfaces dos aspectos energéticos e neuromusculares no basquetebol é determinante para a qualidade do treinamento que se desenvolve atualmente.

Oliveira, Oliveira & Paes apontaram que:

com a evolução da ciência e da tecnologia, e sua conseqüente aplicação no desporto, além de modernizar a preparação do jogador de basquetebol, ocorreu um grande impacto entre os cientistas, trazendo mudanças significativas no decorrer das ultimas décadas (2004, p.13).

Esta evolução proporcionou não só novas tendências na aplicação prática do treinamento de atletas, mas também impulsionaram a publicação de um montante de estudos que destacaram características específicas do treinamento desportivo voltadas para o basquetebol. Nestes trabalhos foram abordadas múltiplas facetas da preparação para a prática deste esporte, como: o perfil físico, social e psicológico dos atletas; as características da estruturação dos planejamentos, das necessidades fisiológicas do jogo, entre outras. Entre estas publicações destacam-se estudos acerca da quantificação dos movimentos e habilidades motoras realizados durante partidas oficiais. Alguns destes trabalhos são comentados a seguir.

Dias Neto (1995) verificou que a distância média percorrida pelos jogadores em uma partida foi de 3631,53 metros, durante 34,54 minutos, em média. Isso, equivale, proporcionalmente, a um total máximo de 4186,55 metros durante os 40 minutos da partida. O estudo concluiu também que o basquetebol é um esporte de ocorrências acíclicas, no qual as habilidades motoras se alternam influenciadas pelas características dos atletas, pelas posições dos jogadores e pelos esquemas táticos. Os dados coletados não apresentaram diferenças significativas para um tratamento diferenciado quanto às exigências físicas, entre os jogadores de diferentes posições.

Entretanto, Araújo (1982) investigou o desenvolvimento de habilidades motoras em jogos do campeonato nacional de basquetebol. As ações analisadas levaram em consideração a posição que os atletas ocupavam. Assim, foi detectada a realização média por partida de 28, 29 e 20 tiros de velocidade de, aproximadamente, 20 metros, para armadores, alas e pivôs, respectivamente. Os saltos apresentaram resultados de 25, 40 e 58 para armadores¹⁴, alas¹⁵ e pivôs, respectivamente. Estes fatores apontaram para a importância de um trabalho físico específico voltado para o basquetebol, baseado na velocidade de reação, deslocamento em regime de resistência, força explosiva e agilidade.

Corroborando com a importância de focar as qualidades físicas supracitadas, Kokubun & Daniel (1992) realizaram um estudo, envolvendo jogadores de basquetebol adultos, em que foram feitas avaliações enfocando a velocidade em tiros de 30 e 1200 metros, as ações ocorridas em jogos destes atletas através da filmagem de partidas dos mesmos, além da análise do acúmulo de lactato nas

¹⁴ Armador – Jogador de baixa estatura, de grande habilidade e responsável pela organização da equipe na quadra. (Guerrinha, 2001, p. 36)

¹⁵ Alas – Jogador com maior volume de jogo. Muito hábil e forte. Deve saber infiltrar em uma defesa e arremessar de longa distância. (Guerrinha, 2001, p. 37).

atividades. O estudo concluiu que utilizou-se predominantemente, o metabolismo láctico.

Vidal Filho (2001) fortaleceu a idéia de predominância do metabolismo anaeróbio láctico quando identificou a utilização por adolescentes, na prática do basquetebol, do sistema anaeróbio glicolítico durante a maior parte do tempo de sua prática. Foi observado também que a frequência cardíaca dos atletas permaneceu entre 85% e 95% da frequência cardíaca máxima e que durante 41% do tempo os atletas permaneceram jogando em zonas de acúmulo de lactato.

Carucio (2001) também corroborou com esta idéia investigando o nível de esforço ocasionado pela atividade competitiva de basquetebol em atletas da categoria mirim (atletas até 13 anos). O estudo evidenciou uma frequência cardíaca média de 181 bpm¹⁶, tendo como frequência cardíaca mínima 124 bpm e máxima 214 bpm. Estes resultados seguindo a classificação de Zakharov (1992), constataram que foi desenvolvido um trabalho predominantemente anaeróbio, ou seja, a frequência cardíaca alcançada esteve acima de 180 bpm.

Quanto ao perfil dos atletas, no campo da psicologia, Vasconcellos & De Rose Jr. (1993) entrevistaram jogadores de basquetebol da seleção brasileira adulta (masculina e feminina) e juvenil masculina. Observou-se que as mulheres assumem um nível de stress superior aos homens. As situações que mais causaram stress aos atletas dizem respeito às falhas técnicas como os erros do arremesso de lance-livre; à incapacidade física, que se mostra em casos em que é preciso o atleta atuar machucado e à aspectos sociais, como deixar a quadra desclassificado com cinco faltas¹⁷.

De Rose Jr., Deschamps e Korsakas (1999) identificaram quais as situações

¹⁶ Bpm – Batimentos por minuto - unidade de medida da frequência cardíaca.

¹⁷ Um jogador é desclassificado quando comete sua 5ª falta pessoal. Assim deve deixar a quadra de jogo não podendo atuar mais naquela partida. (CBB, 2004, p.36)

diretamente relacionadas ao processo competitivo que são consideradas como causadoras de “stress” por atletas de basquetebol. As entrevistas apresentaram situações geradas a partir dos seguintes *fatores específicos*: estados psicológicos, aspectos físicos, jogo, preparação da equipe, pessoas importantes, planejamento/organização e avaliação social. Os estados psicológicos e os aspectos físicos foram fatores gerais competitivos individuais. Entre as vinte situações citadas acerca destes dois fatores gerais competitivos individuais, dezesseis destas estavam relacionadas aos estados psicológicos (medos, inseguranças e pressões internas). As demais variáveis foram denominadas fatores gerais *competitivos situacionais* (94 situações). Quarenta e quatro delas estavam relacionadas ao jogo (importância/dificuldade, técnico, companheiros, adversários, arbitragem e a própria competência). Outras fontes importantes de “stress” identificadas foram: pessoas importantes (26 situações) e planejamento/organização (14 situações).

De Rose Jr. et al. (2004) identificaram quais as principais situações de “stress” em jogo, de acordo com a opinião de atletas juvenis praticantes de modalidades esportivas coletivas. Os resultados mostraram que as situações mais freqüentes apontadas como causadoras de “stress” pelos atletas foram: errar em momentos decisivos, perder jogo praticamente ganho, repetir os mesmos erros, arbitragem prejudicial e cometer erros que causem a derrota da equipe. As situações relacionadas com as competências individuais e coletivas foram as mais citadas pelos atletas. As situações relacionadas a pessoas importantes (técnicos, arbitragem e companheiros de equipe) também foram identificadas como importantes pelos atletas.

Marques & Rosado (2005) verificaram e analisaram as situações estressantes vivenciadas por uma equipe de basquetebol profissional. As situações estressantes

identificadas relacionaram-se com os aspectos organizativos, aspectos gerais e específicos da competição e do treino, custos e exigências da modalidade e aspectos do desenvolvimento da carreira. As principais conclusões deste estudo indicaram que alguns dos fatores surgem de todos os aspectos da experiência competitiva. As situações mais mencionadas pela amostra foram as viagens e questões financeiras (aspectos organizativos), situações pessoais e gerais do jogo (aspectos específicos da competição), a participação coletiva (aspectos do treino) e questões relacionais (aspectos do relacionamento com os outros).

De Rose Jr., Pereira & Lemos (2002) observaram que a arbitragem é um dos aspectos mais polêmicos de uma competição esportiva. Porém, os árbitros têm sido pouco estudados e, portanto, pouco se sabe sobre como eles observam e se sentem nesse processo competitivo e quais as situações de jogo que lhes causam “stress”. Os autores procuraram identificar quais as situações de jogo são causadoras de “stress” para esses oficiais. Os resultados mostraram que as situações envolvendo agressões ou tentativa de agressões foram as mais freqüentes, seguidas por situações envolvendo fatores de desempenho no jogo. As situações mais críticas de “stress” citadas também envolveram as agressões, questões éticas e atuação no jogo.

Em suma, os estudos voltados para o campo da psicologia diagnosticaram quadros diferentes para o “stress” apresentados por oficiais e jogadores. Enquanto para os oficiais destacaram-se o medo de agressão e de avaliação de sua conduta ética, para os atletas o medo de errar e, por conseqüência, perder uma partida despontou como principal foco de “stress”, capaz de dificultar a atuação dos jogadores.

No âmbito da antropometria e fisiologia, Neto & César (2003) realizaram um

estudo acerca da avaliação da composição corporal de atletas brasileiros adultos de basquetebol. Os resultados encontrados verificaram que a estatura é determinante na performance dos jogadores por posição. Os pivôs apresentaram-se mais pesados, apresentaram também maior IMC. O grupo dos pivôs apresentou maiores percentuais de: gordura, peso da massa magra, peso de gordura, soma das nove dobras, soma das dobras de tronco e soma das dobras de membros, comparados aos demais grupos, que não apresentaram diferenças entre si.

Gillam (1990) avaliou jogadores de basquetebol e universitários não atletas, detectando que em média os jogadores de basquetebol foram 10,53 centímetros mais altos, 9,39 quilos mais pesados e 3,33 mais baixos para valores de endomorfia¹⁸. Em termos fisiológicos, os jogadores se sobressaíram nos parâmetros de potência de membros inferiores, de velocidade e agilidade e na resistência de membros inferiores. Não houve variáveis significativas quanto às avaliações de flexibilidade e consumo de oxigênio.

Tricoli, Barbanti & Shinzato (1994) avaliaram jogadores de basquetebol e voleibol adultos. Os jogadores de basquetebol apresentaram-se mais pesados, com maior quantidade de gordura e massa magra. Os jogadores de voleibol apresentaram melhores resultados no salto vertical e em potência muscular com velocidade de 60, 180 e 240 graus por segundo. Os jogadores de basquete apresentaram melhores resultados na potência muscular com velocidade de contração de 300 graus por segundo. Concluiu-se ser esta velocidade específica um conceito importante para desenvolvimento da potência muscular no basquetebol.

Em função das mudanças citadas por Oliveira, Oliveira & Paes (2004), acerca da ciência e tecnologia, nos últimos anos o jogo de basquetebol aumentou seu

¹⁸ Endomorfia – “Predominância relativa de uma redondez suave e de vísceras digestivas grandes” Powers & Howley (2005).

dinamismo e velocidade proporcionando alterações na forma e maneira de preparar aqueles que o praticam voltado para competição. No âmbito da preparação física, segundo os mesmos autores,

“pretende-se desenvolver as capacidades físicas: força, velocidade, resistência, flexibilidade e coordenação geral e especial, aliadas às competências técnico-táticas para alunos/atletas, desde as fases de iniciação em basquetebol até o aperfeiçoamento em busca do profissionalismo. Deve-se considerar a organização pedagógica dos conteúdos de forma planejada para aplicação prática” (2004, p. 13).

Sobre o planejamento para melhora da performance na prática do basquetebol, pode-se observar um vasto campo de estudos. Alguns destes, já publicados, são destacados a seguir:

Balbino (1993) analisou o processo de preparação física realizado com a equipe da Associação Atlética Ponte Preta de Campinas. Para tal análise foi realizada uma avaliação inicial da potência muscular dos membros inferiores das atletas e uma reavaliação após um período de nove semanas de treinamento. O trabalho consistiu-se de exercícios de musculação, saltos e corridas. Na reavaliação verificou-se melhora nos resultados individuais das atletas e uma relação positiva entre o número de contra-ataques realizados e sofridos durante o campeonato. Tal relação também mostrou-se positiva quanto ao número de pontos convertidos e sofridos.

Oliveira & Paes (2003) investigaram como se deu o treinamento dos conteúdos da preparação física e técnico-tático no processo de especialização dos atletas da seleção brasileira de basquetebol adulto masculino que representaram o Brasil no campeonato mundial em Indianápolis - 2002. Os resultados demonstraram que nos conteúdos de treinamento físico observou-se maior ênfase nas corridas longas, saltos em escadarias, piques fora dos espaços de jogo, considerados pela

literatura como preparação generalizada. Quanto aos conteúdos do treinamento técnico, percebeu-se a presença fundamental de exercícios analíticos e algumas situações de jogo. Quanto aos conteúdos do treinamento tático pôde-se perceber a presença constante de jogadas ensaiadas. Não houve periodização do processo, nem sistematização dos conteúdos e também aconteceu a repetição exacerbada de uma só metodologia, tornando-se equivocada a organização do treinamento no que diz respeito às idades predominantes ao desempenho e aos conteúdos específicos durante muitos anos.

Pinto, Gonçalves e Graça (2001) analisaram as cargas de treino e competição de jogadores iniciantes no basquetebol. Os resultados encontrados demonstraram que o valor percentual do volume de treino dedicado à preparação física é de 16%, à preparação tática é de 40%, e à preparação técnica é de 44%. Os valores percentuais do volume de treino relativos a qualquer uma das capacidades motoras foi baixo, sobretudo para as capacidades coordenativas (1,32% do total do tempo de treino), para o treino da força (2,80%) e de velocidade (1,22%).

Aproveitando os resultados dos estudos descritos neste capítulo, pode-se buscar a essência do processo de preparação voltado para o basquetebol. De acordo com a literatura, o processo requer focos: no desenvolvimento da força, velocidade, resistência e coordenação em suas mais diversas formas de manifestação e no desenvolvimento dos fundamentos do esporte em consonância com a especificidade de suas aplicações nas partidas. Estes desenvolvimentos podem minimizar, de acordo com as publicações, os principais fatores de “stress” presentes nos atletas do basquetebol, como o medo de errar e comprometer o resultado das partidas.

Em sua abordagem, Tricoli & De Rose Jr. (2005, p.4) destacaram que “a

prática do basquetebol exige o desenvolvimento de três capacidades motoras condicionais básicas: força, resistência e velocidade”.

Goldspink (1992) conceituou força de forma estrutural como “a capacidade de o músculo produzir tensão”. A força é solicitada no basquetebol durante a realização dos saltos, corridas e na execução dos fundamentos técnicos, citados na etapa anterior deste estudo. Os exercícios de força são essenciais à preparação para o Basquetebol, pois, segundo Verkhoshansky (1995), não são utilizados somente para desenvolver força muscular, mas servem, diretamente, para o desenvolvimento da velocidade e coordenação de movimentos, rapidez das reações motoras e capacidade de relaxar os músculos, visto pelo lado desportivo.

Em consonância com esta afirmação, Marques, M. & Gonzáles-Badillo (2005, p.1) entendem que:

“em basquetebol, para além do trabalho específico das habilidades motoras, técnicas e táticas próprias do jogo, há que cuidar dos aspectos diretamente relacionados com a força muscular, que se assume como uma capacidade importante para aumentar o rendimento dos jogadores de basquetebol”.

Para sustentação desta tese Marques, M. & Gonzáles-Badillo realizaram um estudo (2005) com o intuito de refletir sobre as questões relacionadas com o desenvolvimento da força explosiva em jogadores de basquetebol (pré-púberes), quando aplicado um treino de força (pesos livres), tentando perceber os seus efeitos, por oposição à não utilização de qualquer tipo de treino com cargas. Os resultados finais indicaram que os jogadores submetidos a um trabalho com pesos livres melhoraram significativamente a força explosiva medida através do salto vertical com e sem contra-movimento. Entendeu-se que um trabalho ligeiro de força dinâmica com pesos livres pode ser eficaz em crianças de 10 a 13 anos de idade para a melhoria da capacidade de salto vertical.

Tricoli & De Rose Jr. (2005) entenderam que a resistência é a responsável pela manutenção do estado básico do atleta e pela eficiência e intensidade dos movimentos específicos do jogo, e que a velocidade é fundamental para garantir ao atleta a capacidade de deslocar-se ou responder aos estímulos visuais e auditivos, percebidos durante o jogo, estando com ou sem posse da bola.

Moraes & Pellegrinoti (2005, p. 126) evidenciaram a importância da velocidade como:

“uma característica neuromuscular, que está presente em vários esportes, constituindo-se como um fator importante para o rendimento desportivo. No basquetebol, essa capacidade tem um papel importante no desenvolvimento físico do atleta e interfere diretamente na sua performance dentro do jogo. Caracterizado como desporto coletivo e intermitente o basquetebol é desenvolvido em grande velocidade com constantes mudanças de intensidade, solicitando do atleta o máximo rendimento físico. O treinamento pliométrico estruturado dentro dos padrões científicos mostra-se ser um método eficiente para desenvolver e melhorar a performance da velocidade motora”.

Em um estudo estes autores verificaram a performance da velocidade em atletas de basquetebol após a aplicação de um programa de treinamento de saltos, através do teste de velocidade de 35 metros. As análises feitas das alterações funcionais ocorridas demonstraram que esse tipo de treinamento promove um incremento suficiente da capacidade de velocidade e, conseqüentemente, em seu nível de jogo.

Kokubun, Molina & Ananias (1996) investigaram a velocidade em jogos de basquetebol. Suas durações e intensidades de períodos de esforço e de pausa são importantes fatores de influência na demanda fisiológica no exercício. O exame mostrou que no basquetebol havia periodicidade nos deslocamentos em ciclos de 12, 26 e 96 segundos. Os resultados indicam que o basquetebol apresenta maior intermitência do que o futebol com durações de esforços mais curtos. Os deslocamentos apresentam flutuações não periódicas compatíveis com a

característica da modalidade. A técnica de análise de séries temporais pode ser uma ferramenta útil para a prescrição de treinamentos.

Nunes J. & Montagner (2001, p.5), após avaliarem vários estudos científicos acerca da velocidade no basquetebol, concluíram que:

“o treinamento de velocidade no basquetebol deve ir ao encontro das necessidades específicas de jogo. Nesse sentido, mais importante que deslocar-se rapidamente dentro de determinado espaço, é fazê-lo de forma inteligente e em coordenação com a situação-problema que requer o jogo no exato momento de aplicação do movimento. No basquetebol é necessária a relação entre velocidade e eficácia da tarefa, onde assume vital importância a unidade entre: sistema perceptivo e a velocidade de realização. O treino da velocidade assume uma perspectiva de integração e aplicação, a solicitação de toda via neuromuscular (percepção, decisão e realização), passa a ter maior importância dentro do contexto técnico-tático do jogo; podendo assim, através da velocidade de coordenação coletiva, se traduzir em velocidade de jogo”.

Quanto às capacidades coordenativas ou psicomotoras, Vecino (2001, p.1) destacou que:

“na preparação física dos esportes de equipe, normalmente, são desenvolvidas as capacidades físicas, mas sem dúvida, tão importantes ou mais para o rendimento esportivo são as capacidades coordenativas que, em muitos casos, não são tratadas com a amplitude e profundidade que sua importância no jogo exige”.

O autor acrescentou (id, p.1) que:

“as dificuldades inerentes ao basquete, são resultado de fatores perceptivos e decisivos, e levam alguns esportistas a um crescimento acelerado. Este fato dificulta a formação de um esquema corporal definido e o desenvolvimento rítmico harmonizado dos movimentos”.

Dentre as capacidades coordenativas Tricoli & De Rose Jr. (2005) destacaram a coordenação óculo-manual, a dissociação segmentar, a percepção espaço-temporal e a precisão. Os gestos motores e os fundamentos deste esporte combinam em um mesmo movimento várias destas capacidades. Um exemplo disto é o arremesso de lance-livre, em que “o executante deve perceber o espaço existente entre o local do arremesso e a cesta; selecionar a imagem do aro em um campo visual amplo; coordenar as ações dos membros superiores e inferiores;

finalizar o arremesso” (Id, p.5).

2.3.4 – Organização Tática no Basquetebol.

A preparação tática do basquetebol envolve uma organização estética dos atletas no espaço da quadra de jogo, de forma a permiti-los arremessar à cesta de forma eficiente. Segundo Barbanti (2004, p.274) a tática é “[...] o planejamento de procedimentos para alcançar um objetivo sob determinadas circunstâncias [...]. Refere-se ao sistema de ações planejadas”.

Tricoli & De Rose Jr. (2005) acreditaram que o basquetebol engloba três tipos de ações táticas: ações individuais, grupais e coletivas. Nas ações individuais, um atleta tenta de forma solitária, baseado em sua qualidade técnica, conseguir condições para arremessar a bola a cesta. Nas ações grupais, os movimentos e deslocamentos de dois, três ou quatro atletas de uma mesma equipe é que tornam possível que um dentre estes atletas consiga a oportunidade para o arremesso. Nas ações coletivas, necessariamente, há a participação dos cinco integrantes da equipe de forma a compor um sistema de jogo capaz de fomentar situações para a conversão dos arremessos ao longo de toda uma partida. Os sistemas de jogo são partes integrantes de uma filosofia de jogo.

Boccardo (2003) definiu a filosofia de jogo como a maneira de uma equipe jogar. Uma composição de sistemas de ataque e defesa a serem utilizados, dependendo do técnico, dos jogadores disponíveis, do estilo individual. Para o autor, “deve-se ter objetivos claros e práticos. Todos os exercícios devem ser planejados e executados visando à filosofia de jogo” (2003, p.21). Segundo o autor (id) a filosofia de jogo do basquetebol moderno se baseia em alguns princípios: defesa agressiva; contra-ataque; ataque organizado; transição ataque-defesa.

Para a abordagem acerca da defesa agressiva, este estudo reservou uma subdivisão específica para tratar tal assunto, mais a frente. Neste momento, a abordagem deste estudo centrou-se no contra-ataque, no ataque organizado e na transição ataque-defesa.

O contra-ataque, segundo Williams & Wilson (1993, p. 110) “é uma estratégia ofensiva em que uma equipe tenta progredir, rapidamente, com a bola da defesa para o ataque para converter uma cesta antes que a equipe adversária se organize”. Carvalho, W. (2001, p.24) entendeu o contra-ataque como “a transição rápida da defesa para o ataque objetivando criar situações de superioridade numérica e de cestas de alta percentagem de aproveitamento”.

Marques, W. (1981) assinalou que a finalidade do contra-ataque é surpreender o adversário na sua volta para defesa. Carvalho, W. (2001) enfatizou que o contra-ataque está diretamente relacionado com a eficiência do sistema defensivo; uma defesa agressiva produz melhores oportunidades para o contra-ataque.

Ferreira & De Rose Jr. (2003) destacaram que para que um contra-ataque seja finalizado com sucesso é necessário seguir alguns princípios, entre eles: após a obtenção da posse de bola deve-se ter a preocupação de passar a bola para áreas menos congestionadas da quadra, as regiões laterais. Após o primeiro passe na lateral, o jogador deve procurar passar a bola para algum companheiro que esteja correndo pelo mesmo corredor lateral; se isso não for possível ele deverá driblar em direção ao corredor central.

Gerani et al. (2004) investigaram a efetividade dos contra-ataques no basquetebol de alto nível. Após análise estatística dos jogos, os resultados revelaram que 63% dos contra-ataques proporcionam cesta para a equipe que o realiza; 9% ocasionam falta por parte da equipe adversária; 19% proporcionam

arremessos errados; 9% proporcionam erros de outros fundamentos ou violações. Quanto a maneira como se iniciaram os contra-ataques, 51% destes se deram através de um rebote defensivo; 41% através de uma bola roubada. 82% dos contra-ataques foram finalizados na área de 3 segundos, sendo que 82% são convertidos em cestas; 11,5% são finalizados na área de 3 pontos com um aproveitamento de 45,1%; 6,5% são finalizados em outros locais da área de 2 pontos com 59,2% de conversão de arremessos. As situações mais comuns de contra-ataque são: 4X3 (13,6%); 1X1(13,2%); 1X0 (11,6%); 3X2 (10,9%) e 3X3 (10,4%). As situações com maior percentual de acertos foram: 1X0 (90,9%); 4X2 (80%); 3X1 (79,4%); 3X2 (75,3%); 1X1 (73,5%) e 2X1 (73,2%).

Boccardo (2003) destacou a existência de dois tipos de contra-ataque: o primário e o secundário. Ferreira & De Rose Jr. (2003), acerca do contra-ataque primário, abordaram a necessidade de ocupação de três faixas da quadra: um jogador corre pelo meio e dois pelas laterais (linha de três jogadores). O meio da quadra está mais propício para o drible, enquanto as laterais são mais usadas para a finalização. Deve-se tentar os arremessos mais próximos da cesta.

Boccardo (id) apontou que o contra-ataque secundário é utilizado quando o primário não funciona. Neste tipo de contra-ataque ocorre a participação dos *trailers*. Segundo o American Sport Education Program (2000, p. 131), “*trailers* são o quarto e quinto jogadores a complementarem o contra-ataque. Eles servem de opção de passe para a finalização do contra-ataque”.

O contra-ataque pode ser dividido em três fases: obtenção da posse de bola, progressão da bola e finalização. Daiuto (1983, p. 244) destacou que “o contra-ataque parte das seguintes situações de jogo: rebote defensivo, interceptação de passes, depois de cesta obtida pelo adversário, nos casos de bola fora no campo de

defesa, [...] e após lances livres (convertidos ou não) cobrados pelo adversário”. Marques, W. (1981) registrou que a progressão da bola deve ser feita através do passe ou drible. A fase de finalização é o momento de escolher o melhor tipo de arremesso para converter a cesta.

O ataque organizado foi caracterizado como as ações ofensivas em que participaram os cinco jogadores atacantes atuando contra os cinco jogadores de defesa. Boccardo (2003) apontou que o ataque organizado é utilizado quando não é possível finalizar o contra-ataque. Carvalho, W. (2001) destacou ser fundamental que os jogadores se movimentem com e sem a bola. Marques, W (id) abordou que a tática ofensiva deve priorizar a criatividade dos jogadores e explorar as virtudes de cada um, sendo compatível com os jogadores que o técnico possui. Carvalho, W. (id) enfatizou que o tipo de ataque utilizado depende do tipo de defesa adotado pela equipe adversária.

Tsiotras et al. (2004) investigaram a efetividade dos ataques organizados no basquetebol de alto rendimento. Os resultados diagnosticaram 54,5% de efetividade para o ataque organizado. 44% dos arremessos executados foram do interior da área restritiva (área de 3 segundos) com 64,7% de acerto; 23% dos arremessos foram realizados de outros locais da área de 2 pontos com 47,9% de acerto; 33% dos arremessos foram executados de trás da linha de 3 pontos com 48,4% de acerto. Os armadores realizaram 59% dos arremessos com 54,2% de acerto; 41% dos arremessos foram feitos pelos pivôs com 66,2% de acerto.

Boccardo (id, p.17) classificou que um bom ataque deve utilizar-se de algumas estruturas táticas: “passa e entra, *pick and roll* (para dentro)¹⁹, passa e cruza”. Carvalho, W. (id, p. 102) acrescentou que “um sistema de ataque deve incluir:

¹⁹ Pick and roll – Estratégia ofensiva em que um atacante realiza um bloqueio sobre o marcador do jogador que está com a bola e, em seguida gira para receber o passe na frente. (Williams & Wilson, 1993, p. 112);

bloqueio²⁰ horizontal, vertical e diagonal, seleção de arremesso de alta porcentagem de aproveitamento, penetração, movimento contínuo dos jogadores, passe cruzado e o passe por cima da defesa, combinação de dois contra dois e três contra três, rebote ofensivo e visão periférica da quadra”.

Quanto à transição ataque-defesa Boccardo (id) enfatizou que após a conclusão de um ataque (bem sucedido ou não), deve-se retornar para a defesa. Ao voltar para defesa, os jogadores devem sempre olhar para bola, evitando sofrer contra-ataques. Deve-se ocupar o máximo de espaço na quadra, sempre se equiparando com os adversários mais próximos.

Xiqués (2005) corroborou com este pensamento destacando quatro momentos deste processo: primeiro, uma participação efetiva de três jogadores no rebote ofensivo a fim de evitar, caso a bola não entre na cesta, a obtenção de um rebote defensivo por parte da equipe adversária; em seguida os atletas devem retardar a chegada da bola à sua quadra de defesa, pressionando os jogadores adversários responsáveis por conduzir a bola, ainda na própria quadra de defesa tentando evitar um contra-ataque ou que a bola ultrapasse a linha central; no terceiro momento, os atletas devem observar a posição da bola, evitando que a mesma chegue ao interior da linha de três pontos no campo de defesa e por último, ajustar a defesa em 5X5 para forçar o ataque a abandonar o contra-ataque e partir para uma dinâmica de menos velocidade.

2.4 - O Profissional, A Formação e sua Prática Pedagógica.

Nesta subdivisão do trabalho procurou-se evidenciar registros sobre estudos acerca das características principais e essenciais que envolvem a formação dos

²⁰ Bloqueio - Estratégia ofensiva em que o atacante barra, legalmente, a passagem de um defensor. (Williams & Wilson, 1993, p. 111)

profissionais responsáveis pela gestão do processo de ensino e aprendizagem. Foram enfocados a prática pedagógica, os métodos e atividades que os profissionais utilizam com crianças e adolescentes, para conduzir o aprendizado do basquetebol.

2.4.1 - A Formação do Profissional.

O profissional assume papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, e sua formação profissional constitui um dos alicerces de suas ações pedagógicas. Esta formação requer conhecimentos sólidos e aprofundados, capazes de possibilitar e facilitar não só a transmissão do conhecimento, mas também a consecução do ato de aprender.

Rodrigues, J. (1995, p. 29) entendeu que:

“enquanto a formação dos professores, quer do ensino geral, quer da Educação Física, tem obedecido nos últimos anos a padrões e currículos muito próximos, no sistema desportivo, a formação de treinadores está ainda longe de ser um processo global e criterioso”.

Shigunov (2000, p.46) afirmou que “o treinador de sucesso deve ter basicamente, entre outros predicados, o conhecimento do treinamento, a formação especializada, a formação pedagógica, a sempre atualização, o conhecimento dos seus atletas e uma atuação positiva”.

Segundo Casco (2004), nos dias de hoje,

cabe contextualizar dentro de uma visão histórica, os valores que estão presentes na formação dos profissionais do esporte e da Educação Física e relaciona-los a uma perspectiva que promova a liberdade e autonomia da ação individual e a cooperação como valor social.

Nunes (2004) ratificou esta afirmação, entendendo que o professor é o elemento fulcral do processo de integração que possibilita a obtenção de sucesso

nas aulas. A procura do rendimento como consequência do processo de atividade, proporciona atingir os objetivos da aula, isto é, o sucesso desportivo. As características do professor, a sua formação, experiência e características físicas e psicológicas são fatores influenciadores na ação pedagógica.

Acerca da formação dos profissionais, Menoncin Jr. (2003, p.44) abordou que:

“a carreira de treinador esportivo no Brasil pode ser considerada como das mais difíceis devido aos problemas que vão desde a formação profissional à remuneração financeira até a exigência constante de vitórias entre outros. Mas é verdade também que ela pode ser muito gratificante, pois o treinador ou técnico é responsável direto pela formação e desenvolvimento de atletas que podem vir a se tornarem esportistas famosos no futuro, além de muitas vezes participar da formação do atleta como cidadão, ou seja, atuando também como educador, conselheiro, amigo e em determinadas situações, até como um pai. A identidade destes treinadores, sua formação e seus métodos tornam-se fatores importantes para poder entender a importância do seu papel na formação e desenvolvimento esportivo desde pequenas crianças até atletas adultos”.

O autor fez referência à classificação que Becker Jr. (2000) realizou sobre a presença de três tipos de pessoas atuando como treinadores no processo de iniciação esportiva: ex-atletas, acadêmicos do curso de Educação Física e professores de Educação Física.

Menoncin Jr. (id, p.44) afirmou, quanto aos ex-atletas, que:

“grande número de atletas, quando sentem que se aproxima o final de sua carreira, pensam na possibilidade de seguir no mesmo esporte, na condição de treinador. Em geral buscam atuar entre os atletas profissionais onde o treinador é mais valorizado e, portanto conseguem uma melhor remuneração. Os que não têm habilidades que permitam esta posição, ou atuam como auxiliares, obtendo um cargo mais modesto, ou entre as crianças. E aí surge um grande problema, pois o conhecimento obtido por ele até então é apenas da experiência como atleta, não tendo sido preparado por uma instituição, passando pelas diversas disciplinas da grade curricular, com orientações técnicas e pedagógicas, que visam uma formação profissional como um todo, proporcionando a este indivíduo um melhor preparo para o mercado de trabalho em questão”.

O autor (ibid, p. 45) fez referência também aos acadêmicos, pois:

“qualquer aluno universitário quando ingressa na faculdade pensa logo em tornar-se profissional, trabalhar para sustentar-se, inclusive no caso das instituições particulares, pagar seu próprio curso. Assim, ingressam no ambiente e trabalho e, o que deveria ser apenas um estágio visando aprendizado, acaba muitas vezes, se tornando um

emprego com envolvimento direto com a clientela em questão, apesar deste acadêmico ainda não estar realmente pronto para o mercado de trabalho com a qualidade que este necessita”.

Quanto aos graduados, o autor (ibid, p. 45) destacou que:

“vários professores formados em Educação Física atuam na iniciação esportiva. Muitos destes possuem um histórico como ex-atleta, árbitro e estagiário da modalidade escolhida para a partir daí atuarem como treinadores. Estes não são pré-requisitos para apontar um possível sucesso como técnico, embora colaborem para um melhor conhecimento do esporte como um todo e sirvam como experiência para este profissional. A preocupação no caso de professores de Educação Física é quanto ao seu nível de envolvimento e preparo com a modalidade escolhida, sua especialização e atualização, seja através de uma pós-graduação, cursos de extensão, clínicas, meeting ou mesmo a busca através de livros e artigos da área. Todavia, o fato do treinador possuir um diploma também não indica que este está apto a desenvolver o papel de técnico e muito menos garante o sucesso do mesmo na função escolhida”.

Abordando a formação dos graduados, Moreno (1998) realizou um trabalho tendo como objeto de estudo a influência da disciplina basquetebol na formação de professores de Educação Física. Os resultados encontrados pelo autor informaram que o desenvolvimento da disciplina, em diversos cursos e currículos pelo país, não apresenta as características necessárias para formar um educador capaz de favorecer o desenvolvimento de um ambiente escolar, o que proporcionou sugestões para a preparação de profissionais comprometidos para atuarem na formação e desenvolvimento integral dos indivíduos.

No entanto, percebendo a fragilidade dos currículos, Sacristán entendeu que estes currículos:

“são a expressão do equilíbrio dos interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação do ensino escolarizado. Por isso, querer reduzir os problemas relevantes do ensino à problemática técnica de instrumentar o currículo supõe uma redução que desconsidera os conflitos de interesse que estão presentes no mesmo. O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto de valores e pressupostos que é preciso decifrar” (1998, p.17).

Assim, dentro deste campo de preocupação, Gomes (1997) realizou um estudo acerca da formação profissional e dos métodos de ensino daqueles que se dedicam ao ensino da natação. O autor preocupou-se em investigar sobre a formação acadêmica, sobre os métodos utilizados na prática pedagógica, sobre a participação em cursos de aperfeiçoamento, sobre a leitura de periódicos, além de investigar sobre o primeiro nado a ser ensinado após a adaptação das crianças ao meio líquido. A investigação abrangeu 33% dos clubes que ofereciam escolinhas de natação nas regiões norte, sul e oeste do Rio de Janeiro. Os resultados foram apresentados por região e em seguida, comparados entre si para consecução da análise. Os resultados apontaram para a existência de profissionais com outro perfil não apontado por Becker Jr. (2000): o professor leigo (sem formação acadêmica). Além disto, identificou-se a pouca leitura de periódicos e um pequeno número de profissionais com especialização. Destacaram-se as dificuldades e o pouco conhecimento no que diz respeito aos métodos de ensino de trabalho e a unanimidade encontrada no ensino do nado “crawl” como primeiro nado a ser desenvolvido após o período de adaptação da criança ao meio líquido, apesar de não existir, por parte dos pesquisados, qualquer justificativa satisfatória para tal preferência.

O papel deste “profissional” leigo foi investigado por Moraes (1996) que concluiu que este “profissional”: consegue articular as esferas que compõem a figura do profissional de ensino; encontra no conteúdo esporte seu maior aliado na articulação política com a comunidade; tem espírito voluntarioso descartando o imobilismo conjuntural e adquire o conhecimento acadêmico por vias indiretas, mas suficientes para o que o cotidiano lhe exige. Entretanto, enfrenta problemas em

relação a sua condição acadêmica, entre eles a falta de exercício pleno dos direitos de trabalhador, pouca ou nenhuma possibilidade de participar do projeto político-pedagógico, recebe uma postura de pouca valorização por parte da direção de clubes, academias e escolas, mantendo distância da organização da categoria de professores, sendo considerado como profissional provisório.

Rodrigues J. (1995, p. 29) detectou que “o processo de formação dos treinadores é ainda pouco objetivo em muitos casos”. Segundo o autor (id, 29), “o treinador recebe a influência de certos modelos e práticas de formação que atuam diretamente sobre a sua capacidade técnica e cognitiva”.

A formação do profissional do esporte é um processo que encontra-se diretamente relacionada a múltiplos fatores entre os quais: a experiência prática; o nível de escolaridade; a frequência em cursos de graduação e pós-graduação; a participação em cursos de curta duração e formação específica; o envolvimento com atividades pertinentes às múltiplas áreas do esporte; a participação em pesquisas científicas e a busca constante por informações atualizadas através da rede mundial de computadores, da leitura, do debate com outros profissionais, etc.

Todos estes fatores tendem a influenciar, diretamente, no produto final que é o emprego do conhecimento na atividade profissional a ser realizada. Rodrigues J. (id, p. 35) fez referência ao tempo de exercício da profissão (acumulo de experiências) como fator influente, capaz de proporcionar maior segurança ao profissional. Para o autor, “os mestres realizam inferências de casualidade sobre acontecimentos aos quais os inexperientes se limitam a observar superficialmente”.

Assim, a formação deficiente do profissional pode se tornar o núcleo de um ciclo vicioso de reprodução e transmissão de conhecimentos. Mesmo na transmissão de conteúdos básicos, como os fundamentos do jogo, estes precisam

estar ajustados ao contexto sócio-cultural da vida dos atletas, considerando o momento, o local e suas circunstâncias. Não considerar estas variáveis pode levar os atletas a execução de erros, impedindo ou dificultando a aprendizagem ou, ainda, desencorajando os atletas. Um profissional ao qual não tenha ocorrido a oportunidade de alcançar este nível de abstração pode estar limitando o universo de atuação.

Corroborando com tal afirmativa, Pieron (1988) se reportou a uma investigação realizada por Smith, Smoll e Curtis (1979) acerca das intervenções de treinadores após um programa de formação específica. Os resultados mostraram que os treinadores participantes deste programa de solidificação e aperfeiçoamento da formação, encorajaram e reforçaram positivamente seus atletas mais do que um grupo de treinadores que não se aperfeiçoava há um determinado tempo. Estas atitudes foram verificadas, principalmente, nos momentos de correção e instrução técnica.

Outro fator conseqüente da má formação de um profissional tende a ser a ausência de inovações técnicas, cuja atuação permanece centrada na reprodução de conhecimentos já existentes, sem levar em conta as circunstâncias de tempo e espaço, não sendo capaz de perceber a importância de um processo de evolução e criação.

Esta debilidade de formação pode avançar em outra direção, provocando níveis de "stress" elevados nos alunos/atletas, em função das atitudes assumidas pelos profissionais, por falta de conhecimento e experiência pedagógica.

Galdi et al. (2004) publicou um estudo investigando acerca das fontes de stress proporcionada pelos técnicos em atletas juvenis de basquetebol e tênis. Segundo o autor, o técnico foi citado, pelos jogadores, como uma das mais

freqüentes fontes de stress no esporte de rendimento. Assim, o estudo buscou classificar as situações de stress relacionadas ao técnico, além de verificar a correlação existente entre equipes de basquetebol e de tênis. Os resultados do trabalho mostraram que as situações que mais incomodaram os atletas foram: o técnico que privilegiava determinado atleta, o técnico que não reconhecia o esforço do jogador, o técnico que só criticava e o técnico que só enxergava o lado negativo. Porém, os atletas entendiam que o técnico era uma figura importante para desenvolvimento esportivo e que suas atitudes poderiam influenciar no comportamento esportivo e desempenho dos atletas.

Assim, pode-se perceber que o técnico assume papel fundamental na vida esportiva dos atletas tanto para ensiná-los e incentivá-los quanto para pressioná-los. Ratificando esta afirmativa, Patriksson & Eriksson (1990) avaliaram o programa de formação dos treinadores na Suécia e identificaram que, para os atletas, o treinador foi considerado como personagem mais importante do fenômeno esportivo.

Em suma, com a evolução das diversas ciências, a formação do treinador precisa ser sólida e abrangente, além de se constituir de um processo de atualização e aperfeiçoamento constante, capaz de adquirir caráter transdisciplinar e ultrapassar o paradigma (dominante) biofísico do esporte.

2.4.2 - A Prática Pedagógica.

Santos (1982, p.24) entendeu que “a pedagogia, que foi primeiro a arte de como ensinar, deve ser precedida da pesquisa do momento ou época em que cada questão deve ser ensinada”. Pode-se entender esta afirmativa como o estabelecimento de um critério temporal, a fim de evitar que as crianças encontrem-se diante de conteúdos que vão além de suas capacidades. O mesmo autor (id,

p.27) entende que “nas mãos de certos educadores o método pedagógico constitui um amontoado de equívocos e preconceitos destinados a fazer dos meninos aquilo que os adultos convencionaram que deveria ser os homens de amanhã”.

Shigunov observou que:

“a atuação do professor, nas últimas décadas, tem sido pesquisada sob diferentes vertentes, que geraram uma polêmica acerca do valor das componentes, das intervenções, das atitudes, dos comportamentos e até dos locais em que ele atua. A garantia de um contexto educativo que promova a completa formação das crianças e dos jovens nos aspectos cognitivo, social, físico e também afetivo tem sido discutida sob a égide de diferentes contestações dos que nela se encontram” (1992, p.2).

Carreiro da Costa apresentou alguns comportamentos característicos de um professor durante a aula:

“despertar no aluno um nível elevado de disponibilidade e disposição afetiva que se transforme em interesse perseverante de investir nas atividades de aprendizagem; orientar a atenção do aprendiz para os estímulos relevantes no desempenho da tarefa, ajudando-o a formular um plano motor adequado; Proporcionar, durante e após a exercitação, as informações suscetíveis de auxiliar o aluno a aperfeiçoar e a melhorar a prestação” (1988, p.220).

Paulo (1994, p.37) acrescentou que “o professor deve ter consciência do que está fazendo; sempre corrigindo; [...] sempre motivando os alunos”. Sarmiento (1999) observou que a Pedagogia engloba ensinar qualquer coisa. No entanto, para que isso aconteça é preciso que os professores dominem o conteúdo do que vão ensinar.

Gomes (1997, p. 55), salientou que “quanto mais distante da teoria, mais riscos sofre o professor de não fundamentar a sua prática, podendo transformar sua rotina de trabalho em algo superficial, centrado em meros movimentos”.

Sarmiento (1999) acreditou que para ensinar um conteúdo desportivo é preciso analisar (antes, durante e após a prática), pois entendemos que as fases do desenvolvimento do praticante (saber fazer) nem sempre seguem os enunciados teóricos do desenvolvimento curricular. O saber analisar não é só uma realidade

teórica, faz-se presente também, na pedagogia do desporto enquanto se relaciona diretamente com o saber ensinar. Neste momento o autor (1999, p.11) atentou para o fato de não se confundir o ensinar com a apresentação de tarefas:

“ensinar é, no domínio das tarefas motoras, mormente nas desportivas, acompanhar o aprendiz/praticante durante todo o processo de aprendizagem. [...] Ensinar o Basquetebol não é só lançar a bola ao cesto, mas informar o indivíduo com o conhecimento do jogo (regras, técnicas e táticas). A eficácia do ensino corresponde a uma determinada eficácia no âmbito de um continuum em que há diversas etapas: tempo de aprendizagem, de repetições de intervalos, de recuperação do esforço”.

Nunes (2004) acreditou que o professor possui técnicas e estratégias pedagógicas que visam rentabilizar o desempenho de seus discípulos. Apesar de no âmbito da alta competição os fatores intervenientes que influenciam o sucesso serem múltiplos, para o mesmo autor:

“as características do professor, a sua formação e experiência, as qualidades dos atletas, físicas, técnicas, psicológicas, etc..., o contexto organizacional dos clubes e academias, e, ainda, os objetivos que se perseguem são determinantes do processo desportivo e conseqüentemente da relação pedagógica em desporto” (2004, p. 49).

Estas técnicas e estratégias utilizadas pelos professores e treinadores se evidenciam no momento de instrução em que os profissionais transmitem, via oral ou com recursos áudio-visuais, as orientações técnicas e táticas durante aulas e treinos. O momento de instrução foi investigado por diversos autores como Tharp & Gallimore (1976); Williams (1978); Langsdorf (1979); Lucas (1980); Dodds & Rife (1981); Segrave & Ciancio (1990) e foi identificado como a ação que perdura por mais tempo na análise do comportamento de treinadores em diversas modalidades e níveis. A instrução perdura, em média, por 30% a 35% do tempo total de atividade.

Os estudos citados acima reforçaram a tese da complexidade e da importância da atuação do profissional, demonstrando que: teoria e prática precisam estar próximas, conteúdos e métodos precisam ser de domínio do profissional; o

contexto do aluno deve ser considerada e, principalmente, há a necessidade de existência de um comprometimento verdadeiro no que diz respeito ao querer ensinar, corrigindo e motivando os alunos.

2.4.3 - A Prática Pedagógica no Esporte.

No exercício da atividade profissional de treinador de esportes coletivos, percebe-se o envolvimento de um número de exigências que abrangem muito além do conhecimento específico da técnica e tática esportiva. Trabalhar com este tipo de esporte, como o basquete, pode significar a necessidade de canalizar os desejos e valores individuais em prol de um foco coletivo capaz de conduzir aquele grupo de esportistas a atingir um estágio máximo.

Esta tarefa requer cuidados, considerando que a formação pessoal de cada membro do grupo (escola freqüentada, condições financeiras, local de moradia, estrutura familiar, etc.), possui características próprias e marcantes para a vida de cada atleta. Abrir mão de alguns destes valores em prol de outros que privilegiem os anseios de um grupo, pode não ser algo fácil, pois a norma na cultura do esporte de rendimento, segundo Jackson & Delehanty (1997, p. 87), é que este universo “[...] é impregnado de ego, e a sociedade em geral luta contra o cultivo da ação não-egoísta, mesmo no caso de membros de um time, cujo sucesso individual depende diretamente da atuação do grupo”. A história de vida de cada ser deste grupo se faz presente, mas precisa, momentaneamente, ser cerceada em favor de novas circunstâncias coletivas.

O treinador desempenha uma função central na formação e no desenvolvimento do jovem atleta, do ponto de vista físico, técnico, psicológico, emocional e social. Ter sucesso no treinamento de jovens é bem mais do que ajudar

o praticante a ganhar. Campbell (1998) entendeu que o técnico deve também ajudar os jovens com que trabalha a gostar de aprender novos elementos da modalidade, a fortalecer os valores coletivos, ensiná-los a lidar com os altos e baixos da competição e a desenvolver a auto-estima e a autoconfiança.

Um treinador que apenas enfatiza a competição e a performance poderá ter nas mãos um campeão ou uma equipe vencedora, mas sem dúvida também muitos jovens frustrados e decepcionados. Segundo Gauderer (1984) é importante também lembrar que quanto pior a auto-imagem de um jovem, mais importante é o papel do técnico em estimulá-lo, em dar-lhe apoio, em aumentar-lhe a autoconfiança.

Um problema que pode ser desenvolvido pela função que o treinador exerce está na área do vínculo afetivo e o nível de amizade que acaba obtendo com seus comandados. No esporte adulto, de alta competição, são conhecidos muitos casos em que a amizade demasiada resultou em conflitos no grupo esportivo e na perda do comando por parte do treinador. Segundo Cratty (*apud* Becker Jr., 2000, p. 85):

“investigações realizadas com atletas, desde crianças até adultos, verificaram que parte significativa não acha necessário que o treinador seja seu amigo. O que realmente desejam é que, durante a competição, o treinador oriente para que melhorem seu rendimento e consigam a vitória”.

Quanto à prática esportiva, Campbell (1998); Marques et al. (2000); Santos (2001) dividiram as idades dos praticantes de esportes em níveis correspondentes à iniciação, ao desenvolvimento e à especialização esportiva. Sabendo que cada jovem se desenvolve em seu tempo, o papel do treinador torna-se uma tarefa complexa.

O período que envolve idades de iniciação corresponde aos anos iniciais da prática de uma modalidade. Nesta fase, segundo Menoncin Jr. (2003, p.46), “os treinadores devem adaptar as tarefas que vão propor no quadro da atividade, de

forma a irem ao encontro das capacidades de todos e não apenas daquelas que caracterizam os praticantes mais dotados”.

Para atletas na etapa de desenvolvimento, segundo o mesmo autor (id, p.46):

“o grupo torna-se bem mais importante para ele [...]. A função do treinador é então, de continuar a desenvolver as capacidades técnicas individuais dos praticantes, sem esquecer as grandes modificações que acontecem ao mesmo tempo. Deve ainda, nesta fase, identificar desenvolver os potenciais talentos que surgem eventualmente”.

Na etapa de especialização, uma das chaves para o sucesso é a “capacidade do treinador em organizar eficazmente o programa do jovem praticante, ou seja, planejar o programa de treinamento” afirma ainda Menoncin Jr. (ibid, p.47).

O esporte de rendimento revela, a cada competição, o dualismo entre vitória e derrota, sucesso e fracasso, ainda mais o basquete que não admite a possibilidade do empate. Com isto, em cada partida o trabalho do profissional e de seus comandados estará sob avaliação de torcedores, da imprensa, de diretores, dos pais, o que pode proporcionar um ambiente tenso entre os membros deste conjunto e, conseqüentemente, para o treinador.

Rodrigues, J. (1995, p. 22) destacou que “o produto evidente do sucesso do processo de treino é o resultado desportivo, que pode ter leituras diferentes na classificação e na aprendizagem”. Porém, não se chega ao sucesso de qualquer forma. Este só pode ser conseqüência de um trabalho consistente. Por isto, Ferreira, Markunas e Nascimento (2005, p.32) enfatizaram que o profissional deve:

“orientar as ações dos jovens em formação para que todos os aspectos do treinamento esportivo, anteriormente mencionados sejam desenvolvidos de maneira intencional, trazendo benefícios para sua formação global, ultrapassando os limites da quadra, possibilitando a eles transferir os conhecimentos adquiridos ao longo dos treinamentos para sua vida pessoal, justificando a importância do trabalho de base desenvolvido”.

Desta maneira, pode-se evitar equívocos elementares, como os detectados por Arena & Böhme (2000), quando verificaram e analisaram as formas de iniciação

e especialização esportiva adotadas por clubes e secretarias municipais de esportes da Região da Grande São Paulo, para modalidades individuais (atletismo, ginástica, natação, judô e tênis) e coletivas (basquetebol, futsal, handebol e voleibol). Os resultados indicaram que as entidades promovem treinamento específico em faixas etárias abaixo das recomendadas pela literatura nas modalidades pesquisadas. Provavelmente, os profissionais responsáveis por estes projetos esportivos podem ter recebido formação insuficiente para exercício de tais funções e/ou o anseio por resultados pode proporcionar estipulação equivocada de objetivos e tarefas.

2.5 – A Aprendizagem do Basquetebol e o Atleta.

Nesta etapa do trabalho procurou-se descrever as características principais e essenciais acerca da relação que se estabelece entre o atleta que pratica basquetebol, seu processo de aprendizagem e o esporte.

2.5.1 – A Aprendizagem Esportiva e o Atleta.

Casco (2004, p.1) identificou que para o atleta:

“o esporte ocupa lugar de destaque. Seu privilégio consiste na total sintonia de sua prática como os processos desenvolvimentais vividos pelos alunos. Seus atributos dinâmicos correspondem ao desejo e ao prazer das crianças e adolescentes em movimentar-se, estar junto, de medir/comparar competências e de co-operar. O esporte pode promover a relação em todos os níveis, daí ser foco de interesse para a grande maioria dos alunos. Neste sentido cabe uma reflexão acerca dos modelos relacionais possíveis de serem desenvolvidos no contexto das aulas de Educação Física e nas Escolas de Esporte”.

No processo de iniciação esportiva inúmeros fatores influenciam os atletas. As influências abrangem desde questões sociais e culturais até questões biológicas e econômicas. A iniciação esportiva pode ocorrer em qualquer momento da infância, mas, de acordo com a literatura, o processo de especialização em apenas uma

modalidade esportiva deve ocorrer por volta dos quatorze anos (Oliveira, 2002).

Greco & Benda (1988) fortaleceram esta tese descrevendo que “a especialização nos jogos desportivos coletivos como uma fase contínua na evolução do jovem adolescente, iniciando-se aos 15 anos de idade e percorrendo até a fase adulta”.

Oliveira & Paes (2003, p.2) acreditaram que deve-se “estabelecer no desporto a função educacional, ou seja, o desporto é um dos mais importantes aliados da vivência infantil, considerando suas múltiplas dimensões, haja visto que o mesmo pode tornar-se um facilitador no processo de educação do cidadão”. Os autores (id, p. 2) assinalaram que:

“a prática do desporto deve ser balizada pelas seguintes instâncias: respeitar os períodos sensíveis de desenvolvimento, crescimento e maturação; respeito à idade biológica; à situação social, cultural, psicológica e fisiológica da criança. [...] o sucesso dos jovens no esporte dependerá amplamente da relação ensino-aprendizagem, de boas escolas, de bons técnicos, de apoio familiar, entre outros. De qualquer forma, o potencial genético, a iniciação esportiva pedagogicamente sistematizada e a diversificada de atividades são fatores que podem influenciar diretamente na manutenção das crianças e adolescentes no esporte, possibilitando-lhes melhores resultados. Em relação ao fator diversificação – aprendizagem em várias modalidades esportivas –, fica evidente, em pesquisas realizadas por estudiosos, a relevância da participação das crianças e adolescentes nas mais diversas práticas desportivas antes da especialização em uma só modalidade”.

A literatura que tratou da participação de atletas iniciantes na prática esportiva, principalmente, no Brasil, apresenta um quadro em que o processo de ensino-aprendizagem permaneceu, durante algum tempo, restrito a aspectos relativos aos gestos técnicos. Em um passado recente, estes gestos técnicos, ou seja, os fundamentos principalmente ofensivos, foram considerados como principal foco do processo de iniciação esportiva. A principal estratégia de aprendizagem utilizada pelos profissionais foi a repetição de movimentos padrão para cada gesto

motor, decomposto em partes se necessário fosse, até sua fixação.

Tal estratégia pôde ser observada nas investigações de Pinto, Gonçalves e Graça (2001), citados anteriormente neste estudo, quando estes realizaram uma análise das cargas de treino e competição de jogadores iniciantes no basquetebol. Os resultados encontrados demonstraram que as cargas de treino estão de acordo com as referências da literatura. Porém, os valores percentuais do volume de treino, relativos a qualquer uma das capacidades motoras, é baixo, sobretudo para as capacidades coordenativas (1,32% do total do tempo de treino). Existiu uma grande lacuna no treino da força (2,80%) e da velocidade (1,22%); Foi dada muito maior importância aos conteúdos da técnica individual ofensiva com bola (31,19% do tempo total de treino), do que aos conteúdos da técnica individual ofensiva s/ bola (7,69%) e à técnica individual defensiva (5,70%). Em relação à técnica individual defensiva, todos os conteúdos apresentaram um baixo volume, com exceção da posição básica defensiva (2,34% do tempo total de treino). As situações de jogo reduzido, principalmente as situações de 3x3 (1,21% do total do tempo do treino), não tiveram o relevo suficiente no volume de treino. Em contrapartida, o ataque de posição (12,95% do volume total) é o conteúdo tático que mais aparece no treino deste escalão.

Esta opção metodológica, segundo Sadi (2004, p.1), em parte, compreende opção do profissional responsável pelo processo. O autor destacou que:

“muitos professores caíram na ilusão de que seriam reconhecidos e respeitados como técnicos esportivos. Seus alunos seriam atletas em potencial. Tal operação simbólica foi constituída pelo ensino tradicional/tecnicista. [...] A edificação do esporte [...] acompanhou os passos da educação física. Espelhou-se na organização de equipes para competições estudantis, no formato de “aulas de treinamento”, atribuindo responsabilidade ao professor “técnico esportivo” e desresponsabilizando o conjunto [...] do projeto pedagógico”.

A partir da teoria desenvolvimentista, os profissionais da área do esporte

passaram a se preocupar com a aprendizagem de habilidades primárias, como correr, saltar, lançar, etc., compondo uma base de sustentação para o ensino dos fundamentos. A teoria construtivista trouxe como tese principal a necessidade de compreensão do movimento a ser executado, colocando o aluno como ponto fundamental do processo de aprendizagem.

Moreira (2003, p.1) destacou que:

“o caminho para a perfeição técnica no esporte é definido em primeiro lugar pelo nível inicial da técnica e pelas experiências motoras adquiridas. Os desportistas com melhor treinamento em coordenação aprendem mais depressa a execução tecnicamente correta do que outros que possuem um repertório de movimentos menor e uma base coordenativa restrita. Portanto, é muito importante o trabalho precoce no sentido de ampliar o repertório de movimentos e aperfeiçoar as técnicas básicas de execução dos mesmos”.

No processo de aprendizagem e treinamento esportivo de jovens atletas, o técnico representa um dos fatores mais importantes. Sua atuação é o elo entre o atleta e o esporte. O treinador deve considerar as especificidades de sua equipe, promovendo equilíbrio entre os objetivos de seu planejamento, entre os quais devem constar vitórias, prazer, desenvolvimento de capacidades físicas e técnicas. (Bara Filho, 2003, p.6).

Guilherme (1995, p. 111) endossou tal representação enfatizando que “a qualidade da atividade esportiva em jovens praticantes é fortemente influenciada por seu treinador, especialmente pela forma como este interage com eles”.

Gomes (1999, p.10) fez referência a este profissional abordando que:

“o técnico inteligente deve fundamentar seu trabalho por todos os princípios gerais do ensino e da educação, procurando, de maneira criadora, adapta-la à realidade do treino desportivo. Dessa forma, o trabalho inicial a ser desenvolvido pelo treinador não difere de outro professor em qualquer das mais diversas áreas do ensino”.

Esta relação de proximidade entre o trabalho do professor e de um treinador demonstra como tendência clara a necessidade de valorização do processo

pedagógico ao ensinar o basquetebol ou qualquer outra modalidade esportiva, proporcionando às crianças e adolescentes um desenvolvimento educacional global, capaz de abranger vivências multilaterais a fim de internalizar uma base sólida para um futuro processo de especialização esportiva. Bento reforçou este pensamento apontando que:

“o desenvolvimento presente e futuro das crianças não pode ser sacrificado e hipotecado a sucessos de curto prazo de duração. Não é a obtenção eficaz de rendimento que as crianças buscam na iniciação. São inúmeros os exemplos que confirmam esta tese. As crianças, sobretudo, devem ser progressivamente introduzidas em rendimentos, que se realizarão plenamente da juventude até a fase adulta” (1989, p.25).

O processo de busca de resultados e sucesso em curto prazo, tratado na literatura como processo de especialização precoce, destacou-se como um fenômeno nocivo que ocorre com certa freqüência, e que tem sido observado e analisado por diversos autores. Santana (2002, p.1) abordou que:

“se a pedagogia conduzir a criança a se especializar na execução de determinadas técnicas, em jogar numa posição em particular, a treinar mais de três vezes por semana, a ser qualificada como reserva ou como titular (e a jogar menos ou mais por isso), a prescindir do lúdico (deixar de brincar), [...], o problema passa a ser a idade, pois todas estas coisas, e outras como o imediatismo, são precoces. [...] alguns possíveis riscos podem surgir: “stress” de competição; saturação esportiva; lesões; formação escolar deficiente e unilateralização de desenvolvimento”(aspas do autor).

Simões, Böhme & Lucato (1999) destacaram que um fator que contribui para o aumento das pressões sobre os jovens atletas em fase de desenvolvimento é participação do pai no que diz respeito ao nível de exigência para a prática esportiva e para que o filho se torne um bom atleta. Esta pressão exercida pelo pai recaiu, estatisticamente, em maior parte sobre o filho do que sobre a filha. As atitudes da mãe não apresentaram influências estatisticamente significativas sobre os atletas.

A pressa e as pressões em obter resultados não se justificam, pois, nada garante que crianças talentosas e campeãs serão, no futuro, grandes vencedores.

Ratificando este contexto, Filin & Volkov (1998) realizaram um estudo que detectou que: nos Jogos Olímpicos compreendidos entre 1896 e 1984, 55% dos atletas possuíam mais de 25 anos. Neste mesmo período, dentre os ganhadores da medalha de ouro, 59% possuíam idade entre 25 e 35 anos.

2.5.2 – Aprendizagem Motora no Basquetebol.

Paes & Balbino entenderam que o profissional necessita ampliar suas metodologias de ensino, preocupando-se em:

“insistir na apresentação de procedimentos pedagógicos visando ensinar os gestos técnicos do basquetebol. Isto é, no mínimo, repetir propostas que já foram apresentadas e que seguramente contribuíram para a área. Porém, o momento, hoje, marca a evolução da educação física e do esporte, e nesse sentido é preciso buscar novas possibilidades de “pedagogizar” o fenômeno esporte e assim dar continuidade aos avanços da educação física como área de conhecimento” (2005, p.17).

Ratificando esta idéia Oliveira & Paes entenderam que:

faz-se necessário estabelecer no ensino do basquetebol a função educacional, ou seja, o basquetebol é um dos importantes aliados da vivência infantil, considerando suas múltiplas dimensões, haja vista que o mesmo pode tornar-se um facilitador no processo de educação do cidadão (2004, p. 15).

Os estudos de Oliveira (2002) abordaram a etapa de iniciação em jogos esportivos coletivos (basquetebol) destacando que é um período que abrange desde o momento em que as crianças iniciam-se nos esportes até a decisão por praticarem uma modalidade. A proposta desse estudo dividiu a etapa de iniciação esportiva em três fases de aprendizagem motora: a) fase de iniciação esportiva I; b) fase de iniciação esportiva II; e c) fase de iniciação esportiva III, sendo que cada fase possui objetivos específicos para o ensino formal e está de acordo com as idades biológica, escolar, cronológica e com as categorias disputadas nos campeonatos estaduais de basquetebol. No quadro 1, pode-se visualizar as características de cada fase.

A proposta desenvolvida por Oliveira (2002) para nortear o processo de iniciação desportiva considerou que de 07 a 10 anos a aprendizagem deve ser totalmente aberta, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos sem interferência e correções dos gestos motores através de jogos e brincadeiras. Para a faixa etária de 11 a 12 anos o ensino é parcialmente aberto, isto é, há breves correções na técnica dos movimentos. Na faixa de 13 a 14 anos o ensino é parcialmente fechado, pois inicia-se o processo de especificidade dos gestos de cada modalidade na procura da especialização esportiva, que deve acontecer somente após os 14 anos de idade.

Idade Biológica	Idade Escolar Ens. Fundamental	Etapa de iniciação esportiva	Idade Cronológica	Categorias no Basquetebol
Pubescência	8º e 9º ano	Iniciação esportiva III	13/14- anos	Mirim e Infantil
1ª Idade Puberal	6º e 7º ano	Iniciação esportiva II	11/12- anos	Pré-Mirim
1ª e 2ª Infância	2º, 3º, 4º e 5º anos	Iniciação esportiva I	7/10 anos	Atividades recreativas

Quadro 1 - Periodização do processo de desenvolvimento esportivo para a etapa de iniciação, com um exemplo para o basquetebol. Fonte: Oliveira 2002 – adaptado.

Dentro desta concepção, Guarizi (2001) apresentou uma proposta para uma seqüência de ensino dos fundamentos do basquetebol diferente do que encontra-se descrito na literatura nacional. A proposta consistia em ensinar os fundamentos do basquetebol através de jogos e atividades lúdicas. A avaliação foi realizada através de testes e análises estatísticas apresentando resultados não muito significativos para a execução dos fundamentos, com exceção do fundamento drible em velocidade.

Oliveira & Paes (2001) investigaram como ocorreu o processo de desenvolvimento de talentos masculinos adultos que participaram da liga nacional de basquetebol na edição 2000-2001. Os autores verificaram a vivência motora

desde a fase de iniciação até a especialização. Os resultados obtidos sugeriram que processo de especialização ocorreu por volta de 14 anos de idade fase esta que coincide segundo o modelo de especialização de PAES (1989), onde deve ocorrer a especialização em uma só modalidade; nesse caso isolado, o basquetebol.

Ferreira & De Rose Jr. (2003) identificaram três momentos no processo de aprendizagem do basquetebol: fase de aprendizagem, considerado o momento ideal para aquisição de habilidades motoras e de introdução de metodologias para os fundamentos mais simples; fase de fixação, que os autores identificam como o momento em que aluno já adquiriu uma bagagem motora para a realização dos gestos motores específicos do basquetebol de forma mais dinâmica e fluente; e fase de aperfeiçoamento, que seria o momento de aplicação dos conteúdos aprendidos e automatizados em situações similares àquelas que acontecem nos jogos propriamente ditos.

Coutinho (2003) também destacou três momentos neste processo. O primeiro seria o de coordenação rústica de movimentos ou fase de iniciação esportiva, caracterizada por movimentos grosseiros, com excesso de gastos de velocidade e energia, movimentos com imprecisão e descoordenação. A segunda fase, de coordenação fina de movimentos ou fase de aperfeiçoamento, caracterizada por movimentos mais harmônicos, convenientes e racionais. O terceiro momento é a fase de estabilização dos movimentos ou fase de treinamento, em que os movimentos tornam-se automatizados e são executados com grande precisão, maior velocidade e sensação de segurança.

Almeida (1998) fez uma análise similar aos autores supracitados, identificando também três momentos durante o processo de aprendizagem no basquetebol: a primeira fase de coordenação motora grossa, caracteriza-se por um

excesso de força por parte do aluno na execução dos movimentos, paradas durante o processo de execução, insatisfação com os resultados obtidos após a execução, momento típico do início de um processo. O segundo momento foi identificado pelo autor como fase de coordenação motora fina, em que o movimento é realizado com pequenos erros, há uma forma mais harmônica no gesto motor, há a necessidade de motivação para que haja progresso por parte do aluno. No terceiro momento, a fase de estabilização da coordenação motora fina, em que o aluno executa com sucesso o movimento aprendido mesmo sob condições dificultadas, podem ser introduzidas, noções acerca da tática do jogo e precauções quanto à imprevisibilidade do jogo.

Oliveira & Graça (1998) entenderam o ensino do basquetebol centrado em três domínios: social, no qual os alunos devem apreciar o jogo; estratégico, em que o aluno deve desenvolver a capacidade de tomada de decisões; e, técnico em que a técnica deve ser utilizada no contexto do jogo com grau de dificuldade progressivo. Dentro do processo, os autores identificaram pré-requisitos básicos para aprendizagem do esporte, como a capacidade de se relacionar com a bola. Como exemplo, na dinâmica de jogo de ataque organizado, as capacidades de: não centrar-se na bola, não aglomerar os espaços, buscar espaços livres, passar a bola e utilizar a comunicação verbal.

Ladewig (2000) destacou que durante a aprendizagem de uma habilidade um indivíduo passa por três estágios: cognitivo, associativo e autônomo (Fitts & Posner, 1967). No estágio cognitivo o indivíduo está tentando compreender os objetivos da tarefa, o que sobrecarrega os mecanismos da atenção, proporcionando uma “performance” inconsistente. No estágio associativo a “performance” é mais estável, sendo capaz inclusive de detectar alguns erros. As necessidades de atenção neste estágio decrescem significativamente. No estágio autônomo a habilidade está bem

desenvolvida, permitindo que o indivíduo realize-a com consistência e com processos mínimos de atenção. Assim, permite-se que ele direcione o foco da atenção para outros aspectos importantes da “performance”. Um exemplo da transição entre estes três estágios é o de uma criança aprendendo a driblar no basquetebol, partindo do movimento estático, em que necessita olhar para a bola, passando para movimentos em deslocamento, até chegar a driblar de diversas formas, ao mesmo tempo em que observa os companheiros e adversários durante o jogo.

Entretanto, De Rose Jr. (2006, p. 34) reportou que:

“todo técnico quer ter em sua equipe jogadores taticamente inteligentes, que tomam decisões corretas nas situações de jogo. Mas, para tanto, faz-se necessário que sejam adotados métodos de treinamento que permitam aos atletas desenvolverem sua capacidade cognitiva e, assim, maturidade tática”.

Abordando os métodos de ensino e treinamento Oliveira & Paes entenderam que:

tais métodos ainda são muito discutidos na literatura especializada do treinamento desportivo, especialmente para o basquetebol; todavia, reiteramos que todos os métodos são relevantes e devem ser utilizados pelos professores/técnicos, e ainda outros métodos podem ser criados, para propiciar aos atletas maior número de informações através de práticas não repetitivas e motivadoras (2004, p. 32).

Os autores apresentaram alguns métodos (2004):

- Método de ensino integral, das ações motoras técnicas, utilizando-se de exercícios e jogos de forma global;
- Método de ensino analítico sintético em que o ensino da técnica é realizado por partes;
- Método situacional em que o ensino abrange situações de jogo em 2X2, 3X3, 2X1, 3X2.

Coutinho (2003, p. 35), no mesmo sentido, destacou dois métodos para o

ensino do basquetebol:

- Método de ensino global: “consiste em aprender o conteúdo de uma matéria no seu contexto total. Neste método se aprende uma habilidade motora, compreendendo-a, e realizando-a como um todo do início ao fim do processo de aprendizagem”.

Segundo o autor, este método deve ser utilizado para ensinar fundamentos como: controle de corpo; manejo de bola; drible e passe;

- Método de ensino todo – parte – todo: “consiste na realização do fundamento na sua forma global (inicialmente), sem que sejam realizadas correções técnicas, para logo a seguir subdividir esse fundamento em algumas partes que serão trabalhadas em uma seqüência de evolução da mais simples para a mais complexa, para então se chegar ao fundamento total novamente, muito possivelmente com uma qualidade bem melhor de execução”.

Segundo o autor, este método é utilizado quando a tarefa motora a ser executada oferece uma complexidade maior como: os arremessos e o drible com finta e mudança de direção.

Greco (1998) adotou posicionamento similar aos autores supracitados no que se refere ao ensino das técnicas quando destacou, primeiramente, o método de ensino analítico sintético caracterizado pelo autor como “série de exercícios” em que o ensino da técnica é realizado em partes ou etapas com exercícios que apresentam uma divisão dos gestos em mínimos componentes. Greco (id) entendeu que alguns princípios norteiam este método como: iniciar atividades de algo conhecido para atingir algo desconhecido; do mais fácil para o mais difícil; do simples para o mais

complexo e divisão do movimento em fases funcionais. Segundo o autor neste método:

“o aluno conhece, em primeiro lugar, os componentes técnicos do jogo através da repetição de exercícios de cada fundamento técnico, os quais são logo acoplados a séries de exercícios, cada vez mais complexos e mais difíceis; à medida que a ajuda e a facilitação diminuem, gradativamente aumenta a complexidade e a dificuldade das ações. À medida que o aluno passa a dominar melhor cada exercício, passa-se a praticar uma nova seqüência. Estes movimentos já dominados passam a ser integrados em um contexto maior, que logo permitirão o domínio dos componentes básicos da técnica inerente ao jogo esportivo, na situação do modelo ideal, orientado ao gesto do campeão”.(id, p. 41)

Dietrich et al. (1984) entenderam que este método:

“se caracteriza por apresentar cursos de exercícios ou, esporadicamente, jogos, os quais partem de elementos especiais (técnicos, táticos ou condicionais) dos jogos, reunindo-os, pouco a pouco, em conexões maiores (síntese), recolhendo, posteriormente, as partes, em conjuntos lógicos”.(apud Greco,1998, p. 41)

Greco (1998) abordou também, para aprendizagem das técnicas, o método global-funcional ou de confrontação caracterizado pela intenção de adotar toda a complexidade do jogo esportivo através da apresentação de uma seqüência de jogos recreativos acessíveis à faixa etária e à capacidade técnica do aluno iniciante. Dietrich et al., (1984) explicaram que este método fundamentalmente, “se caracteriza pela criação de jogos, que partem da simplificação dos jogos esportivos formais (basquetebol, handebol, futsal etc.) de acordo com a idade, e, através de um aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo final” (apud Greco, 1998).

Para a aprendizagem tática, Greco (ibid, p. 51) destacou o método situacional que “se compõe de jogadas básicas extraídas de situações padrões no jogo”. Schneiderat, 1994 (apud Greco, 1998, p. 51) entendeu que este método é “uma grande alternativa para clubes e escolinhas onde pode-se jogar para exercitar e exercitar através do jogo”.

Bompa (2005) e Abernethy et al. (2000) classificaram este como “método de simulação” que “consiste na criação de rotinas que reproduzam situações específicas de jogo e com as quais os jogadores possam aprender como prever os objetivos táticos do adversário”.

Greco & Benda (1998) adotaram em seu estudo a pedagogia de especificidade no treino, na qual as técnicas são trabalhadas em situações representadas por exercícios nos seus parâmetros particulares de execução e aplicação. Os autores adotaram também o método situacional, com situações de jogo de 2x2, 3x3, servindo para o aperfeiçoamento físico e técnico-tático, que contribuem para comportamentos táticos posteriores.

Garganta (1995) resumiu no quadro abaixo de uma forma abrangente o âmbito que norteia a abordagem dos métodos a serem aplicados no ensino e desenvolvimento dos jogos esportivos coletivos:

Método Analítico ou Parcial (centrado nas técnicas e nas soluções impostas)	Método Global ou de Confrontação (centrada no jogo formal – ensaio e erro)	Método Situacional (centrada nos jogos condicionados – procura dirigida)
CARACTERÍSTICAS		
Das técnicas analíticas para o jogo formal.	Utilização exclusiva do jogo formal.	Do jogo para situações particulares.
O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible...).	O jogo não é condicionado nem decomposto.	O jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente.
Hierarquização das técnicas (1º técnica A, depois a B etc.).	A técnica surge para responder a situações globais não orientadas.	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
CONSEQUÊNCIAS		
Ações de jogo mecanizada, pouco criativas; comportamento estereotipado.	Jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia tática.	As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada.
Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).	Soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas.	Inteligência tática: correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; Viabilização da técnica e criatividade nas ações de jogo.

Quadro 2 – Formas metodológicas de abordagem dos jogos esportivos coletivos. Fonte: De Rose Jr. 2006 – adaptado.

Porém, Greco (1998, p. 52) destacou os trabalhos de Raab (1995) (1997); Roth (1989) (1991) (1997) entre outros para mostrar que:

“existe uma tendência a se obter melhores resultados em um

processo de ensino-aprendizagem-treinamento na iniciação esportiva, quando se adota o método situacional concomitantemente ao desenvolvimento de diferentes processos cognitivos inerentes à ação tática, ou seja, desenvolvendo paralelamente a capacidade tática através da integração dos diferentes processos cognitivos (percepção, antecipação, motivação, tomada de decisão, leitura de jogo) de forma incidental, e também com a conclusão de exercícios para descoberta de sinais relevantes”.

Assim, Greco (id) desenvolveu o método situacional cognitivo sustentado através de estruturas funcionais do jogo em cada fase do treinamento tático, somadas às vantagens do método situacional. Desta forma permite-se inter-relacionar o nível de experiência motora (experiência de jogo) como desenvolvimento das capacidades táticas dos alunos. As capacidades cognitivas de percepção e antecipação da situação de jogo, onde a recordação e o conhecimento exigem que o jogador planeje e estabeleça conjecturas em relação a como resolver a tarefa ou o problema com que se defronta (capacidades do pensamento), estão presentes a cada momento da prática do jogo nas suas diferentes estruturas funcionais. Tudo isto agregando esta tomada de decisão aplicada no *timing* certo (capacidade tempo-espacial de ações).

Oliveira & Paes advertiram que:

“no treinamento tático, busca-se desenvolver os sistemas mais complexos, tanto ofensivos como defensivos, por intermédio das estratégias. Alguns fatores são imprescindíveis para o treinamento da tática: a necessidade de analisar a estrutura e a dinâmica interna, no sentido de configurar a sua especificidade; e também determinar as linhas de força que permitem moldar o treinamento de acordo com a competição. Em relação a essa análise, busca-se o desenvolvimento complexo dos mais diferentes planos: físicos, psicológicos, técnico-tático, aliados as reais condições de competições, o qual a tática é dependente das competências físicas, técnicas e da filosofia objetivada pelos técnicos, com base no pensamento estratégico. Essa relevância é atribuída à definição de um quadro prévio dos princípios, ações e regras da gestão do jogo de basquetebol que balizem o direcionamento do treinamento e possam regular a competição” (Id, p.32).

O basquetebol é um dos esportes que mais solicita o desenvolvimento das capacidades de cognição do atleta. Oliveira & Paes ratificaram esta afirmação

abordando que é:

“crescente a importância atribuída à dimensão cognitiva no desenvolvimento do rendimento dos atletas. A relevância dos aspectos cognitivos se dá à medida que os hábitos de cada jogador voltam-se para leitura do jogo, evitando, assim, jogadas estereotipadas que impedem a criatividade nas ações táticas. No basquetebol, torna-se importante desenvolver nos jogadores, competências que transcendam a execução propriamente dita, centrando suas capacidades cognitivas nos princípios das ações que regem o jogo, ou seja, comunicação entre os jogadores, obtenção de ótimos posicionamentos nos espaços vazios e a percepção antecipada das ações dos adversários”(Ibid, p.32).

Assim, considerando os estudos analisados nesta etapa, deve-se considerar que a aprendizagem motora no basquetebol precisa respeitar as fases de iniciação esportiva proposta por Oliveira (2002), através da aplicação de jogos e atividades lúdicas para crianças na faixa etária de 07 a 10 anos, introdução de técnicas para alunos de 11 e 12 anos, com pequenas correções e iniciação aos gestos técnicos por volta dos 13 e 14 anos. O processo de especialização deve se iniciar por volta dos 14 anos, assumindo os cuidados necessários para evitar o processo de especialização precoce.

Os estudos demonstraram que os gestos técnicos podem ser aprendidos em três momentos: fase de fixação, aperfeiçoamento e desenvolvimento através de diferentes métodos. Dentre estes, pode-se citar: o global, o parcial ou analítico, que divide o movimento por partes, e o situacional que aproveita as situações de jogo.

2.6 - Os Sistemas Defensivos no Basquetebol e sua Aprendizagem.

Nesta etapa do estudo procurou-se evidenciar as características principais e essenciais acerca dos sistemas defensivos no basquetebol, objetivando apresentar sua importância, seus princípios fundamentais, bem como as diferentes formas de executá-los.

Wootten exaltou que no trabalho com basquetebol deve-se proporcionar:

“ênfase em defesa e rebote para os jogadores. Explica por que: Ao longo dos tempos, os times com as melhores estatísticas são as equipes que são as melhores em defender e apanhar rebote. Consequentemente, [...] todo jogador deve estar apto a jogar bem na defesa, independente de sua posição. No baseball há jogadores cuja única função é rebater bolas. [...] No basquetebol não existem estas posições. Portanto, Todos os jogadores na quadra devem estar preparados para atuar na defesa com inteligência e estar preparados para realizar todo o esforço necessário que, muitas vezes, separa um jogador mediano de defesa de um ótimo jogador de defesa”. (1992, p. 135 – tradução nossa).

Jarvis (2004) destacou a necessidade da existência de cinco “Cs” para a construção de uma grande defesa: condicionamento, confiança, consistência, comunicação e comprometimento. Condicionamento físico para suportar as exigências físicas de defender; confiança para acreditar naquilo que está sendo executado; consistência para sustentar o equilíbrio do jogo; comunicação para que todos os jogadores saibam o que deve ser realizado e comprometimento para ratificar o empenho máximo de todos durante os momentos de defesa.

Os sistemas de defesa, segundo Tricoli & De Rose Jr. (2005, p. 13):

“[...] podem ser adaptados de acordo com a habilidade e característica dos jogadores, condições da equipe, condições do adversário e situações momentâneas do jogo. [...], o basquetebol é uma modalidade esportiva complexa a qual envolve a participação simultânea de diversas capacidades e habilidades motoras associadas aos fundamentos de ataque e defesa aplicados às diferentes ações individuais, grupais ou coletivas”.

Assim, para minimizar esta complexidade do jogo de basquete, torna-se importante conceituar a essência de suas ações, técnicas e estratégias, a fim de facilitar sua compreensão.

No basquetebol, defender significa tentar impedir que o adversário esteja em condições de manusear a bola ou de arremessá-la à cesta. Boccardo (2003, p. 3) destacou que toda defesa baseia-se na lei de ação versus reação e, segundo Williams & Wilson (1993, p. 75), o “defensor deve sempre estar entre a bola e a cesta”, a fim de proteger a cesta que defende, e deve procurar, sempre, iniciar uma ação defensiva antes que o atacante, para que este reaja de maneira previsível.

Desta forma, evita-se que o defensor esteja atrasado em relação às ações ofensivas. Em função da velocidade com que a bola é jogada no basquetebol, agir antes do oponente pode significar o tempo necessário para recuperar a posse da bola.

Carvalho, W. (1990, p. 3) evidenciou que “uma boa defesa leva vantagem sobre o ataque. A defesa que souber exercer uma pressão sobre o ataque e controlar a ofensiva do oponente, fazendo com que o ataque mude suas opções, oportunizando assim o sucesso”. O autor (2001, p.105) ainda destacou que uma defesa “deve ser capaz de controlar o ritmo do jogo, forçar o ataque a mudar suas opções ofensivas, reduzir o tempo de posse de bola do adversário e diminuir o aproveitamento de arremesso por posse de bola do adversário”.

Wootten (1992, p. 151) evidenciou que para tornar possível a consecução destas ações, “a defesa baseia-se em certos princípios: pressão no homem que está com a bola, pressão nas primeiras opções de passe, ajuda no lado sem bola, bloqueio de rebote e saída para o contra-ataque”. Tais princípios também foram destacados por Carvalho, W. (1990) (2001), Silva (1987) e Knight, (1986)²¹.

Wootten (id) abordou a importância do desenvolvimento de exercícios de condicionamento físico, colocando-se o atleta na posição fundamental. A justificativa para esta afirmação encontra-se no fato de o defensor necessitar pressionar o atacante que permanece com posse da bola, permanecendo nesta posição. Wootten (id) enfatizou a necessidade de pressão sobre o atacante com posse de bola para:

- Dificultar que este jogador mantenha o controle da bola durante a utilização do drible;
- Impedir que este atacante drible a bola em direção a cesta;
- Dificultar que este jogador passe a bola para um companheiro;

²¹ KNIGHT, Bob. Video Tapes. Basketball Clinic 1 and 2. Katz Sports presents. 1986.

- Impedir que o atacante arremesse a bola à cesta.

Carvalho, W. (1990) sugeriu que este princípio defensivo deve ser ensinado, trabalhado e treinado em diferentes locais da quadra. As atividades de um contra um (1X1) devem ser aplicadas no centro da meia quadra de ataque (cabeça do garrafão), nas laterais e próximo à linha de fundo da mesma; e ainda, próximos da linha de lance livre e da zona neutra (Figura 1).

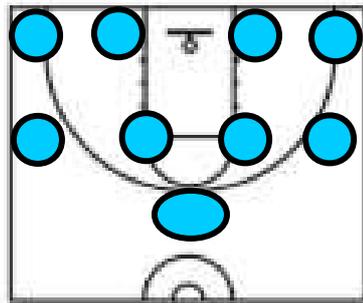


Figura 1 – Áreas da meia quadra de ataque onde devem ser desenvolvidas as atividades de um contra um objetivando pressionar o jogador atacante de posse da bola.

Silva (1987) destacou esta pressão que o defensor deve realizar sobre o homem que está com a bola, procurando direcioná-lo para as laterais da quadra, evitando que o atacante se dirija ao centro e em direção a cesta. O autor dividiu esta pressão em três momentos:

- Quando o atacante ainda não driblou a bola: o defensor deve manter, aproximadamente, um braço de distância - Ferreira & De Rose Jr. (2003); Wooten (1992); Carvalho, W. (1990) -, forçar o atacante a driblar a bola (tirando-a da posição de tríplice ameaça), principalmente em direção as laterais da quadra, isto porque pelas laterais onde menos opções de ataque são oferecidas, pelo centro há um maior aproveitamento de arremessos - Carvalho, W. (2001); Wooten (1992). Segundo Boccardo, “o defensor só estará sendo agressivo se obrigar o atacante a driblar” (2003, p.8).

▪ Quando o atacante está driblando: o defensor deve obrigar o adversário a driblar pelas laterais, mantendo a pressão na bola e evitando ser ultrapassado - Boccardo, (2003); Wootten (1992); Carvalho, W. (1990). O defensor deve fixar o olhar nos quadris do atacante, diminuindo a chance de ser fintado - Silva (1987).

▪ Quando o atacante parou de driblar: o defensor deve pressionar, de forma bastante agressiva, o atacante, realizando um espelho na bola, impedindo ou dificultando qualquer passe ou arremesso - Carvalho, W. (2001). Segundo Boccardo “o espelho na bola é feito com as duas mãos espalmadas e juntas, seguindo a bola como se tivesse um espelho na palma das mãos” (2003, p.8).

Carvalho, W. (1990) e Wootten (1992) apresentaram uma forma de facilitar o entendimento da aplicação dos próximos princípios defensivos. Para tal, torna-se importante dividir, mentalmente, a meia quadra de jogo do lado defensivo no sentido longitudinal, estabelecendo duas metades - Figura 2 . O lado em que jogador com posse de bola estiver é caracterizado como “lado da bola ou lado forte”. A outra metade é identificada como “lado de ajuda ou lado fraco”.



Figura 2 – Divisão da meia quadra de defesa para aplicação dos princípios defensivos. O lado em que o jogador (X) encontra-se com a bola é denominado “lado da bola ou forte”. A outra metade é o “lado de ajuda ou fraco”.

Wootten (1992); Carvalho, W. (1990) (2001); Ferreira e De Rose Jr. (2003); Silva (1987) evidenciaram que os defensores que se encontram no lado da bola também devem realizar uma pressão sobre outros atacantes que estão próximos da

bola, bloqueando, assim, as principais opções de passe do jogador que está de posse da bola. Os defensores devem impedir que esses companheiros do atacante que está com a bola recebam a mesma. Agindo desta maneira, a bola permanece de posse de um único atacante, dificultando as ações ofensivas.

Ferreira e De Rose Jr. destacaram que os defensores que encontram-se no lado de ajuda ou lado fraco devem flutuar (deslocar-se) para pontos mais próximos da linha imaginária citada por Carvalho, W. (1990) e Wootten (1992). Este deslocamento facilita o processo de ajuda ou cobertura pois, segundo os autores, “a ajuda na defesa consiste em manter o olhar voltado para a bola e, no caso de um outro atacante passar por um defensor, tentar impedir a penetração desse atacante” (2003, p.57). A ajuda pode ser considerada como uma prestação de socorro que um defensor faz a seu companheiro.

Calatayud (2004) conceituou acerca das ações de ajudar um companheiro na defesa durante o processo de iniciação ao basquetebol. Sua abordagem englobou conceitos como: a posição de flutuação considerando a distância apropriada entre atacante e defensor, o correto posicionamento para a formação dos triângulos defensivos em função da localização da bola e dos atacantes, a ação de saltar para próximo da bola após um passe; a posição de negar o passe para jogadores próximos ao atacante que está de posse da bola e a ação de ajudar e recuperar a posição. As conclusões apresentadas consideraram que a ação pedagógica acerca da defesa: deve partir do conhecimento dos jogadores e suas realidades; deve começar com ações de 1X1 e 2X2, onde são mais fáceis de serem entendidas as novas situações; caracterizar situações concretas para em progressão progredir à situações abstratas; desenvolver situações de 3X3 para introduzir os conceitos de flutuação, lado forte e lado de ajuda; progredir até o 5X5 mantendo os mesmos

critérios; acrescentar, aos poucos, as situações de dobras e trocas defensivas e sobretudo permitir que o jogador descubra os ajustes particulares que devem ser feitos de acordo com sua individualidade biológica.

Assim, aumentam as possibilidades de ocorrer um arremesso equivocado por parte do ataque quando a defesa dificulta o controle da bola, bloqueia as opções de passe e cria situações para cobertura de seus jogadores que venham a falhar. Para evitar uma nova chance de arremesso, Marques, W. (1981); Carvalho, W. (1990) e Wootten (1992) enfatizaram a importância de realização do bloqueio de rebote defensivo, que consiste na colocação do defensor entre o atacante e a cesta. Para conseguir o rebote, o defensor deve tomar algumas medidas: acompanhar visualmente a trajetória da bola e, ao mesmo tempo, se colocar entre a cesta e seu adversário, impedindo que este se desloque em direção à cesta. Quando for necessário, o defensor deve saltar e agarrar a bola com as duas mãos.

Uma defesa pode ser executada de diferentes formas. Ferreira e De Rose Jr. (2003) diferenciaram os sistemas de defesa como: individual, por zona, combinado ou misto. Guerrinha (2001, p. 45) concordou com este conceito descrevendo que “há, basicamente, três sistemas de marcação no basquete: por zona, individual e misto”.

Tsiotras et al. (2004) em sua investigação acerca da efetividade dos ataques organizados no basquetebol de alto rendimento detectaram que a defesa individual foi o tipo mais utilizado em 91% do tempo. O sucesso do ataque organizado contra este tipo de defesa aconteceu em 59,3% das ocorrências. O sistema defensivo por zona foi utilizado em 8% do tempo com sucesso para o ataque organizado em 56,8% das ocorrências. A defesa por pressão foi utilizada apenas em 1% do tempo, com sucesso para o ataque em 52% das ocorrências.

Na defesa individual “cada defensor é responsável por um atacante determinado” (Id, 2003, p. 56), mantendo esta responsabilidade por toda a área de jogo, porém, sem perder a bola de vista. Este tipo de defesa tem como referência principal o corpo do adversário, fazendo-se necessário apenas acompanhar, visualmente, a bola. Segundo Almeida, a defesa individual é sempre a mais indicada para iniciação ao basquetebol. (1998, p. 123).

Wootten enfatizou que:

“a mais convencional defesa utilizada no basquetebol é o sistema individual no qual cada defensor posiciona-se entre o atacante pelo qual é responsável e a cesta. Neste tipo de defesa, os jogadores no lado de ajuda são colocados e posicionados no meio para prevenir infiltração dos atacantes com a bola e para obrigar o ataque a manter-se com um baixo percentual de arremessos de longa distância. Esta defesa básica é muito eficiente contra equipes que não possuam bons arremessadores de longa distância e deve ser a primeira a ser ensinada a iniciantes devido à facilidade para aprendizagem” (1992, p.137 – tradução nossa).

Guerrinha (2001, p. 46) destacou que “na marcação individual existem variantes: desde marcação pressionada, até a marcação em flutuação, ou com ajuda, ou dobrando (dois em um)”. Wootten (1992) abordou as variações da defesa individual, identificando as defesas: pressão individual; individual com dobra; individual com troca; individual com ajuda e cobertura e individual *run and jump*²².

O autor (id, p. 137) evidenciou as vantagens ou pontos fortes da defesa individual. Este tipo de sistema defensivo entre outras ações:

“dificulta a circulação da bola por parte da equipe adversária; diminui as possibilidades de arremesso de longa distância; aumenta as possibilidades de recuperação da bola; proporciona a ação de improvisado por parte do atacante; dificulta chagada da bola à meia quadra de ataque da equipe adversária; pode ser utilizado em todos os momentos do jogo”.

²² *Run and Jump* – Variação de defesa individual em que a bola ao ser passada para a lateral, identifica o momento para o defensor que encontra-se no centro do sistema correr e saltar em direção a bola para tentar recuperá-la. (Wootten, 1992, p. 139).

Porém, existem também alguns pontos fracos ou desvantagens em utilizar este sistema. Wootten (ibid, p. 137) destacou “a dificuldade para ajudar um companheiro que tenha sido ultrapassado; aumenta a responsabilidade individual na obtenção do rebote defensivo; aumenta o número de faltas pessoais; aumenta o número de arremessos de curta distância do adversário”.

Na defesa por zona cada defensor é responsável por um setor ou área da quadra. Segundo Wootten (ibid, p.139), “este tipo de sistema permite diversas formas de alinhamento dos jogadores. As formas mais comuns são: 2-1-2, 2-3, 2-2-1, 1-2-2, 1-3-1, 1-1-3, 1-2-1-1 e 3-2”. Estas representações numéricas identificam quantos jogadores estão mais à frente, quantos estão no meio da defesa e quantos estão mais próximos da cesta que deve ser protegida. Neste tipo de sistema o jogador precisa considerar várias referências, como a delimitação da região pela qual é responsável, o posicionamento da bola em relação a sua região, os jogadores adversários que se encontram posicionados dentro de seu setor, enfim, o conjunto de todas estas variáveis faz deste tipo de defesa algo mais complexo que a defesa individual, devendo ser ensinada a jogadores de nível avançado.

Wootten (1992, p. 137) abordou as vantagens ou pontos fortes da defesa por zona. O sistema defensivo por zona entre outras ações: “facilita a cobertura de um companheiro; aumenta as possibilidades de obtenção de rebotes defensivos; facilita a organização do contra-ataque; reduz o número de faltas; reduz o número de arremessos de curta distância do adversário”. Em contrapartida, foram destacados também, os pontos fracos ou desvantagens em utilizar este sistema. Wootten (id, p. 137) destacou:

“facilidade para o ataque trocar passes; facilidade para execução de arremessos de 3 pontos pelo adversário; redução da possibilidade de

roubo da bola; este tipo não pode ser utilizado nos momentos finais do jogo quando a equipe encontra-se atrás no placar; reduz a atuação de improviso por parte dos jogadores adversários; facilita chegada da bola à meia quadra de ataque por parte do adversário”.

A defesa combinada ou mista é uma associação dos dois sistemas anteriores em que parte da equipe defende por zona, tentando bloquear os setores mais próximos da cesta de defesa, e parte da equipe defende, individualmente, o(s) melhora(s) jogador (es) da equipe adversária tentando evitar que a bola chegue às mãos do(s) mesmo(s).

Assim, os estudos destacaram a importância da defesa para o desfecho dos jogos de basquetebol. Torna-se importante destacar a necessidade de aplicação dos princípios defensivos abordados por Knight (1986), Wootten (1992) e Carvalho, W. (2001) (1990). De acordo com a literatura, a defesa individual é o tipo mais utilizado e deve ser o primeiro tipo a ser ensinado aos iniciantes, em função de suas facilidades de referências e aprendizagem. Quanto ao aproveitamento, em relação ao ataque, estatisticamente, não apareceram diferenças entre os tipos de defesa. Porém, evidenciou-se a existência de variações do sistema individual, que podem surpreender o adversário, como pressionar, dobrar e realizar ajuda e cobertura.

CAPÍTULO III

3.0. METODOLOGIA DO ESTUDO

Este capítulo abordou os procedimentos pedagógicos acerca dos profissionais que, atualmente, são responsáveis por ensinar e treinar o basquetebol nas categorias de base masculinas do Rio de Janeiro, dentro de uma avaliação do quadro descritivo. O objetivo deste capítulo foi descrever todos os procedimentos metodológicos assumidos por este estudo, caracterizando o tipo de pesquisa, os componentes da amostra, os instrumentos utilizados e como os dados foram coletados e analisados.

3.1 – Tipo de Pesquisa

Quanto ao procedimento geral, este estudo encontra-se em consonância com

o formato de uma pesquisa descritiva que descreve um fenômeno ou situação, em que foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem do tipo levantamento de dados quantitativos, caracterizada por Gil (1994) como uma interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, sem que haja qualquer interferência ou manipulação do pesquisador. Segundo Marconi & Lakatos (2001) este estudo implicou seu levantamento de dados através de um processo de documentação direta utilizando técnica de observação direta extensiva (questionário).

Após o levantamento dos dados realizou-se uma análise quantitativa e qualitativa através de uma comparação dos mesmos com os referenciais bibliográficos acerca do tema proposto para o estudo.

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 66), “a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. E acrescentou que, “trata-se do estudo da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupos ou realidade pesquisada” (Id, p.67).

Oliveira, S. (2000, p.114) entendeu que:

os estudos descritivos possibilitam o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação, permitindo ao pesquisador a obtenção de uma melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.”

Koche (2002, p. 124) apontou que a pesquisa descritiva “estuda as relações entre duas ou mais variáveis de um dado fenômeno sem manipulá-las”.

3.2 – Seleção dos Sujeitos

3.2.1 – Universo dos Sujeitos

O universo dos sujeitos participantes desta pesquisa foi composto por treinadores que ocuparam a função de técnico principal em no mínimo uma equipe dentre as diversas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro no ano de 2007.

3.2.2 – Amostra

A técnica de amostragem já indicou critérios de intencionalidade, na medida em que determinou critérios de inclusão/exclusão caracterizando especificamente uma amostra conveniente.

A investigação deste trabalho centrou-se na amostra de um grupo com 52 profissionais responsáveis pelo processo de treinamento e desenvolvimento de equipes que disputam os campeonatos estaduais masculinos das categorias de base do Rio de Janeiro no ano de 2007. O estado do Rio de Janeiro foi escolhido por representar um dos principais centros de prática do basquetebol no Brasil. Neste estado está concentrado um dos maiores números de profissionais e atletas registrados na CBB e um dos maiores números de atletas e técnicos em atividade. As convocações das seleções nacionais (Cadete, Juvenil e Junior) quase sempre são realizadas por treinadores deste estado e alguns dos principais atletas convocados atuam neste centro.

Faz-se importante deixar claro que outros profissionais foram convidados a participar da pesquisa, a assinar o termo de consentimento e responder o mesmo questionário. Porém, os profissionais que compuseram a amostra foram

selecionados em função da disponibilidade de responder as questões, de assinar o termo de consentimento e de se interessarem em fornecer dados para compor a amostra deste estudo. Foi respeitado um limite máximo de 52 profissionais entrevistados, a fim de não ampliar exageradamente a matriz de investigação deste estudo. Intencionalmente, foram abordados profissionais que atuam nas quatro categorias de base disputadas no estado do Rio de Janeiro. Tal opção foi feita a fim de que a amostra reflita um comportamento acerca do montante de profissionais que atuam no estado e no país e não especificamente de uma faixa etária ou categoria.

Profissionais do Rio de Janeiro	Quantitativo de Profissionais
Categoria Mirim	12
Categoria Infantil	14
Categoria Infanto-Juvenil	14
Categoria Juvenil	12
Total de Profissionais	52

Quadro 3 – A Amostra do Estudo

3.3 Amostragem

A amostra corresponde a, aproximadamente, 70,28% da população estudada, segundo dados da FBERJ. No ano de 2007, participam dos campeonatos promovidos por esta respectiva federação cerca de 74 profissionais, responsáveis por dirigir equipes das diferentes categorias de base do basquete masculino. Tornou-se importante registrar que alguns dentre estes profissionais dirigem mais de uma categoria numa mesma entidade, deixando evidente que para evitar duplicidade no número indicado acima, a abordagem trata do número de profissionais e não do número de equipes.

3.4 – Critérios de Inclusão

Os sujeitos desta pesquisa foram considerados desde que:

- Estivessem na função de técnico principal em no mínimo uma equipe dentre as diversas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro no ano de 2007;
- Assinassem o termo de consentimento, aceitando participar da pesquisa como voluntário, sem qualquer vantagem financeira;
- Responderem ao questionário proposto pela pesquisa.

3.5 – Critérios de Exclusão

Há também profissionais que não se enquadraram no perfil investigado por este estudo, como:

- Responsáveis por dirigir equipes do naipe feminino;
- Treinadores que não estão atuando na temporada 2007;
- Treinadores que estão atuando apenas como assistente técnico;
- Treinadores que atuam somente no comando da categoria adulta.

Tal opção foi feita porque o basquete feminino retrata uma outra realidade e a categoria adulta não corresponde ao período de formação do atleta. A atuação nesta categoria tende a ser o reflexo do trabalho desenvolvido nas categorias de base tornando mais complexo para a prática pedagógica do profissional realizar correções ou ensinar novos conteúdos.

3.6 – Comitê de Ética

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética com o intuito de cumprir as determinações prescritas na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que determina as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Portanto, todos os participantes do estudo concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que pode ser visto no apêndice III. Além disso, foi também elaborada uma carta convite aos profissionais (apêndice I) como forma de estabelecer um primeiro contato entre o possível sujeito da amostra e o pesquisador a fim de transmitir informações preliminares acerca do processo de realização da pesquisa.

3.7 - Procedimento para Coleta de Dados

Cervo & Bervian (2002, p.44) afirmaram que “em relação à coleta de dados de uma pesquisa descritiva, de um modo geral ela deve ser bem planejada se quiserem oferecer resultados úteis e fidedignos, ela corresponde à fase intermediária da pesquisa”.

Aproximadamente no mês de agosto, coincidindo com o final do recesso escolar, a temporada de competição da Federação de Basquetebol do Estado do Rio de Janeiro foi reiniciada. Normalmente, neste período foram realizados os primeiros jogos da segunda fase do Campeonato Estadual (retorno). Tal data marcou também, conforme a legislação existente, o final do prazo para a transferência de jogadores e treinadores de uma equipe para a outra no território brasileiro. Assim, a partir daquela data, atletas e treinadores encontraram-se fixos em uma entidade onde desenvolveram o seu trabalho até o final da temporada.

Portanto, naquele momento (segundo semestre) realizou-se a coleta de dados deste estudo. Durante a disputa do retorno do Campeonato Estadual de base da temporada 2007 do Rio de Janeiro, o autor deste estudo compareceu ao local de treinamento das diversas equipes que disputavam o campeonato e realizou, aos entrevistados deste trabalho, um convite para participar do estudo. Após a aceitação

e preenchimento do Termo de Consentimento, os entrevistados responderam ao questionário padronizado, na presença do pesquisador, porém sem qualquer interferência do mesmo sobre as respostas. Ao final do preenchimento do questionário, as folhas de respostas foram guardadas dentro de uma pasta sem qualquer identificação, não ocorrendo comentários ou questionamentos sobre as respostas.

A opção de entrevistar os profissionais em dias de treinamento foi feita em função destas datas não compartilharem da ansiedade, da tensão e dos horários rígidos presentes em dias de jogos ou competição.

Ao término do processo o pesquisador agradeceu a colaboração do profissional e comunicou-o que após a conclusão da pesquisa, ele iria receber do pesquisador os dados e resultados diagnosticados no estudo, como forma humana de agradecimento pelas informações prestadas e para que pudessem a partir disto, melhorar suas vidas e práticas pedagógicas.

3.8 – Instrumentos

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário (apêndice II) elaborado pelo pesquisador deste trabalho, com adaptações sugeridas pela professora orientadora. O instrumento foi constituído de vinte perguntas, entre estas nove abertas e onze fechadas, que indagavam acerca da formação dos profissionais e de sua prática pedagógica no que diz respeito ao ensino dos sistemas de defesa.

A utilização de perguntas abertas e fechadas foi adotada, neste estudo, com o intuito de possibilitar uma análise quantitativa e, também, qualitativa acerca das respostas fornecidas pelos profissionais entrevistados. Uma análise apenas quantitativa poderia limitar o processo de investigação, de elaboração de conceitos e

de estabelecimento de conclusões acerca desta amostra de sujeitos.

3.8.1 – Validação do Instrumento

Antes de ser apresentado aos treinadores, o instrumento desta pesquisa foi apreciado por um “júri de experts” no que diz respeito à produção e publicação de trabalhos científicos, a fim de verificar o grau de fidedignidade do mesmo. O júri foi composto por uma montante de 05 (cinco) professores, em que todos os membros deste grupo já possuíam como titulação mínima o Doutorado concluído.

Foi elaborado, pelo autor deste trabalho, um questionário modelo considerando o intuito de obter o máximo de informações que pudessem contribuir para consecução deste estudo. A estruturação do objeto de investigação levou em consideração a experiência e critérios profissionais na tentativa de maximizar as vantagens e minimizar as desvantagens em potencial do mesmo.

O questionário modelo foi submetido à apreciação dos doutores a fim de manter, alterar ou acrescentar informações pertinentes para que as questões contidas no instrumento atendessem a três critérios: clareza dos questionamentos, abrangência do instrumento e aceitabilidade das questões.

O quadro abaixo representa um resumo da apreciação realizada pelos professores doutores:

Questões	Prof. Dr. 1	Prof. Dr. 2	Prof. Dr. 3	Prof. Dr. 4	Prof. Dr. 5
Introdução	Alterar o texto retirando a palavra “apenas”.	Concordou	Concordou	Aprovou o questionário do ponto de vista técnico e moral. Não solicitou qualquer alteração.	Aprovou o questionário ressaltando que está bem elaborado, que as questões são pertinentes ao que se destinam a investigar. Não solicitou qualquer alteração.
01	Concordou	Concordou	Concordou		
02	Concordou	Concordou	Concordou		
03	Concordou	Concordou	Concordou		
04	Concordou	Concordou	Concordou		
05	Alterar última opção para “Outros” e acrescentar “Qual” a esta resposta.	Concordou	Concordou		
06	Concordou	Acrescentar a palavra “Qual” para as opções acerca da Especialização e identifica a “área” para as opções de Mestrado e Doutorado.	Concordou		
07	Concordou	Trocar “de” por “entre” nas opções	Concordou		
08	Concordou	Dividir a questão em duas, criando uma para artigos outra para periódicos.	Concordou		
09	Concordou	Concordou	Concordou		
10	Concordou	Concordou	Concordou		
11	Concordou	Trocar “predominante” por “de sua preferência”	Concordou		
12	Concordou	Concordou	Concordou		
13	Concordou	Concordou	Concordou		
14	Concordou	Concordou	Concordou		
15	Concordou	Concordou	Concordou		
16	Concordou	Concordou	Concordou		
17	Concordou	Concordou	Concordou		
18	Concordou	Concordou	Concordou		
19	Concordou	Concordou	Concordou		
20	Concordou	Concordou	Concordou		

Quadro 4 – Avaliação dos professores doutores acerca do instrumento de investigação deste estudo.

Após os devidos ajustes realizados, em função das sugestões propostas pelo “júri de experts”, chegou-se a um instrumento padrão que pôde ser aplicado no

estudo (apêndice II).

3.8.2 Testagem do Instrumento

Para verificação da qualidade e objetividade do questionário, foi realizado um estudo piloto com cinco treinadores responsáveis pelas categorias de base do basquetebol feminino do Rio de Janeiro. Este procedimento foi realizado para que os especialistas, com vivência prática (mínima de dez anos) na função treinador, analisassem a relação entre conteúdo e objetivos a serem atingidos através das questões. Assim, pôde-se avaliar o instrumento e, conseqüentemente, a eficácia e clareza das questões para a sua definitiva aplicação. Os resultados deste estudo piloto podem ser encontrados no apêndice IV.

A escolha da amostra de profissionais para realização do estudo piloto foi de caráter intencional. A amostra da pesquisa principal contou com 70,28% dos treinadores responsáveis pelas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro. Este quantitativo permitiu uma margem de segurança de 29,72% de profissionais. Entretanto, um determinado número de treinadores deste universo poderia ter se recusado a participar da pesquisa. Tal fato remeteria à necessidade de procurar outros treinadores para serem entrevistados. Caso uma nova recusa viesse a ocorrer, a amostra poderia ser afetada. Assim, para evitar riscos com a amostra e a margem de segurança, optou-se por, no estudo piloto, entrevistar profissionais oriundos de um universo diferente do original.

3.9 - Tratamento dos Dados Coletados

Após os dados coletados, estes receberam um tratamento estatístico de forma descritiva, foram representados através de percentuais, gráficos de barras

e/ou setores, sendo interpretados e analisados de acordo com a literatura pesquisada e os objetivos propostos do estudo. A análise realizada foi de caráter quantitativo e qualitativo a fim de aprofundar o nível de investigação da pesquisa e de atingir a consecução dos objetivos propostos.

3.10 – Cronograma

SITUAÇÃO	DATA
Fundamentação Teórica	Julho a Dezembro/2006
Pré-qualificação	Outubro/2007
Estudo Piloto	Novembro/2007
Coleta de Dados	Novembro/2007
Tratamento dos Dados	Novembro/2007
Conclusão do Trabalho	Dezembro/ 2007
Defesa	Dezembro/ 2007

Tabela 1 - Cronograma de execução da pesquisa.

CAPÍTULO IV

4.0. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo registrou os resultados encontrados após a análise quantitativa (estatística) e qualitativa das respostas fornecidas pelos profissionais que, atualmente, são responsáveis por ensinar o basquetebol nas categorias de base masculinas do Rio de Janeiro quando questionados através do instrumento proposto para este estudo, descrito no capítulo III. O objetivo deste capítulo foi verificar a coerência lógica das respostas fornecidas pelos profissionais, em relação às informações fornecidas por outros estudos publicados anteriormente e descritos no capítulo II deste trabalho. Assim, tornou-se possível responder às questões propostas por este estudo, apresentadas no capítulo I.

Procurando facilitar o entendimento deste trabalho, bem como atingir o objetivo deste capítulo, o conteúdo foi apresentado em subtítulos, seguindo uma progressão, sendo apresentados na ordem a seguir: a) O processo de formação do profissional; b) O processo de atualização e aperfeiçoamento; c) A prática pedagógica no ensino dos sistemas defensivos.

4.1 – O Processo de Formação do Profissional

O profissional que assume a função de treinador em uma equipe ou em um programa de basquetebol trás consigo a responsabilidade de constituir um dos alicerces de sustentação para o desenvolvimento desta equipe ou projeto. Nunes

(2004) ratificou esta afirmação entendendo que o professor é o elemento fulcral do processo. Galdi et al (2004) perceberam a importância do papel do treinador para os atletas ao identificar em seu estudo que o técnico foi citado, pelos jogadores, como uma das mais freqüentes fontes de stress no esporte de rendimento. As ações pedagógicas deste treinador devem ser o reflexo de sua formação e de sua experiência no exercício desta função.

Menoncin Jr. (2003, p.44) abordou que a identidade destes treinadores, sua formação e seus métodos tornam-se fatores importantes para poder entender a importância do seu papel na formação e desenvolvimento esportivo dos atletas, desde crianças até adultos.

A formação do profissional no sistema esportivo foi destacada por Rodrigues, J. (1995, p. 29) como uma formação que:

“está ainda longe de ser um processo global e criterioso”. Shigunov (2000, p.46) afirmou que “o treinador de sucesso deve ter basicamente, entre outros predicados, o conhecimento do treinamento, a formação especializada, a formação pedagógica, a sempre atualização, o conhecimento dos seus atletas e uma atuação positiva”.

A presente pesquisa observou que a faixa etária dos entrevistados apresentou uma média de 34 anos ($\pm 10,13$), com esta idade variando de 22 a 53 anos. Foi identificado que 23,53% dos treinadores estavam compreendidos entre 22 e 25 anos; 17,64% entre 26 e 30 anos; 14,70% entre 31 e 35 anos; 11,76% entre 36 e 40 anos; 11,76% entre 41 e 45 anos; 20,58% entre 46 e 53 anos (Figura 3).

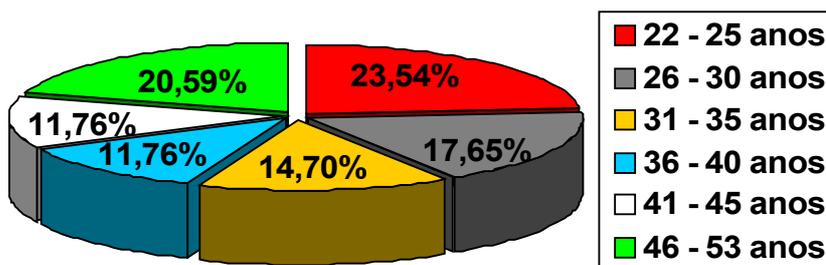


Figura 3 – Percentual de treinadores entrevistados por faixa etária.

Os percentuais observados apresentaram um quadro com tendência à hegemonia, não havendo diferenças significativas quanto a uma faixa etária predominante. Não foi detectada uma faixa etária ideal para o exercício desta função profissional, nem um limite mínimo ou máximo para a manutenção deste profissional no mercado de trabalho.

O destaque a ser analisado quanto à faixa etária dos profissionais foi a relação diretamente proporcional entre a idade máxima dos atletas em cada categoria e a idade dos profissionais responsáveis pelos times destas categorias. Quanto menor a faixa etária da categoria, a tendência para esta população foi de que a idade do treinador, em média, seja menor do que a média geral encontrada de 34 anos (Figura 4).

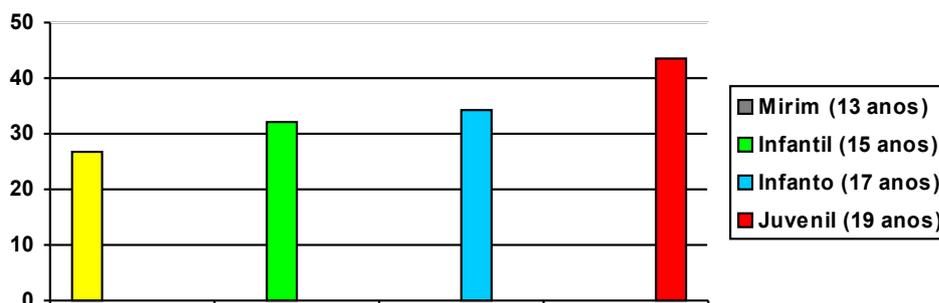


Figura 4 – Média de idade, em anos, dos profissionais de acordo com a categoria que dirigem.

Tal fato remeteu a uma possível discussão: quanto mais jovens e inexperientes os atletas forem, mais experientes os treinadores deveriam ser para tentar assegurá-los no processo de iniciação e competição esportiva. Porém, para entendimento do quadro descrito acima foi possível destacar alguns fatores: quanto menor for a faixa etária da categoria, menor é o grau de importância destinado pelos dirigentes acerca dos resultados obtidos pelas equipes. Também é menor o investimento de recursos para a formação de atletas, e ainda, provavelmente, é menor a remuneração do profissional. Isto tende a encaminhar os profissionais mais

experientes a procurar as categorias com atletas mais velhos e mais próximos do âmbito profissional.

Quanto ao tempo de exercício na profissão, Rodrigues J. (1995, p. 35) fez referência a este acumulo de experiências como fator influente, capaz de proporcionar maior segurança ao profissional. Para o autor, “os mestres realizam inferências de casualidade sobre acontecimentos aos quais os inexperientes se limitam a observar superficialmente”.

O quadro apresentado por esta investigação retratou algo similar ao detectado através da faixa etária. O tempo médio encontrado como tempo de atuação nesta função foi de 13,12 anos ($\pm 10,76$). Este dado tendeu a direcionar a análise para um profissional com experiência, não se encaixando no perfil de iniciante. A princípio, este profissional tendeu a possuir, minimamente, uma bagagem de vivências práticas nesta função que criaria condições para dirigir as equipas masculinas de categoria de base.

Porém, quando se aprofundou a investigação deste tempo de atuação profissional dividido por categorias, tornou-se evidente a migração dos profissionais mais experientes para as categorias superiores (juvenil e infanto-juvenil) e o pouco tempo de prática na função dos profissionais responsáveis pelas equipas de iniciação a competição, como a categoria de mirins (Figura 5).

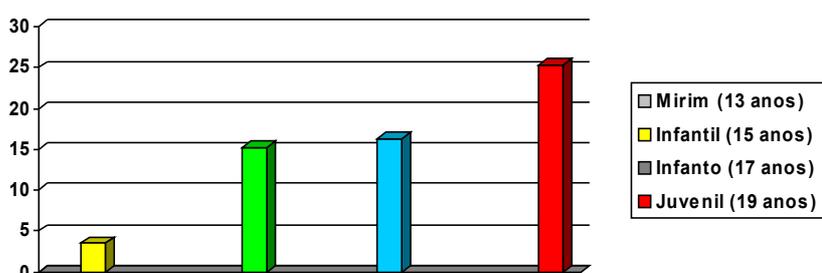


Figura 5 – Média, em anos, do tempo de trabalho dos profissionais na função de treinador de basquetebol masculino das categorias de base.

A formação pedagógica foi outro fator investigado por este estudo. O quadro apresentado pelos treinadores entrevistados mostrou 69,24% de graduados, sendo que entre estes 88,88% graduou-se em Educação Física, número que representou 61,53% do total de entrevistados. Foi observado ainda que 12,50% graduaram-se em outras áreas, o que equivaleu a 7,71% do total de treinadores. Os resultados da entrevista identificaram que 17,30% dos treinadores encontram-se em processo de busca da titulação de graduado em Educação Física. Outro perfil encontrado foi de treinadores que não obtiveram qualquer formação universitária, representando 13,46% dos entrevistados (Figura 6). Quanto à relação entre a formação pedagógica e o tempo de exercício da profissão, entre os 13,46% de treinadores que afirmaram não possuir qualquer formação universitária, 93,48% estão no mercado de trabalho há mais de 20 anos. Entre os profissionais com menos de 15 anos de exercício da profissão, 89,72% são graduados ou são acadêmicos em busca da titulação.

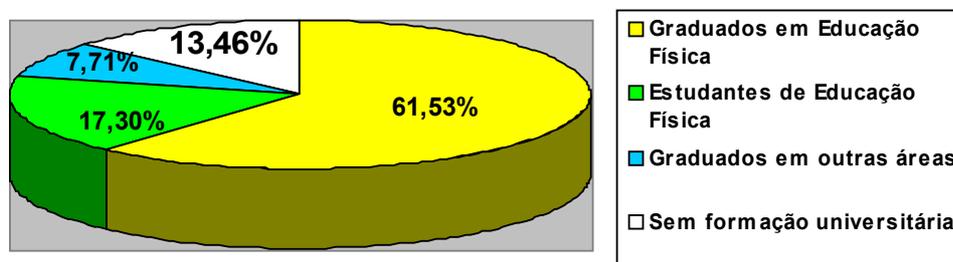


Figura 6 – Formação pedagógica dos profissionais entrevistados expressa em percentuais.

Dentre os treinadores graduados entrevistados, 36,56% afirmaram possuir cursos completos de pós-graduação. Somente um entre eles concluiu o curso de mestrado, enquanto dezoito completaram ao menos um curso lato sensu. Não houve qualquer referência ao curso de doutorado.

Abordando a experiência prática, 17,65% dos treinadores foram atletas da categoria adulto de basquetebol; 52,94% foram atletas das categorias de base do basquetebol e 29,41% não foram atletas de basquetebol (Figura 7).

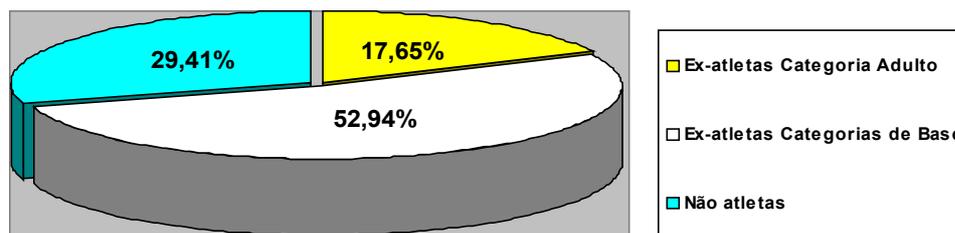


Figura 7 – Experiência prática dos profissionais entrevistados expressa em percentuais.

O quadro descrito acerca da formação dos profissionais apontou para uma representação similar a encontrada por Becker Jr. (2000), que identificou a presença de três tipos de pessoas atuando como treinadores no processo de iniciação esportiva: ex-atletas, acadêmicos do curso de Educação Física e professores de Educação Física. Porém, além dos três perfis descritos por Becker (2000), esta pesquisa registrou a presença de outros dois perfis.

Um destes perfis foi representado pelo “profissional” sem qualquer formação universitária, que foi identificado como leigo. Moraes (1996) destacou que este “profissional” encontrava no conteúdo esporte seu maior aliado na articulação política com a comunidade e adquiria o conhecimento acadêmico por vias indiretas, mas suficientes para o que o cotidiano lhe exigia.

O outro perfil identificado foi do profissional graduado em outras áreas, como a geografia e as ciências matemáticas, e que centrou sua formação em sua experiência prática de ex-jogador.

Em suma, os resultados apresentados nesta pesquisa apontaram que uma maior parte dos profissionais, principalmente os mais jovens e com menos tempo de profissão, esteve e está preocupada com uma formação de cunho pedagógico para servir como alicerce de suas ações nesta função de treinador. Entretanto, foi importante ressaltar que as investigações de Moreno (1998) mostraram que o desenvolvimento da disciplina basquetebol, em diversos cursos e currículos pelo

país, não apresentaram as características necessárias para formar um profissional capaz de favorecer o desenvolvimento de aprendizagem.

A experiência prática como ex-jogador de basquetebol assumiu um papel de destaque como fator de contribuição para exercício das funções de trabalho. Porém, fez-se importante evidenciar que apenas nove treinadores afirmaram possuir uma vivência prática significativa, de vários anos, como jogador tendo participado de categorias de base e da categoria de adultos. Vinte e oito treinadores entrevistados abordaram sua participação como ex-atleta durante um tempo médio de cinco anos nas categorias de base.

Quanto ao aprofundamento da formação pedagógica, dezenove profissionais atingiram o patamar da pós-graduação e da conseqüente realização de pesquisas em busca de novos conhecimentos. Tal quadro direcionou a prática profissional dos treinadores a um quadro de reprodução dos conhecimentos existentes e adquiridos enquanto universitário ou atleta. Rodrigues J. (1995, p. 29) enfatizou a importância destes conhecimentos adquiridos abordando que “o treinador recebe a influência de certos modelos e práticas de formação que atuam diretamente sobre a sua capacidade técnica e cognitiva”. Desta forma, este estudo procurou investigar outras formas de obtenção de conhecimentos identificadas como vias indiretas por Moraes (1996) e utilizadas pelos “profissionais” leigos segundo o mesmo autor.

4.2 – O Processo de Atualização e Aperfeiçoamento do Profissional

O mundo contemporâneo é marcado pelas constantes modificações acerca de conceitos e paradigmas até então estabelecidos. A dinâmica de vida atual,

caracterizada pela evolução das pesquisas, da ciência e da tecnologia, conduz à necessidade de aperfeiçoamento profissional a fim de não se tornar um ser desatualizado ou ultrapassado.

No âmbito dos esportes de competição este processo de aperfeiçoamento e aprofundamento profissional pode ser realizado através de meios formais ou não formais. Os meios formais são cursos (de aperfeiçoamento e atualização) e palestras promovidos por universidades, entidades que regem o basquete e empresas particulares que contam com a presença de professores e palestrantes conceituados no meio esportivo, que através de seu conhecimento e capacidade buscam capacitar seus ouvintes.

Os meios não formais, normalmente, estão acoplados à pesquisa através da leitura de publicações e da internet. Através da rede mundial de computadores os profissionais que desejarem podem investigar e receber informações acerca do basquetebol. As páginas que tratam do basquetebol, normalmente, são de caráter pessoal, de empresas particulares, de entidades que regem o basquetebol, de universidades ou de entidades representativas de categorias profissionais.

As publicações no universo do basquetebol podem ser encontradas na rede mundial de computadores, mas também através de artigos, colunas, capítulos redigidos em livros e periódicos. Há, ainda, a presença de trabalhos científicos apresentados sob as diversas formas em congressos.

Este estudo procurou investigar como é feito o aperfeiçoamento ou aprofundamento profissional realizado pelos treinadores de basquetebol entrevistados. A busca por estes dados ficou concentrada em questões sobre: a participação dos treinadores em cursos e eventos de aperfeiçoamento ou atualização; sobre o hábito de pesquisa através da leitura de artigos, livros e

periódicos; sobre a utilização da rede mundial de computadores (com a preocupação de verificar os conteúdos existentes no sites visitados); sobre o ato de assistir partidas de basquetebol.

Quanto à participação em cursos ou eventos de aperfeiçoamento ou atualização, o quadro encontrado apresentou que um montante considerável dos profissionais procurou, recentemente, estes instrumentos para melhorar seu conhecimento e sua prática pedagógica (Figura 8). 48,07% dos profissionais participaram de algum destes tipos de eventos entre um e seis meses atrás. 23,07% identificaram sua última participação entre sete meses e um ano. 15,39% o fizeram entre um e dois anos passados e 13,47% realizou esta participação há mais de dois anos.

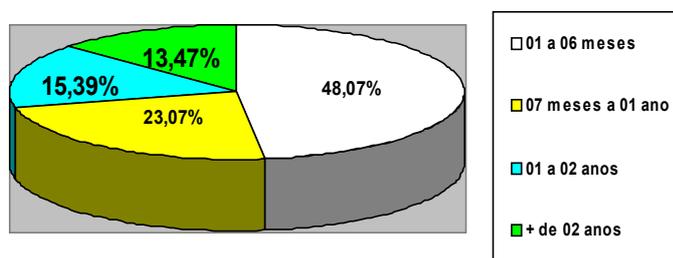


Figura 8 – Relação expressa em percentuais entre o tempo transcorrido e a participação dos profissionais em cursos ou eventos de aperfeiçoamento ou atualização profissional.

Dentre os 71,14% dos profissionais que buscaram aperfeiçoamento ou atualização profissional nos últimos 12 (doze) meses, apenas 06 (seis) treinadores participaram de 02 (dois) destes eventos no ano de 2007. Os outros 31 (trinta e um) profissionais participaram de apenas 01(um) evento neste ano. 15 (quinze) dos profissionais entrevistados não realizaram qualquer tipo de aperfeiçoamento ou atualização no ano de 2007.

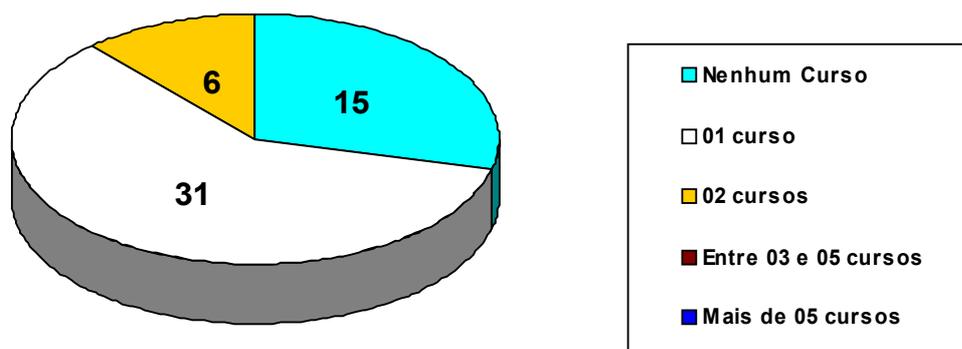


Figura 9 – Posicionamento dos profissionais entrevistados quanto à realização de cursos de aperfeiçoamento ou atualização profissional no ano de 2007.

De acordo com os dados coletados e apresentados na figura 9, 71,14% procurou ao menos um curso ou evento com as características descritas no período de um ano, fato que identifica um volume considerável de profissionais na busca de melhorar sua formação e atuação. Porém, nesta procura torna-se importante destacar que entre este percentual de profissionais (71,14%), representado por 37 indivíduos, cerca de 70,27% (26) são treinadores que dirigem equipes das categorias inferiores – com atletas mais jovens (mirim e infantil), representantes do grupo de profissionais com menor idade e com menos experiência, caracterizado anteriormente por este estudo. Além disto, entre os 37 profissionais que buscaram aperfeiçoamento no ano de 2007, apenas 06 (16,21% destes) participaram de mais de um evento, o que tende a representar uma busca por crescimento, mas uma busca pequena.

Estes dados caracterizaram um quadro em que os profissionais mais jovens, em termos estatísticos, representaram uma maioria absoluta na procura recente, apesar de limitada, por novos conhecimentos que agreguem valor a suas carreiras. Os mais experientes, talvez por confiarem em seu tempo de exercício na profissão ou no grau de conhecimento adquirido ao longo do tempo, são os treinadores que estão há mais tempo sem realizar um processo de atualização ou aprofundamento profissional através de cursos e eventos.

Quanto à leitura de artigos, livros e periódicos, o quadro encontrado apresentou que menos da metade dos profissionais entrevistados possui o hábito da leitura deste tipo de texto. 46,15% (24 treinadores) dos entrevistados afirmaram possuir este hábito de leitura. Conseqüentemente, 53,85% (28 treinadores) afirmou não encontrar na leitura deste tipo de texto uma forma de aperfeiçoamento profissional.

Torna-se importante destacar que dentre a minoria que confirmou o hábito da leitura, 79,16% (19 treinadores) não soube citar o nome de um artigo, livro ou periódico lido (Figura 10). Entre o montante de 20,84% (05 treinadores) que foi capaz de citar o título de uma obra lida, foi feita referência aos seguintes textos: Biografias de Phil Jackson (técnico da NBA) e Michael Jordan (jogador da NBA); livros de Boccardo (2003) e Carvalho, W. (2001).

Foram abordados, ainda, sem qualquer referência ao título do texto: periódicos da CAPES, revistas do CREF, jornais e artigos de treinamento desportivo. Ocorreram, também, respostas abstratas do tipo: “todos os artigos existentes”; “li dois artigos da lista do CEV”²³.

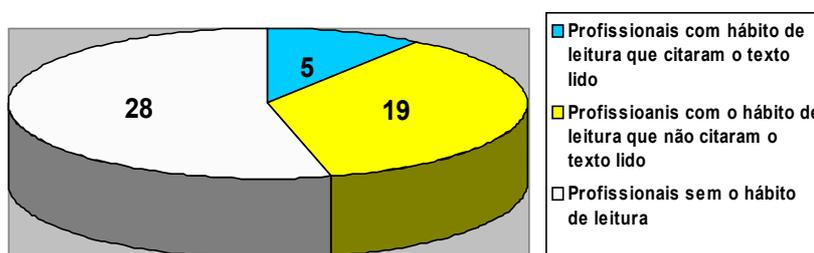


Figura 10 – Posicionamento dos treinadores entrevistados quanto ao hábito da leitura e da certificação do texto lido.

Os dados apresentados mostraram que o hábito da leitura de artigos, livros e periódicos não é dos mais utilizados pelos treinadores. Dentre os que afirmaram

²³ CEV – Centro Esportivo Virtual – www.cev.com.br.

possuir este hábito, pôde-se detectar que a resposta foi realizada de forma afirmativa a fim de demonstrar ao pesquisador, que o entrevistado estava em consonância com esta maneira de aperfeiçoamento. Tal percepção pode ser considerada a partir do momento em que, aproximadamente, 80% destes não soube citar o título de um único texto que havia sido lido, quando a afirmativa foi de que a leitura era um hábito.

Daqueles capazes de citar o nome da obra, não houve qualquer referência a publicações dos últimos três anos ou a textos de caráter pedagógico. Isto só reforça a idéia de pouca procura pela leitura de textos e quando há tal procura a mesma não é no intuito de melhorar a prática pedagógica.

Quanto à utilização da rede mundial de computadores – internet –, o quadro encontrado indicou tal ferramenta como principal foco de obtenção de conhecimento não formal por parte dos treinadores entrevistados. 86,54% dos profissionais entrevistados utilizaram este meio regularmente. 13,46% não se utilizaram desta ferramenta. Entre os 45 profissionais que afirmaram utilizar tal ferramenta houve referência a 26 diferentes páginas existentes na rede. Algumas das páginas foram citadas por mais de um treinador, acumulando um total de 94 citações.

As páginas ou sítios destacados pelos profissionais em suas respostas podem ser divididos em grupos de acordo com suas características principais e informações disponibilizadas. Para facilitar a leitura deste trabalho, as páginas que agregam um número amplo de informações foram caracterizadas, em quatro grupos em consonância com a essência das informações oferecidas em cada sítio: páginas mantidas por entidades oficiais que organizam e regem competições de basquete; páginas mantidas para expressão de opiniões, registro de fatos e venda de produtos, ligados ao basquete; páginas mantidas para discussão de conhecimento

específico do basquete; páginas mantidas para discutir a prática pedagógica e metodologia de ensino deste esporte. No quadro 3 pode-se identificar os sites abordados.

Caracterização do Site	Endereço	Conteúdos
Páginas de entidades (ligas, federações e confederações) que organizam eventos e competições de basquete.	feb.com.es ; acb.com ; eurobasket.com ; cbb.com.br ; fpb.com.br ; fberj.com.br ; basketmg.com.br ; nba.com ; fiba.com ;	Informações acerca da história do basquete e da entidade; da estrutura e organização das competições promovidas por diversas entidades; fotos e entrevistas com atletas e profissionais, venda de ingressos e produtos; etc.
Páginas de pessoas físicas ou jurídicas que desejam expressar suas opiniões, vender produtos, registrar fatos ligados ao basquete.	databasket.com ; guilhermekroll.com.br ; bolar.com.br ; arbitrando.com ; gatorede.com ; cardiofitness.com.br ; basquetetotal.com.br ; basquetebrasil.com.br	Informações que expressam opiniões particulares acerca de fatos ocorridos no basquete; informações sobre técnicas, táticas e regras do jogo; informações sobre preparação física; artigos científicos; fotos e entrevistas com atletas e profissionais, venda de produtos; etc.
Páginas de treinadores que desejam transmitir e discutir o conhecimento físico, técnico e tático do basquete.	bbhighway.com ; bbhearth.com ; canastrad3.com ; bdbaloncesto.com ; jgbasket.com ;	Informações sobre técnicas e táticas do jogo; informações sobre preparação física; fotos e gráficos acerca das táticas.
Páginas de treinadores que desejam transmitir e discutir a pedagogia e a metodologia de ensino e treinamento do basquete.	baloncestoformativo.com.ar ; javierimbroda.com ; fpferrandiz.com ; coachneto.com ;	Informações sobre como ensinar, desenvolver e treinar as principais técnicas e táticas do jogo; informações sobre preparação física; gráficos acerca das táticas.

Quadro 5 – Páginas da rede mundial de computadores abordadas pelos treinadores entrevistados.

Entretanto, a ferramenta da internet, apesar de utilizada em grande escala pelos profissionais, quando analisada com mais cuidado, sugeriu certo foco de intenção na busca de informações. Mesmo com todas as páginas destacadas apresentando informações sobre basquetebol, o que pode proporcionar ganho de conhecimento, entre as 26 páginas citadas, apenas 10 traziam informações específicas para a função de treinador. Considerando estas que tratam, especificamente, de informações para a função de técnico, o número de citações

acerca das páginas que tratam da tática e estratégia do jogo é superior às páginas que tratam da prática pedagógica e da metodologia de ensino (Figura 11). Tal fato indicou que o profissional entrevistado prefere visualizar gráficos com táticas ensaiadas a fim de adquirir novas estratégias ou estruturas táticas para surpreender os adversários do que adquirir novas ou mais eficientes formas de treinar e desenvolver tais estratégias ou estruturas. Exemplificando, percebeu-se a preferência pelo produto pronto para ser aplicado em detrimento do processo de produção deste produto. Isto trouxe à tona a questão da reprodução pura e simples do conhecimento existente.

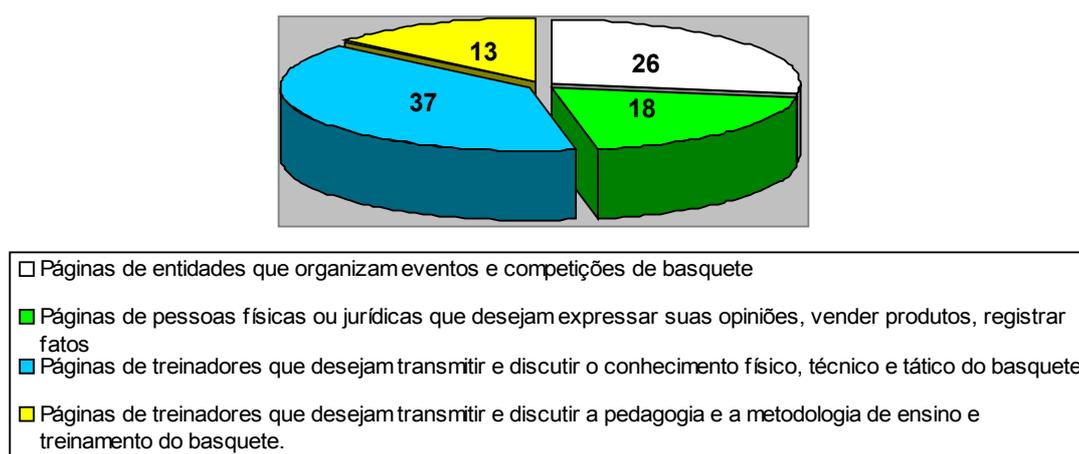


Figura 11 – Quantitativo de citações, feitas pelos entrevistados, acerca das páginas da internet, divididas em grupos de acordo com a característica de cada página.

Quanto ao hábito dos profissionais entrevistados assistirem partidas de basquetebol (em ginásios ou pela televisão), procurando, através da observação, adquirir, aperfeiçoar ou aprofundar conhecimentos, o quadro apresentado retratou uma tendência dos treinadores assistirem, normalmente, um jogo por semana. Não foram considerados os jogos da equipe do próprio treinador – no qual é obrigatória a participação dele - e das outras categorias de seu clube, onde poderia atuar como assistente técnico - pois, estes são disputados todos na mesma data e em horários

seqüenciais. Os dados encontrados para este grupo de profissionais (Figura 12) indicaram que 80,76% dos entrevistados assistem, em média, 01 (uma) partida por semana; 11,53% assistem, em média, 02 (duas) partidas por semanas e 7,70% assistem, em média, mais de 02 (duas) partidas por semana.

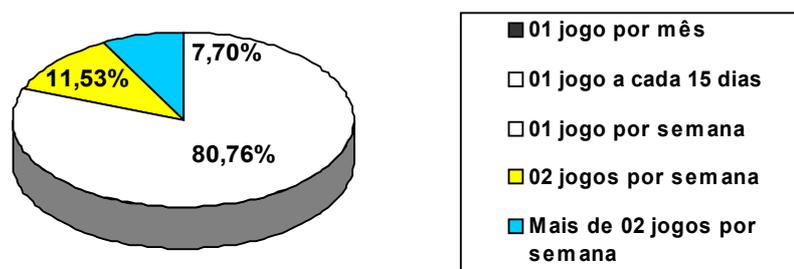


Figura 12 – Frequência média com que os treinadores assistem jogos de basquete, não considerando os jogos de sua equipe e das outras categorias de seu clube, pois, estes são disputados todos numa mesma data e em horários seqüenciais.

Investigando o intuito dos treinadores ao assistir estas partidas de basquetebol (Figura 13), as respostas abrangeram diferentes causas para esta ação. Um total de 93 (noventa e três) lembranças foi identificado, tentando explicitar estes motivos. Para melhor entendimento dos dados encontrados nesta questão, as respostas foram agrupadas sob uma mesma temática. As categorias estabelecidas foram: observação de equipes adversárias; análise técnica e tática de equipes adversárias; observação de jogadores para futura contratação; atualização sobre as novidades do basquete; ocupação do tempo livre; lazer – gostar de basquete; encontrar amigos.

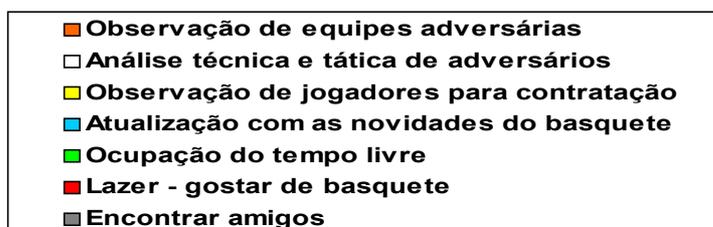
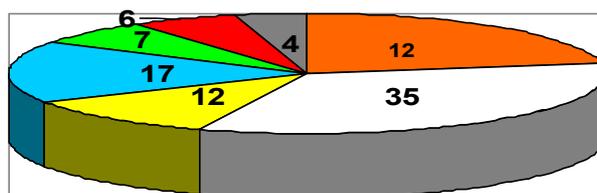


Figura 13 – Motivos que levam os profissionais entrevistados a assistir partidas de basquete.

A análise acerca da ação dos treinadores assistirem jogos de basquete, a princípio, revelou três tendências: a primeira fez referência à tentativa de melhorar a performance de sua equipe, seja em curto prazo, através de um planejamento tático capaz de facilitar a vitória sobre um próximo adversário, seja em médio ou longo prazo com a tentativa de reforçar a equipe através da contratação de jogadores para as próximas temporadas. A segunda tendência disse respeito aos vínculos sociais em que, durante os jogos, podem ser reforçados por momentos de lazer e prazer com amigos. A terceira tendência compreendeu o aprimoramento profissional relativo a estar em consonância com as referências atuais do basquetebol. Assim como nos dados referentes à utilização da internet, a prevalência do interesse em táticas e estratégias do jogo foi superior ao interesse em questões sociais ou de aprimoramento profissional. Tal quadro apresentou um perfil de comportamento em que o profissional entrevistado, que na maioria das vezes assiste uma partida por semana, preferiu visualizar jogos com sua intencionalidade voltada para conceitos táticos, a fim de superar adversários.

4.3 – A Prática Pedagógica no ensino dos sistemas defensivos

Os sistemas defensivos, como abordado no capítulo I deste trabalho, consistem num importante fator de influência nos resultados obtidos pelas diversas equipes que representaram o basquetebol brasileiro em competições internacionais. O autor deste estudo optou por escolher este tema (conteúdo) – sistemas defensivos

– como foco de verificação para análise da prática pedagógica realizada pelos treinadores entrevistados. Esta escolha foi realizada, pois este conteúdo interfere diretamente na performance e no resultado de partidas e competições.

É importante destacar que no esporte de rendimento as vitórias e as colocações finais são os principais pilares para avaliação do trabalho realizado pelos atletas e treinadores. Tanto que De Rose Jr. et al (2004) identificaram que, para os atletas, entre as principais situações de “stress” em jogos, a situação mais citada foi o fato de errar em momentos decisivos e comprometer a vitória de sua equipe.

Este estudo questionou como os treinadores entrevistados planejam, ensinam, treinam, desenvolvem e avaliam os sistemas defensivos em suas equipes. As investigações centraram-se sobre o tipo de defesa mais utilizado; o motivo da predominância deste tipo de defesa; a existência de alguma variação deste tipo de sistema; a aplicação prática dos princípios defensivos identificados por Wootten (1992); Carvalho, W. (1990) (2001); Ferreira e De Rose Jr. (2003); Silva (1987); o planejamento da metodologia de ensino utilizada; os métodos utilizados; o motivo da escolha destes métodos e a avaliação do processo de ensino, treinamento e aprendizagem.

Os resultados encontrados explicitaram que 84,62% dos treinadores adotam a defesa individual como sistema mais utilizado em suas equipes. 11,54% utilizam prioritariamente o sistema defensivo por zona e 3,84% preferem utilizar o sistema defensivo misto ou combinado (Figura 14). Estes resultados vão ao encontro dos estudos realizados por Almeida (1998) e Tsiotras et al (2004), em que o sistema defensivo individual foi o tipo de defesa mais utilizado. Quanto às variações dos sistemas, foi abordada a aplicação dos sistemas individual e por zona sob pressão, com 48 lembranças; a aplicação de dobras ou armadilhas, com 42 citações e com a

utilização da flutuação com 27 abordagens. Novamente, os resultados corroboram com as publicações de Guerrinha (2001) e Wootten (1992).

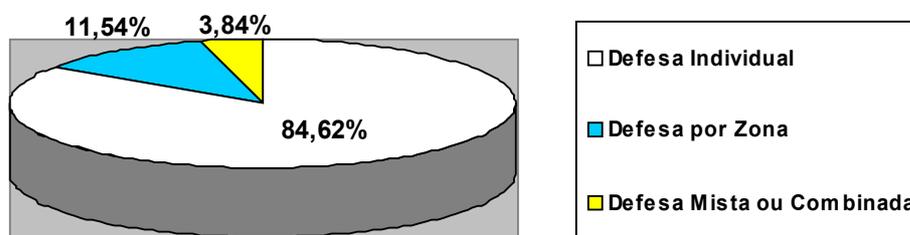


Figura 14 – Tipo de defesa mais utilizada pelos treinadores entrevistados.

Entre os motivos que, segundo os treinadores, justificariam a predominância deste tipo de defesa, foram identificados (Figura 15): maior facilidade para entendimento e aprendizagem em categorias de pouca idade; ponto de partida para outros sistemas; o fato de ser mais utilizada por outros treinadores; melhor maneira para se defender; maior agressividade e eficiência; por proporcionar maior dificuldade ao ataque adversário, levando a erros e causando confusão na equipe oponente e retirando espaços para os atacantes jogarem através de armadilhas. No momento das respostas, foram feitas ressalvas relacionadas às circunstâncias do momento do jogo; ao perfil dos defensores e adversários; ao condicionamento físico e nível de maturação dos atletas.

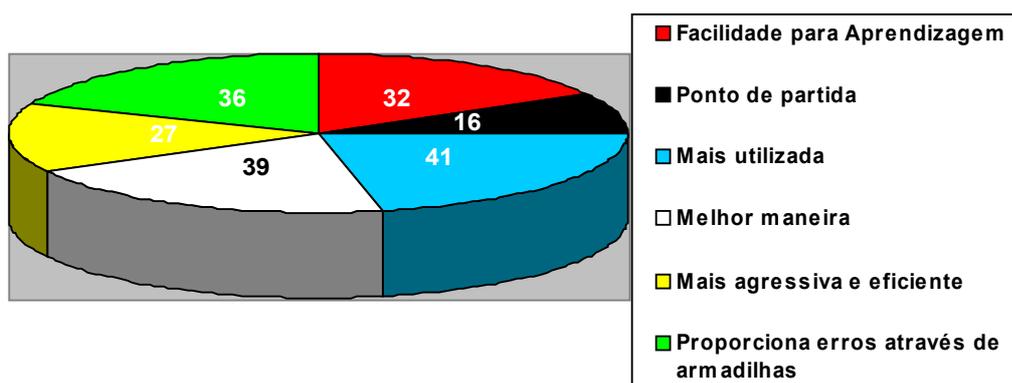


Figura 15 – Número de ocorrências dos fatores que justificam a utilização do sistema defensivo individual segundo os treinadores entrevistados.

A abordagem realizada acerca dos fatores que justificaram a opção pelo sistema defensivo individual retratou uma preocupação por parte dos treinadores entrevistados, com dois focos distintos. O primeiro disse respeito a aspectos pedagógicos, como facilitar a aprendizagem de acordo com a faixa etária dos alunos e quanto ao nível de aprendizagem. Foi citada, ainda, a preocupação com uma progressão pedagógica, sendo a defesa individual um ponto de partida. Estes aspectos foram destacados com 32 e 16 lembranças, respectivamente. O segundo foco esteve relacionado ao desempenho do sistema defensivo a ser adotado, com citações acerca da agressividade e da eficiência (27 citações) e a fomentação de erros por parte do adversário (36 lembranças).

Porém, o fato que se destacou foi a lembrança de dois supostos fatores que justificariam a opção dos treinadores pelo sistema defensivo individual, mas que retrataram a ausência de qualquer fundamentação teórica ou crítica para tal. Estes fatores obtiveram os maiores números de ocorrências, com 41 citações para “a forma mais utilizada” e 39 citações para “a melhor maneira”. Isto, novamente, conduziu a análise para um quadro de reprodução de conhecimento em que a opção foi realizada apenas porque outros profissionais utilizam este sistema em maior tempo e por isso acreditou-se ser mais eficiente. Não foi citado nenhum dado estatístico ou científico que justificasse essa escolha.

Quanto aos pontos principais a serem abordados pelos treinadores no momento de se ensinar os sistemas defensivos, apenas 16 dos 52 (30,77%) entrevistados fizeram referência aos princípios defensivos abordados por Carvalho, W. (1990) (2001), Wootten (1992), Silva (1987), Ferreira & De Rose Jr. (2003),

Boccardo (2003) e Marques, W. (1981). Porém, apenas 06 (11,54%) treinadores entrevistados abordaram a utilização de **todos** os princípios defensivos destacados nesta literatura, sendo estes: pressionar sempre o jogador que está com a posse de bola; dificultar o passe para os jogadores mais próximos ao atacante que está com a posse da bola; utilização da técnica de flutuação para aumentar as chances de cobertura e a realização da técnica de bloqueio de rebote para apanhar a bola após arremessos errados dos jogadores adversários. A necessidade de pressionar o atacante que está de posse da bola foi destacada por outros 07 (13,46%) treinadores e a ação de dificultar que os companheiros deste jogador, que encontram-se mais próximos, recebam a bola foi destacada por outros 06 (11,54%).

Outros aspectos foram abordados pelos treinadores entrevistados como: a necessidade do defensor manter uma boa postura defensiva – permanecendo abaixado com os joelhos flexionados; a importância de manter os olhos na bola; o cuidado do defensor não posicionar-se de costas para o atacante; o fato do defensor ter que realizar deslocamentos rápidos; a exigência de algumas valências físicas e psicológicas – velocidade, agilidade, concentração, confiança, solidariedade, vontade, domínio mental, determinação, responsabilidade, cumplicidade, vibração, atenção, disciplina e companheirismo; a necessidade de conversar com os companheiros durante o momento em que se defende. Houve, ainda, posicionamentos do tipo: “para atacar tem que defender”; “sem defesa não existe bom ataque”; “a defesa é a alma”; “se não atacar bem, pelo menos defende bem”.

Os dados indicaram que os treinadores entrevistados entendem o ato de defender centrado em três aspectos: físico, psicológico-emocional e técnico. O aspecto físico disse respeito à preparação física, aos posicionamentos e deslocamentos corporais. O aspecto psicológico-emocional disse respeito às

condições individuais e coletivas de estar pré-disposto à defender e auxiliar os companheiros à realizar o mesmo. Estes dois aspectos são abordados com certa frequência pelos treinadores entrevistados que, em tese, parecem preocupados em informar e preparar seus atletas sob estes prismas. Porém, os aspectos referentes à técnica defensiva (individual e coletiva), no que disse respeito à aplicação, treinamento e desenvolvimento dos princípios defensivos, descritos na literatura, foram, segundo estes dados, colocados em um segundo plano.

Quanto ao planejamento da metodologia de ensino utilizada pelos treinadores entrevistados para ensinar e treinar os sistemas defensivos, as respostas fornecidas foram distintas uma das outras e, visando facilitar a leitura do trabalho, elas foram organizadas em quatro grupos – Figura 16. Importante destacar que todos os treinadores afirmaram trabalhar diariamente os sistemas defensivos. Porém, 11,53% dos profissionais afirmaram que não realizavam qualquer tipo de planejamento e os exercícios que aplicavam iam sendo realizados conforme as necessidades que surgiam durante as sessões de treino. 42,31% afirmaram realizar este tipo de planejamento, mas no momento de explicar esta organização, explicitaram informações do tipo: “faço no mínimo três exercícios por treino”; “trabalho a defesa com muita intensidade”.

Estas informações demonstraram o desconhecimento acerca do conceito de metodologia de ensino e falta de planejamento sobre a mesma. 34,63% afirmaram que trabalham dois tipos de defesa: a defesa individual principalmente e uma defesa por zona. A partir do adversário que irão enfrentar, vão elaborando as variações destes sistemas, além de outras formas de defender que são trabalhados durante toda a semana, sempre tendo como focos a partida a ser disputada e a equipe adversária. Este tipo de comportamento esboçou a existência de alguma forma de

planejamento e organização, mas com o foco desviado para a realização do jogo e o adversário e não para uma seqüência de trabalho buscando a organização da própria equipe.

E quando não houver jogo? Como se treina? 11,53% dos treinadores afirmaram que enfocam os sistemas defensivos da seguinte maneira: utilizando exercícios de postura e deslocamento defensivos nas atividades de aquecimento, utilizando exercícios situacionais para treinamento técnico na segunda parte dos treinos (exercícios de um contra um; dois contra dois; três contra três e quatro contra quatro, para desenvolvimento e correção acerca da aplicação dos princípios defensivos). A parte tática, normalmente, ficaria para o final do treino com exercícios de cinco contra cinco, onde seriam abordados os sistemas de defesa e suas variações. Neste tipo de posicionamento percebeu-se a preocupação em planejar a maneira de treinar os sistemas defensivos.

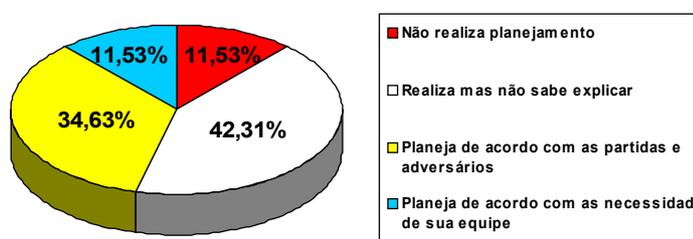


Figura 16 – Posicionamento, expresso através de percentuais, dos treinadores quanto à realização de planejamento para a metodologia de ensino dos sistemas defensivos.

Quanto à utilização dos métodos de ensino e treinamento, 42 (80,77%) treinadores foram capazes de citar ao menos um método encontrado na literatura. Os outros 10 profissionais entrevistados forneceram informações sobre seus métodos de trabalho, caracterizando-os, mas sem nomeá-los. Entre as citações dos treinadores, o método parcial ou analítico sintético foi citado 38 vezes, o método global ou de confrontação 32 vezes; o método situacional, 12 vezes e o método

situacional cognitivo, 03 vezes – Figura 17.

Surgiram, também, respostas identificando outros métodos não abordados na literatura referente ao basquetebol como os métodos expositivo, demonstrativo e explicativo. Estes “supostos métodos” caracterizaram um tipo de abordagem desatualizada em relação às pesquisas e publicações, representando, de fato, a forma de apresentação das atividades ou exercícios.

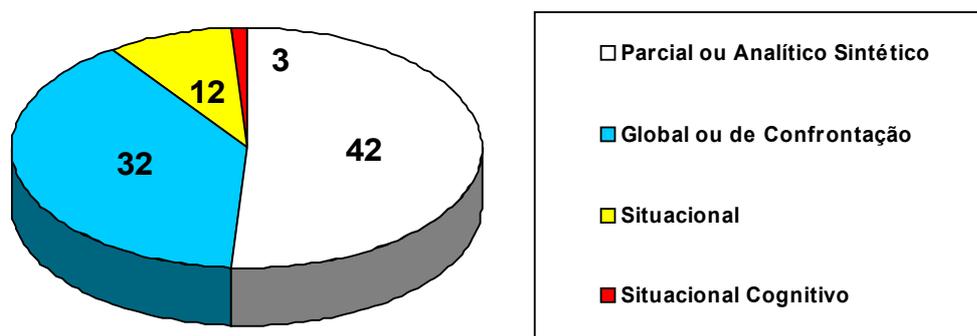


Figura 17 – Número de citações realizadas pelos entrevistados referente aos métodos de ensino e treinamento dos sistemas defensivos.

Porém, na análise da resposta acerca do conteúdo que caracteriza os métodos escolhidos, surgiram respostas como “o método global é trabalhar o todo e o parcial em partes”; “no parcial divido os movimentos; no global abordo de uma maneira geral”. Este tipo de respostas deixou entender que em algum momento da formação, os treinadores ouviram falar os nomes de alguns métodos, mas não dominam exatamente em que consistem os métodos e suas aplicações. Os métodos situacional e situacional cognitivo, apesar de serem abordados apenas doze e três vezes, respectivamente, foram descritos de forma que pudessem ser entendidos pelo pesquisador, inclusive com lembrança dos autores que relatam tais métodos.

Os motivos que levaram à escolha de cada método indicaram um quadro similar ao referente à descrição dos métodos. Entre as justificativas que explicariam os motivos pelos quais os métodos foram escolhidos, surgiram diferentes tipos de

resposta que caracterizaram, para facilitar a leitura da pesquisa, dois grupos de treinadores.

O primeiro abrangeu 44 treinadores entrevistados, que se posicionaram com justificativas tais como: “estes métodos são mais eficientes”; “eles melhoram a performance dos atletas”; “esses métodos são mais fáceis de serem aprendidos pelos jogadores”; “estes métodos facilitam a aprendizagem” ou ainda “esses métodos apresentam melhores resultados”. Este conjunto de respostas representou, claramente, um posicionamento dos treinadores entrevistados pautado no empirismo e na obrigação ou necessidade de se justificar para o pesquisador. Tornou-se evidente a preocupação com a performance dos jogadores e a ausência de qualquer cunho científico neste grupo de respostas.

O segundo e menor grupo tratou de abordar a necessidade de realizar no treinamento situações similares às ocorridas nos jogos; a importância de fracionar determinados tipos de movimentos, técnicos ou táticos, a fim de facilitar a aprendizagem e realização dos mesmos; o fato de proporcionar ao aluno ou jogador a oportunidade de solucionar problemas refletindo preocupação com a necessidade de tomada de decisão acerca do que fazer, entre outros fatores. Estas justificativas representaram, também, a preocupação dos treinadores com a performance dos jogadores e da equipe, mas evidenciou-se a presença de conhecimentos científicos, de cuidados com a pedagogia da aprendizagem, da preocupação com o estabelecimento de um processo de treinamento e evolução dos jogadores.

Quanto à avaliação do processo de treinamento dos sistemas defensivos, quarenta e três treinadores dos entrevistados (82,69%) afirmaram que não utilizaram qualquer mecanismo ou processo de análise durante o processo de treinamento. Estes se valem das estatísticas dos jogos, realizadas por membros de sua própria

comissão técnica, para verificar, por exemplo, quantos pontos suas equipes sofreram nas partidas e nos quartos de cada uma delas; que jogadores adversários converteram mais cestas; jogadores adversários de que posição fizeram mais pontos; em que áreas da quadra suas equipes sofreram mais pontos para, conseqüentemente, analisar a eficiência de suas defesas. A avaliação é baseada nos números obtidos, mas sem considerar a fragilidade ou a força do adversário. Exemplificando, sofrer quinze pontos em um quarto de partida pode ser bom ou ruim dependendo do adversário. Esta informação evidenciou que, neste grupo dominante, não há um processo de avaliação dos sistemas defensivos nos treinamentos. Este processo seria importante a fim de acompanhar as necessidades da equipe, fortalecendo um fator preponderante (sistema defensivo) de influência no principal critério de avaliação (desempenho) em um trabalho no esporte de rendimento. Como apenas aguarda-se o dia do jogo para tal análise, uma margem de segurança foi deixada de lado.

Nove treinadores entrevistados (17,31%) afirmaram realizar um processo de avaliação de seus sistemas defensivos. Importante destacar que oito destes representavam apenas dois clubes. Segundo registro dos treinadores, a avaliação é feita semanalmente com coleta de dados durante as sessões de treinamento. Durante este momento são reproduzidas características similares as de uma partida como, por exemplo, o tempo de posse de bola para a equipe atacante e o controle do número de faltas pessoais, fatores que influenciam, diretamente, na forma de um jogador atacar e defender. Alguns critérios de avaliação foram citados, como: número de pontos que a equipe sofre; número de pontos que cada jogador adversário converte; posição dos jogadores que mais pontos fazem; áreas da quadra em que a equipe mais sofre pontos; média do número de passe que a equipe

atacante realiza; número de rebotes ofensivos apanhados, entre outros.

Esta ação caracterizou um processo avaliativo constante em busca de melhorar a performance. O procedimento semanal de coleta de dados procurou manter a atenção dos jogadores voltada para importância de assumir atitudes diárias na busca de eficiência em seus sistemas defensivos; não deixando tais ações para serem tomadas somente no dia do jogo.

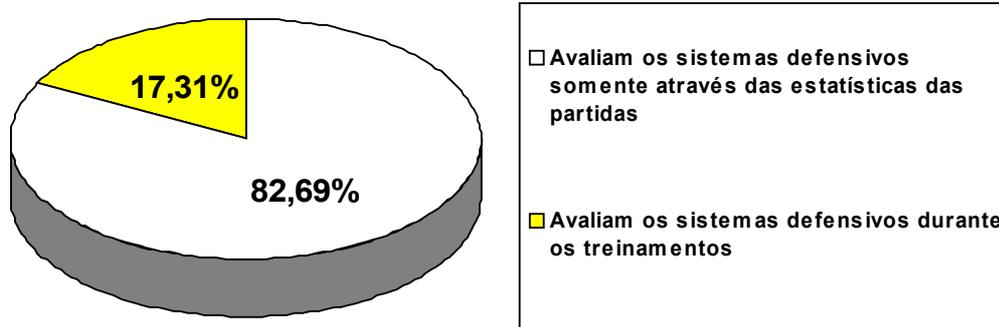


Figura 18 – Percentual de treinadores entrevistados em relação à avaliação do processo de treinamento dos sistemas defensivos.

Assim, através dos dados encontrados e descritos neste capítulo IV, o pesquisador pôde chegar à algumas conclusões que foram descritas no próximo capítulo. Além disso, foram apresentadas algumas recomendações capazes de contribuir para o aprofundamento das investigações acerca dos treinadores de basquetebol e de suas atribuições.

CAPÍTULO V

5.0. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo registrou as conclusões a que o pesquisador chegou após a análise quantitativa (estatística) e qualitativa das respostas fornecidas pelos profissionais que, no ano de 2007, foram responsáveis por ensinar o basquetebol nas categorias de base masculinas do Rio de Janeiro. Além disto, foram fornecidas recomendações de novas pesquisas e investigações que pudessem vir a aprofundar o conhecimento acerca do tema abordado envolvendo outras populações similares a desta pesquisa. O objetivo deste capítulo foi concluir a pesquisa, respondendo as questões propostas no capítulo I deste estudo, tornando possível, a partir destas respostas, estabelecer uma coerência lógica capaz de proporcionar a consecução dos objetivos específicos e, conseqüentemente, do objetivo geral desta pesquisa.

Procurando facilitar o entendimento deste trabalho, bem como atingir o objetivo deste capítulo, o conteúdo foi apresentado, seguindo uma progressão, na ordem a seguir: conclusões acerca do perfil do profissional; acerca da formação do profissional; acerca da prática pedagógica abordando os sistemas defensivos e recomendações.

5.1 - Conclusões

De acordo com os dados encontrados nesta pesquisa, o profissional responsável por exercer a função de treinador nas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro, no ano de 2007, pôde ser identificado

pelo seguinte perfil: adulto com média de 34 anos, não havendo prevalência de uma determinada idade, nem limites superiores para permanência no cargo, proporcionando oportunidade para todas as faixas etárias. Quanto à experiência no exercício da profissão, o tempo médio de atuação encontrado foi de 13,12 anos, o que caracterizou estes profissionais com certo nível de experiência, não se encaixando no perfil de iniciante. Em suma, o perfil encontrado caracterizou este grupo de treinadores com considerável nível de experiência e tempo de exercício da profissão.

Importante destacar o fato de que os profissionais mais experientes eram responsáveis por equipes de categorias superiores, talvez pela importância atribuída pela direção das entidades, talvez pelo grau de investimento realizado nestas equipes, ou ainda pela remuneração ser mais alta.

A formação pedagógica representou fator importante na formação dos treinadores, pois 69,24% deles afirmaram ser graduados. Acerca desta titulação destacou-se a formação em Educação Física e o fato de os profissionais mais jovens e com menos tempo de exercício da profissão representarem maioria. A pós-graduação não apresentou frequência significativa na formação dos treinadores entrevistados. Envolvendo este aspecto, cabem novas pesquisas acerca do impacto da formação pedagógica na profissão de treinador esportivo, podendo ou não corroborarem com o estudo de Moreno (1998).

A vivência prática representou fator a ser considerado na formação destes profissionais. 70,59% dos entrevistados afirmaram terem sido atletas de basquetebol. Porém, pouco valor foi agregado por este critério, já que a maioria dos entrevistados abordou sua participação como ex-atleta durante um tempo médio de cinco anos apenas, em categorias de base.

O processo de atualização e aperfeiçoamento destes profissionais foi representado através de meios formais e não formais. Retratou-se um quadro característico de um processo em fase inicial.

Os meios formais obtiveram pequena influência neste processo, pois apenas metade dos profissionais (48,07%) participou de algum evento de aperfeiçoamento no ano de 2007, com ênfase para os profissionais com menos experiência. Dentre estes, apenas 06 (seis) treinadores entrevistados participaram de 02 (dois) eventos neste mesmo período.

Considerando os meios não formais, a leitura não representou fator de influência neste processo de atualização profissional. A rede mundial de computadores (internet) destacou-se como o principal foco de obtenção de conhecimento. Entretanto, apesar da utilização desta ferramenta em grande escala, registrou-se que menos da metade das páginas visitadas continham informações específicas para a função de treinador. Outro fator de destaque foi a preferência por páginas que tratam da tática e estratégia do jogo superando páginas que tratam da prática pedagógica e da metodologia de ensino.

O fato de assistir partidas de basquetebol também foi fator considerável na aquisição de conhecimentos para aperfeiçoamento profissional. 80,76% dos entrevistados afirmaram assistir, em média, 01 (uma) partida por semana, independente dos jogos de sua equipe. Os motivos que levaram os treinadores a assistir estas partidas evidenciaram, claramente, a preferência por informações acerca da tática e estratégia do jogo.

Em suma, a formação dos profissionais entrevistados apresentou considerável preocupação com a formação pedagógica, principalmente entre os mais jovens. A especialização foi pouco procurada. A vivência prática possuiu

representatividade, mas sem a consistência necessária. O aspecto tático representou o principal foco norteador na busca de meios formais (cursos e palestras) ou informais (internet e observação de jogos) de atualização e aperfeiçoamento profissional.

A investigação acerca da prática pedagógica, no que diz respeito ao ensino e treinamento dos sistemas defensivos, detectou que a opção realizada pela maioria absoluta (84,62%) dos treinadores - defesa individual - como principal sistema defensivo de suas equipes, corroborou com a literatura. Importante destacar a aplicação de algumas variações deste sistema.

Os motivos que justificaram esta opção retrataram um quadro de ausência de qualquer fundamentação teórica ou crítica, de pura reprodução de conhecimento por esta maioria dos treinadores, pois a opção foi realizada apenas porque outros profissionais utilizam este sistema em maior tempo ou porque acreditou-se ser mais eficiente, sem qualquer dado científico que justifique a escolha. Entretanto, uma parte menor dos treinadores fez esta opção preocupando-se com aspectos pedagógicos (aprendizagem; faixa etária dos alunos; nível de conhecimento e progressão pedagógica) e com a eficiência do sistema defensivo (agressividade e fomentação de erros na equipe adversária).

Considerando os principais conteúdos a serem enfocados no momento de se ensinar os sistemas defensivos, os treinadores realizaram abordagem de três aspectos: físico, psicológico-emocional e técnico. Os aspectos físico e psicológico-emocional foram lembrados com frequência o que, em tese, representou existência de preocupação em preparar seus atletas sob estes prismas. Os dados pesquisados acerca do aspecto técnico reproduziram o mesmo quadro de ausência de fundamentação teórica ou crítica, pois apenas 30,77% dos entrevistados fizeram

referência aos princípios defensivos abordados por Carvalho, W. (1990) (2001), Wootten (1992), Silva (1987), Ferreira & De Rose Jr. (2003), Boccardo (2003) e Marques, W. (1981) e, ainda, somente 11,54% dos entrevistados abordaram a utilização de todos os princípios defensivos destacados nesta literatura.

O planejamento da metodologia de ensino não representou algo cotidiano na vida profissional dos treinadores. Percebeu-se grande dificuldade de elaboração, de abordagem acerca do mesmo e pouca ou nenhuma utilização no processo de ensino e treinamento. 11,53% dos profissionais afirmaram que não realizavam planejamento; 42,31% afirmaram realizar planejamento, mas não souberam explicar esta organização; 34,63% planejaram de acordo com o adversário que iriam enfrentar e 11,53% foram consistentes na explicação de seu planejamento.

Os métodos adotados para ensino e treinamento foi outro fator de dificuldade de abordagem e utilização por parte dos entrevistados. 80,77% foram capazes de citar, ao menos, um método encontrado na literatura. Surgiram, também, respostas identificando outros métodos não existentes na literatura. Os métodos parcial (analítico sintético) e global (de confrontação) foram os mais citados para o ensino dos sistemas defensivos. Porém, a literatura recomenda estes métodos para ensino dos fundamentos e técnicas individuais e não para os sistemas táticos. Os métodos situacional e situacional cognitivo foram abordados pouquíssimas vezes, mas descritos de forma que pudessem ser entendidos pelo pesquisador.

Quanto à justificativa acerca da opção pelo método e da explicação de seu conceito, novamente, apresentou-se o mesmo quadro de ausência de fundamentação teórica ou crítica. A maioria absoluta dos treinadores justificou suas respostas pautadas no empirismo e na obrigação ou necessidade de não deixar de responder ao pesquisador.

A avaliação representou fator ausente no processo de treinamento dos sistemas defensivos da maioria absoluta dos treinadores entrevistados. Detectou-se que apenas duas entidades ou clubes realizam tal processo de forma contínua. 82,69% dos treinadores afirmaram que não utilizam qualquer mecanismo ou processo de análise durante o processo de treinamento, fazendo-o apenas durante as partidas através das estatísticas. Importante ressaltar que esta avaliação, durante o processo, tende a fortalecer um fator preponderante (sistema defensivo) de influência no principal critério de avaliação (desempenho) em um trabalho no esporte de rendimento.

Em suma, na prática pedagógica boa parte dos treinadores apesar de não dominarem a totalidade do que precisa ser ensinado nas categorias de base, possuem certo conhecimento acerca de parte destes conteúdos (tipos de defesa e suas variações e os princípios defensivos). Porém, o problema detectado, no que diz respeito ao ensinar e treinar o basquetebol nestas categorias, está relacionado aos conhecimentos didático-pedagógicos, apesar de 69,24% terem sido graduados.

Assim, este grupo de treinadores pôde ser identificado através de: considerável nível de experiência, razoável tempo de exercício da profissão, preocupação com a formação pedagógica, pouca procura por especialização, inconsistente vivência prática, pouca procura de meios formais de atualização, grande procura de meios não formais para aperfeiçoamento. Esse quadro indicou ser necessária uma alteração no foco norteador do trabalho. O centro das preocupações esteve voltado para o aspecto tático coletivo. Porém, faz-se necessário uma reflexão sobre esta constatação e uma busca por novos conhecimentos, principalmente didático-pedagógicos acerca da formação e atualização profissional dos treinadores. A tática coletiva é um dos últimos

patamares a serem alcançados na preparação de um atleta ou equipe e a preparação psicológica, física e, principalmente, técnica foi, ao longo dos anos, sendo relegada a segundo plano.

Como planejar?; Planejar para quando?; Como ensinar ou treinar?; Quando treinar?; Que método utilizar?; Em que consiste este método? Qual estratégia usar?; Como avaliar? Que critérios adotar?. Enfim, enquanto não puderem ser respondidas estas questões pelos treinadores das categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro, não será possível contribuir para a promoção da evolução capaz de conduzir o basquetebol brasileiro ao lugar antes ocupado.

5.2 - Recomendações

Cabem, a partir daqui, novas pesquisas que sejam capazes, por exemplo, de identificar os reais fatores que levam os profissionais mais experientes a buscar as categorias superiores, mais próximas do nível adulto; que investiguem a utilização do sistema defensivo por zona nas categorias de base do basquetebol; que envolvam treinadores de outros estados, de treinadores de equipes do naipe feminino, de jogadores, dirigentes e pessoas que tramitam no basquetebol brasileiro, acerca de temáticas como: a formação profissional; o processo de treinamento; a seleção de talentos, a gestão esportiva, a prática pedagógica; a metodologia de ensino; a preparação psicológica, entre outras.

Tudo isto, como contribuição em prol da melhora do esporte e do basquete do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERNETHY, B.; WANN, J. & PARKS, S. Treinamento das habilidades perceptivo-motoras no esporte. In: ELLIOT, B. & MESTER, J. (eds.) **Treinamento no Esporte: aplicando ciência no treinamento**. São Paulo: Phorte Editora, cap. 1, 2000. p. 21-97.
- ALMEIDA, M. B. de. **Basquetebol – iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. 140 p.
- AMERICAN SPORT EDUCATION PROGRAM. **Ensinando basquetebol para jovens**. Tradução: Carlos Ugrinowitsch. São Paulo: Manole, 2000. 152 p.
- ARAÚJO, J. M. **Basquetebol português e alta competição**. Livro Texto. Capítulo 2. Lisboa: 1982, p. 21-27.
- ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. **Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. n. 14. 2000. p.184-195.
- BALBINO, H. F. **Especificidade do treinamento do basquetebol feminino na preparação para o campeonato mundial interclubes/93**. Monografia para a conclusão do curso de especialização em ciências do esporte. Unicamp. 1993.
- BARA FILHO, M. G. **Psicologia desportiva aplicada a jovens atletas**. 2003. Disponível em <<http://www.dpep.ensino.eb.br/home/ipcfex>>. Acesso em: 02 dez. 2006.
- BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994. p.
- BECKER JR., B. **Psicologia aplicada à criança no esporte**. 1. ed. Novo Hamburgo: Ed. Novo Hamburgo, 2000. p. 240.
- BELTRÃO, F. B.; BERESFORD, H.; MACÁRIO, N. (org.). **Produção em ciência da motricidade humana**. 2 ed. Rio de Janeiro: PROCIMH/UCB, 2002. 127 p.
- BENTO, J. O. **A criança no treino e desporto de rendimento**. Revista Kinesis, v. 5, n. 1, 1989. p. 9-35.

BETRÁN, J. O. **1250 ejercicios y juegos em baloncesto: bases teóricas e metodológicas – La iniciación**. Vol.I. Barcelona: Editorial Pai do Tribo. 1992. 394p.

BOCCARDO, W. **Os dez mandamentos do basquete moderno – defesa agressiva e contra-ataque**. Rio de Janeiro: Bolar Editora, 2003. 40 p.

BOMPA, T. O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

BRANDÃO, E.; SILVA, J.T.; JANEIRA, M. **O lançamento no basquetebol português: estudo comparativo do tipo e eficácia do lançamento em função do nível competitivo e da posição dos jogadores no jogo**. III Congresso Ibérico de Basquetebol. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. 2004.

CAMPBELL, S. **A função do treinador no desenvolvimento do jovem atleta**. Lisboa: Revista Treino Desportivo, CEFD. Ano 1 n.3. junho 1998.

CARREIRO DA COSTA, F. **O sucesso pedagógico em educação física: estudo das condições e fatores de ensino aprendizagem associados no êxito de uma unidade de ensino**. Lisboa: Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa, 1988.

CARUCIO, F. R. **Estudo das ações motoras e o nível de esforço ocasionado pela atividade competitiva na modalidade basquetebol mirim masculino**. Campinas: Monografia de grau em bacharel em treinamento de esportes. Faculdade de Educação física. UNICAMP. 2001. p. 53.

CARVALHO, W. **Sistemas de ataque e defesa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001. 221 p.

CARVALHO, W. **Teorias e estratégias do basquetebol**. Rio de Janeiro: Lutero Mariano, 1990. 57 p.

CASCO, P. **O esporte escolar e a experiência democrática**. Disponível em: <<http://www.esporteescolar.org/pedagogiaoesporte>> Acesso em: 15 dez. 2005.

CALATAYUD, F. **As ajudas defensivas na iniciação**. III Congresso Ibérico de Basquetebol. Porto: Facultad de Ciencias de la Actividad Física y Deporte, Universidad de Valencia. 2004.

CBB. **Regras oficiais de basquetebol e manual de árbitros**. Rio de Janeiro: 2004,

114 p.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

COMITÉ TÉCNICO ESPANHOL DE BASQUETEBOL. **Curso de treinador de basquetebol**. Barcelona: Editorial De Vecchi, 1999. 191 p.

CONTECHA CARRILLO, L. F. **História del basquetebol**. artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion física y deportes. Buenos Aires, año 7. n.36, mayo, 2001. 6 p.

COUTINHO, N. F. **Basquetebol na escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003. 149 p.

CRATTY, B.J. **Psychological in Contemporary Sport**. 3 ed. New Jersey: Pridice Hall-Englewood Cliffs. 1989.

DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia de ensino**. 5. ed. São Paulo: Brasipal, 1983. 417 p.

DENG, F.; DING-WEN, G.; ZHEN-MING, Z. **3-Point shot performance analysis**. Artigo apresentado no Congresso Pré-olímpico. Thessaloniki (Grécia) 2004. Disponível em <<http://www.cev.org.br/biblioteca/preolymp/download/099.doc>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

DE ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 223 p.

_____. **O basquetebol masculino nos jogos olímpicos: de Berlin a Atenas**. Artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion física y deportes. Buenos Aires, año 10. n.80, enero, 2005. 7 p.

_____. **Campeonato mundial de basquetebol masculino: história em números**. artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion física y deportes. Buenos Aires, año 9. n.67, diciembre, 2003. 8 p.

DE ROSE JUNIOR, D.; SATO, C. T.; SELINGARDI, D.; BETTENCOURT, E. L.; BARROS, J. C. T. de S.; FERREIRA, M. do C. M. **Situações de jogo como fonte de "stress" em modalidades esportivas coletivas**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esportes. v18. n. 4. 2004. p. 385-395.

DE ROSE JUNIOR, D.; GASPAR, A.; SINISCALCHI, M. **Análise estatística do desempenho técnico coletivo no basquetebol**. artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion física y deportes. Buenos Aires, año 8. n.49, junio, 2002. 11 p.

DE ROSE JUNIOR, D.; PEREIRA, F. P.; LEMOS, R. F. **Situações específicas de jogo causadoras de “stress” em oficiais de basquetebol**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. n. 16. 2002. p. 160-173.

DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. **Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. n. 13. 1999. p. 217-229.

DIAS NETO, J. M. **A liga nacional de 1997**. Disponível em <<http://www.bbheart.com.br/restrito/restrito.asp>>. Acesso em: 02 mar. 2006.

DIAS NETO, J. M. **Análise das habilidades motoras no basquetebol masculino de acordo com a posição do jogador**. Rio de Janeiro: Tese de mestrado EEFD. UFRJ.1996.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H-J. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1984, p. 147.

DODDS, P.; RIFE, F. **A descriptive-analytic study of the practice field behavior of a winning female coach**. Amherst: University of Massachusetts. Unpublished paper. 1981.

FBERJ. **História do basquete**. Disponível em <<http://www.basketrio.com.br/história/index.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

FERREIRA, M. do C.; MARKUNAS, M.; NASCIMENTO, P. R. do. A prática na formação de atletas do basquetebol feminino. In Tricoli, Valmor; De Rose Junior, Dante. (org) **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005. 225 p.

FERREIRA, A. E. X.; DE ROSE JUNIOR, D. **Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. 2 ed. São Paulo: EPU, 2003. 97 p.

FILIN, V. e VOLKOV, V. **Seleção de talentos nos desportos**. Londrina: Midiograf. 1998. p.120-125.

FITTS, P.M.; POSNER, M.I. **Human performance**. Belmont: Brooks/Coleman, 1967.

GALDI, M. (org.). **O técnico como fonte de stress em atletas juvenis de basquetebol e tênis**. Disponível em <<http://lancenet.ig.com.br/bbheart./artcient.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2006.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos colectivos. In: DE ROSE JUNIOR, Dante. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 223 p.

GAUDERER, E. C. **O Adolescente**. São Paulo: Livraria Atheneu. 1984.

GERANI, H.; MEXAS, K.; GAREFIS, A.; TSITSKARIS, G. **The effectiveness of fast breaks in high-level basketball**. Artigo apresentado no Congresso Pré-olímpico. Thessaloniki (Grécia) 2004. Disponível em <<http://www.cev.org.br/biblioteca/preolymp/download/0276.doc>>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GILLAN, G. M. **Identificação das características antropométricas e fisiológicas referentes à participação no basquetebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990. p. 6-9.

GOLDSPINK, G. Cellular and molecular aspects of adaptation in skeletal muscle, In.: **Strength and power in sport**. Eds Komi, P.V. Blackwell Science, 1992, 221-229 p.

GOMES, A. C. **Treinamento desportivo: princípios, meios e métodos**. Londrina: Treinamento Desportivo, 1999.

GOMES, W. D. F. **Aprendizagem da natação – a formação, o aperfeiçoamento e o conhecimento dos métodos de quem trabalha**. Dissertação de Mestrado. PROCIMH – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 1997. 94 p.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. v.1. 1998. 232 p.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. v.2. 1998. 305 p.

GROSSER, M. & NEUMAIER, A. **Técnicas de entrenamiento**. Barcelona: Editorial Martínez Roca, 1986.

GUARIZI, M. R. **Basquetebol: novos procedimentos metodológicos para iniciação – uma proposta de ensino**. Santa Catarina: Tese de Mestrado. UFSC, 2001. p. 177.

GUERRINHA. **Basquete: aprendendo a jogar**. Bauru: Idea editora, 2001. 64 p.

GUILHERME, R. **A interação treinador-atleta em ginástica rítmica: estudo dos padrões de interação**. Lisboa: Pedagogia do Desporto. Estudos 7. 1995. p. 111-127.

GUTMAN, B. **The pictorial history of college basketball**. New York: Gallery Books, 1989. 189p.

HERCHER, W. **Basquetebol**. Lisboa: Estampa, 1983. 236 p.

HERNANDEZ MORENO, J. **Fundamentos del deporte: Análisis de las estructuras del juego deportivo**. Barcelona: INDE Publicaciones, 1998. 185 p.

IGLESIAS, D.; FUENTES J. P.; MORENO, A.; DEL VILLAR, F. **A melhora na tomada de decisões no passe do basquetebol através de um programa orientado de aquisição de conhecimento**. III Congresso Ibérico de Basquete. Porto: Facultad de Ciencias del Deporte. Universidad de Extremadura. 2004.

JACKSON, P; DELEHANTY, H. **Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Tradução: Anna Maria Lobo. Prefácio: Senador Bill Bradley. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. (Coleção Arco do Tempo). 222 p.

JARVIS, M. **The five C's for building a great defense**. Video tape. Off the court lecture series. Championship Basketball Products. 2004.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 19. ed. Porto Alegre: EST, 2002.

KOKUBUN, E. & DANIEL, J. F. **Relação entre a intensidade e a duração das atividades em partida de basquetebol com as capacidades aeróbicas e anaeróbicas: estudo pelo lactato sangüíneo**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, n. 6. 1992. p.32-46.

KOKUBUN, E.; MOLINA, R.; ANANIAS, G. E. de O. **Análise de deslocamentos em partidas de basquetebol e de futebol de campo: estudo exploratório através da análise de séries temporais**. Rio Claro: Revista Motriz. v. 2. n. 1.1996. 7 p.

LADEWIG, I. **A importância da atenção na aprendizagem de habilidades motoras**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. s.3. 2000. p.62-71

LAMAS, L. **Especificidade do treinamento no basquetebol: fatores energéticos e neuromusculares**. São Paulo: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v.5. n.1. 2006. p. 93-106.

LANGSDORF, E. **A systematic observation of football coaching behavior in a major university environment**. Doctoral Dissertation. Arizona State University. Unpublished.

LIPPERT, M. A. M.; TEIXEIRA, M. S.; CAPINUSSÚ, J. M. de S. **Influência do lance-livre no resultado final dos jogos do campeonato nacional de basquete adulto masculino 2004/2005**. Rio de Janeiro: Revista de Educação Física. n. 137. 2007. p.04-09.

LUCAS, G. **Coaching communication patterns. a pilot study utilizing methods for determining patterns of communication among canadian college championships coaches**. Birkhauser Verlag: Basel. 1980. p. 301-311.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e pesquisa**. 6 ed. ver. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001. 220 p.

MARQUES, A., MAIA, J., OLIVEIRA, J, PRISTA, A. **Training structure of portuguese young athletes in 10 years of scientific activity**. Lisboa: Ministério da Juventude e Desporto. Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto. Centro de Estudos e Formação Desportiva. 2000, Coleção Estudos, p. 270-279.

MARQUES, A. C. de P.; ROSADO, A. F. B. **Situações estressantes nos atletas de basquetebol de alta competição**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. v. 19. n. 1. 2005. p. 71-87.

MARQUES, M. A. C.; GONZÁLEZ-BADILLO, J. J. **O efeito do treino de força sobre o salto vertical em jogadores de basquetebol de 10-13 anos de idade**. Toledo: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. v. 13. 2005. p. 93-100.

MARQUES, W. **Caderno técnico-didático: basquetebol**. Brasília: 1981. 141 p.

MENONCIN JR., W. A. **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba**. Florianópolis: Dissertação de mestrado em engenharia de produção. UFSC, 2003. p. 82.

MORAES, A. C. **Professor leigo em educação física: uma análise da percepção de prática**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Universidade Gama Filho, 1996.

MORAES, A. M.; PELLEGRINOTI, Í. L. **O efeito de um ciclo de treinamento pliométrico no desenvolvimento da velocidade de deslocamento em jogadores de basquetebol infantil masculino**. Espírito Santo do Pinha/SP: Revista Movimento & Percepção. n. 7. 2005. p. 125-145.

MOREIRA, L. **Treinamento da técnica desportiva**. 2003. Disponível em <<http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto>>. Acesso em: 02 dez. 2006.

MORENO, J. C. de A. **A disciplina basquetebol e a formação de professores de educação física**. Campinas: Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1998. 151 p.

NETO, C. A. F. **Motricidade e jogo na infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. 194 p.

NETO, A. P.; CESAR, M. de C. **Avaliação da composição corporal de atletas de basquetebol do sexo masculino participantes da liga nacional 2003**. Poços de Caldas: Revista Brasileira Cine. Desenvolvimento Humano. n. 7. 2005. p. 35-44.

NUNES, J.; MONTAGNER, P. C. **Velocidade no basquetebol**. Campinas/SP: Revista Conexões. v. 4. 2001. p. 47-54.

NUNES, W. J. **Análise de duas metodologias de ensino diferenciadas na aprendizagem de uma técnica desportiva: estudo de variáveis mediacionais cognitivas, afectivas e motoras associadas aos alunos**. Lisboa: Tese de doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa, 2004. 270 p.

_____. **Comparação de duas metodologias de ensino do tênis de campo: teste cognitivo**. Journal of the International Federation of Physical Education: Vol. 74. Edição especial, 2004

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

OLIVEIRA, V. de, PAES, R. R. **Ciência do basquetebol**. Londrina: Midiograf, 2004. 123 p.

OLIVEIRA, V. de, OLIVEIRA, P. R. de, PAES, R. R. **Preparação física no basquetebol**. Londrina: Midiograf, 2004. 53 p.

OLIVEIRA, V. de, PAES, R. R. **Iniciação em basquetebol dos atletas brasileiros que disputaram o mundial nos estados unidos em 2002**. Campinas: Unicamp. 2003. 9 p.

_____. **O processo de treinamento físico e técnico-tático dos atletas do basquetebol do Brasil: reflexos no mundial dos Estados Unidos de 2002.** Campinas: Unicamp. 2003. 11 p.

_____. **O processo de desenvolvimento do talento: “o caso do basquetebol”.** Caxambu: CBCE. 2001. 6 p.

OLIVEIRA, V. de. **O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol.** Campinas: Tese de mestrado. Universidade estadual de Campinas. 2002.

OKAZAKI, V. H. A.; RODACKI, A. L. F.; SARRAF, T. A.; DEZAN, V. H.; OKAZAKI, F. H. A. **Diagnóstico da especificidade técnica dos jogadores de basquetebol.** Brasília: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. V 12. n. 4. 2004. p. 19-24.

PADILHA, I. **A NBA Nacional.** Artigo em publicação periódica impressa. Revista Época, n. 361, Rio de Janeiro: Globo, 2005. 1 p.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol.** Piracicaba: Tese de Mestrado. Unimep. 1989.

PAES, R. R. & BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol: perspectivas pedagógicas. In TRICOLI, V. & DE ROSE JUNIOR, D. (org) **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática.** Barueri: Manole, cap. 2, 2005. p.15-29.

PAULO, M. N. **Ginástica aquática.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

PEYRÓ, R. **Manual para escuelas de baloncesto.** Madrid: Gymnos, 1991. 167 p.

PIERON, M.; RENSON, D. **La relation pedagogique d' entrainement. étude en football.** Sport. n.121. 1988. p. 25-30.

PINTO, D. GONÇALVES, I. GRAÇA, A. **Análise da carga de treino e competição em basquetebol no escalão de iniciados.** Porto: Congresso Ibérico de Baloncesto. 2001. 11p.

POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho.** 5 ed. Barueri: Manole, 2005. p. 275.

RAAB, M.; GWODZ, G. Zum training konvergenter und divergenter taktischer problemlösungen im volleyball – eine pilotstudie. In: ROTH, K. (Ed.) **Sport-Spiel-Forschung.** Zwischen Trainerbank und Lehrstuhl. Sportspielsymposium in Heidelberg, 1996.

RAAB, M. Einflußfaktoren taktischer leistungsfähigkeit. In: DANNENMANN, F. (Ed.). **Volleyball 95.** Das Spiel im Jubiläumsjahr. 21. Symposium des Deutschen Volleyball Verbandes 1995. Hamburg, 1996. p. 127-140.

RAAB, M. Entscheidungstraining im volleyball. In: DANNENMANN, F. (Ed.). **Neue aspekte des voleyballspiel**. 20. Symposium des Deutschen Volleyball Verbandes 1994. Hamburg, 1995. p. 192-204.

RAMOS, R. N. **Eficiência de diferentes tipos de gestão de tempo de aulas na hidroginástica**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Universidade Castelo Branco, 2004. 209 p.

REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia da pesquisa: do planejamento à execução**. Tradução: Nivaldo Montigelli Jr. Revisão técnica: Otto Nogami. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 262 p.

RODRIGUES, J. de J. F. **O comportamento do treinador – estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol**. Lisboa: Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1996. 238 p.

ROTH, K. **Taktik im sportspiel**. Band 69. Bundes Institut für Sport und Spoetwissenschaft. Schorndorf: Hofmann, 1989.

ROTH, K. **Entscheidungsverhalten im sportspiel**. Sportwissenschaft, Schorndorf: Hofmann, ano 21. n.3, 1991. p. 229-246.

ROTH, K.; HOSSNER, E.J. Methodische ubungsfolgen und empirische problemreihen der vereinfachungsstrategien zur bearbeitung praxisnaeher fragestellum im der sportspiel forschung. In: HAGEDORN, G.; HEINEN, N. (Org.) **Methodologie der sportspielforschung**. Ahrensburg. Czwalina, 1997. p. 184-195.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. 352 p.

SADI, R. S. **Esporte escolar, escolinhas de esporte e a ilusão do ensino tradicional/tecnicista**. Disponível em:<<http://www.esporteescolar.org/pedagogiadoesporte>> Acesso em: 15 dez. 2005.

SALLES, I. & SALLES, C. M. C. **Basquetebol - capacidades técnicas ofensivas**. Belo Horizonte: BD empreendimentos Ltda, Canal 4 Videocomunicação, 2006. 43 p.

SAMPAIO, A.J. **Os indicadores estatísticos que mais contribuem para o desfecho final dos jogos de basquetebol**. Artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion Física y Deportes. Buenos Aires, año 3. n.11, octubre, 1998. 3 p.

SANTANA, W. C. **Riscos de uma especialização precoce**. 2001. Disponível em <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_029.php>. Acesso em: 02 dez. 2006.

SANTOS, D. **Análise das estruturas de Treino em escalões de Formação de Basquetebol**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Universidade do Porto. 2001.

SANTOS, J. **Ensaio sobre educação - I, a criança o que é?** Lisboa: Biblioteca do Educador Profissional, Livros Horizonte, 1982.

SARMENTO, P. **A Pedagogia e o desporto** In: Pedagogia do Desporto – Estudos 6. Lisboa: Editorial, 1999.

SCHNEIDERAT, B. **Métodos de ensino do handebol.** (Palestra proferida no VII Simpósio mineiro de Handebol). (Não publicado).

SEGRAVE, J. & CANCIO, C. **An observational study of a successful pop warner football coach.** Journal of Teaching in Physical Education. v. 9. n. 4. 1990. p. 2294-306.

SHIGUNOV, V. **A relação pedagógica em educação física. Influência dos comportamentos de afetividade e instrução dos professores no grau de satisfação dos alunos.** Lisboa: Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1992. 316 p.

SHIGUNOV, V. **Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências.** Curitiba: Revista Paranaense de Educação Física. n.1. v. 1. 2000. p. 44-54.

SILVA, R. **Estudo analítico dos sistemas de defesas no basquetebol.** Rio de Janeiro: Monografia de pós-graduação em ciência do treinamento desportivo. Universidade Gama Filho, 1987.

SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S. **A participação dos pais na vida esportiva dos filhos.** São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. v. 13. n. 1. 1999. p.34-45.

SMITH, R.; SMOLL, B.; CURTIS, B. **Coach effectiveness training: a cognitive behavioral approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches.** 1979. In Pieron, M.; Renson, D. La relation pedagogique d' entrainement. étude en football. Sport. n.121. 1988. p. 25-30.

TAVARES, F. **A rapidez e exatidão da resposta do processamento da informação no basquetebol – estudo comparativo entre jogadores de diferente nível competitivo.** Pedagogia do Desporto. Estudos 6. 1993. 135 p.

THARP, R.; GALLIMORE, R. **What a coach can teach a teacher.** Psychology Today. n. 8. january 1976. p. 75-78.

TRICOLI, V.; BARBANTI, V.; SHINZATO, G. **Potência muscular em jogadores de basquetebol e voleibol: relação entre dinamometria isocinética e salto vertical.** São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. n. 8. 1994. p.14-27.

TRICOLI, V.; DE ROSE JUNIOR, D. (org) **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática.** Barueri: Manole, 2005. 225 p.

TSIOTRAS, D.; MEXAS, K.; GAREFIS, A.; TSITSKARIS, G. **The effectiveness of organized offenses in high-level Basketball**. Artigo apresentado no Congresso Pré-olímpico. Thessaloniki (Grécia) 2004. Disponível em <<http://www.cev.org.br/biblioteca/preolymp/download/0275.doc>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001. 95 p.

UGRINOWITSCH, H.; DANTAS, L. E.P.B.T. **Efeito do estabelecimento de metas na aprendizagem do arremesso do basquetebol**. Lisboa: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. v. 2. n. 5. 2002. p. 58–63.

VALDES, T. **Técnica del baloncesto**. Barcelona: Sintes, 1967. 384 p.

VASCONCELLOS, E. G.; DE ROSE JR, D. **Situações de “stress” específicas do basquetebol**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física. n. 7. 1993. p. 25-34.

VECINO, J. del C. **O desenvolvimento e a avaliação das capacidades coordenativas do basquetebol. Uma proposta metodológica para a iniciação esportiva**. Artigo em publicação periódica científica eletrônica: lecturas: Educacion Física y Deportes. Buenos Aires, ano 6. n.31, fevereiro, 2001. 7 p.

VERKHOSHANSKI, I. V. **Preparação de força especial**. Adaptação científica: Paulo Roberto Oliveira. Tradução: Alexander M. Mastepanov. Rio de Janeiro: Grupo Palestra sport, 1995, 132 p.

VIDAL FILHO, J. C. de B. **Análise das respostas fisiológicas no jogo de basquetebol em pré-adolescentes e adolescentes**. Brasília: Tese de Mestrado. UCB, 2001. 72 p.

WOOTTEN, M. **Coaching basketball successfully**. Champaign (IL): Leisure Press, 1992. 223 p.

WILLIAMS, J. **A behavioral analysis of a successful high school basketball coach**. Master's Tesis. Arizona state University. 1978. Unpublished.

WILLIAMS, J.; WILSON, S. **Youth league basketball: coaching and playing**. Indianapolis (IN): Master Press, 1994. 115 p.

XIQUÉS, J. A. C. **Equilíbrio defensivo – reflexões, estrutura e trabalho**. 2005. Artigo em publicação periódica científica eletrônica: Disponível em <<http://www.bdbaloncesto.com>>. Acesso em: 29 set. 2007.

ZAKHAROV, A. **A ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Palestra Sport, 1992.

ANEXO I

AS TREZE REGRAS OFICIAIS ESCRITAS PELO PROF. JAMES NAISMITH

1. A bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou com ambas as mãos;
2. A bola pode ser tapeada para qualquer direção com uma ou com ambas as mãos (nunca usando os punhos);
3. Um jogador não pode correr com a bola. O jogador deve arremessá-la do ponto onde pegá-la. Exceção será feita ao jogador que receba a bola quando estiver correndo a uma boa velocidade;
4. A bola deve ser segura nas mãos ou entre as mãos. Os braços ou corpo não podem ser usados para tal propósito;
5. Não será permitido sob hipótese alguma puxar, empurrar, segurar ou derrubar um adversário. A primeira infração desta regra contará como uma falta, a segunda desqualificará o jogador até que nova cesta seja convertida e, se houver intenção evidente de machucar o jogador pelo resto do jogo, não será permitida a substituição do infrator.
6. Uma falta consiste em bater na bola com o punho ou numa violação das regras 3, 4 e 5.
7. Se um dos lados fizer três faltas consecutivas, será marcado um ponto a mais para o adversário (Consecutivo significa sem que o adversário faça falta neste intervalo entre faltas).
8. Um ponto é marcado quando a bola é arremessada ou tapeada para dentro da cesta e lá permanece, não sendo permitido que nenhum defensor toque na cesta. Se a bola estiver na borda e um adversário move a cesta, o ponto será marcado para o lado que arremessou.
9. Quando a bola sai da quadra, deve ser jogada de volta à quadra pelo jogador que primeiro a tocou. Em caso de disputa, o fiscal deve jogá-la diretamente de volta à quadra. O arremesso da bola de volta à quadra é permitido do tempo máximo de 5 segundos. Se demorar mais do que isto, a bola passará para o adversário. Se algum dos lados insistir em retardar o jogo, o fiscal poderá marcar uma falta contra ele.
10. O fiscal deve ser o juiz dos jogadores e deverá observar as faltas e avisar ao árbitro quando três faltas consecutivas forem marcadas. Ele deve ter o poder de desqualificar jogadores, de acordo com a regra 5.
11. O árbitro deve ser o juiz da bola e deve decidir quando a bola está em jogo, a que lado pertence sua posse e deve controlar o tempo. Deve decidir quando um ponto foi marcado e controlar os pontos já marcados, além dos poderes normalmente utilizados por um árbitro.
12. O tempo de jogo deve ser de dois meio-tempos de 15 minutos cada, com 5 minutos de descanso entre eles.
13. A equipe que marcar mais pontos dentro deste tempo será declarada vencedora. Em caso de empate, o jogo pode, mediante acordo entre os capitães, ser continuado até que outro ponto seja marcado.

APÊNDICE I

CARTA CONVITE

Eu, Leonardo Toledo Josgrillberg (CREF 1 4128 GRJ), mestrando do Programa de Pós-graduação Stricto Senso em Ciência da Motricidade Humana – PROCIMH, da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ), venho através desta solicitar sua colaboração no sentido de participar do levantamento de dados necessários para a pesquisa que resultará em uma tese de mestrado, orientada pela Prof.^a Dr.^a FERNANDA Barroso BELTRÃO.

A pesquisa tem por objetivo investigar a formação profissional e a prática pedagógica dos profissionais que ocupam o cargo de treinador nas equipes masculinas das categorias de base do Rio de Janeiro.

A participação dos treinadores no estudo será de caráter voluntário, podendo os mesmos desistir a qualquer momento. Os técnicos farão parte de uma pesquisa extremamente valiosa, e muito útil para sua própria evolução, bem como para o desenvolvimento do basquetebol, contribuindo para melhorar a formação do próprio treinador e de seus atletas nas categorias de base.

A pesquisa consistirá em:

- Recebimento e leitura da carta convite;
- Assinatura da carta convite;
- Assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;
- Preenchimento do questionário sem qualquer identificação pessoal;
- Armazenamento do questionário em pasta sem qualquer identificação pessoal.

A UCB-RJ, entidade mantenedora do projeto e o profissional que direta ou indiretamente participa do desenvolvimento deste projeto, não se responsabilizarão por eventuais problemas que possam ocorrer durante o processo de levantamento dos dados.

Os treinadores que participarem da pesquisa não terão, qualquer participação em eventuais direitos autorais que possam advir de publicação dos resultados da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2007.

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE II

Instrumento de investigação do estudo - Questionário

Prezado Treinador,

Estou realizando um estudo que irá investigar a formação e a prática pedagógica dos profissionais que ocupam o cargo de treinador nas equipes masculinas das categorias de base do Rio de Janeiro.

Sua participação será de enorme contribuição para a pesquisa. É importante ressaltar que este trabalho possui cunho científico. Assim, não serão divulgadas as informações para qualquer outra finalidade que não seja o desenvolvimento do conhecimento científico.

Esta folha não será identificada, através de qualquer registro ou marcação, tornando, assim, oculta sua identidade para fins deste estudo.

Não há respostas certas ou erradas, apenas seus posicionamentos.

Atenciosamente,

Leonardo Toledo Josgrilberg

- Idade do Treinador: _____;
- Categoria que dirige: () Mirim () Infantil () Infante-juvenil () Juvenil
- Tempo de trabalho como técnico nas categorias de base: _____;
- Formação (pode-se marcar mais de uma opção):
 - () Graduado - Curso: _____;
 - () Estudante - Curso: _____;
 - () Atleta ou Ex-atleta de Basquetebol na categoria adulto. Atuei por _____ anos nesta categoria;
 - () Atleta ou Ex-atleta de Basquetebol nas categorias de base. Atuei por _____ anos nestas categorias;
 - () Outra: _____.
- Pós-graduação:
 - () Não cursei nem estou cursando;
 - () Especialização (lato senso) concluída. Qual: _____ Ano de conclusão: _____;
 - () Especialização (lato senso) cursando. Qual: _____;
 - () Mestrado concluído. Área: _____ Ano de conclusão: _____;
 - () Mestrado cursando. Área: _____;
 - () Doutorado concluído. Área: _____ Ano de conclusão: _____;
 - () Doutorado cursando. Área: _____.
- Há quanto tempo foi realizado seu último curso de aperfeiçoamento (180 a 360 horas) ou atualização (n.º de horas livre) na área do basquetebol?
 - () Nunca realizei este tipo de curso;
 - () Entre um a seis meses;
 - () Entre sete meses a um ano;
 - () Entre um a dois anos;
 - () Mais de dois anos.
- Quantos cursos na área de basquetebol, você realizou no ano de 2007?
 - () Nenhum;
 - () Um curso;
 - () Dois cursos;

() Entre três e cinco cursos;

() Mais de cinco cursos.

- Você possui o hábito de ler artigos ou trabalhos científicos sobre Basquetebol? (Pode-se marcar as duas últimas opções se for necessário)

() Não;

() Sim, nacionais. Qual (Quais)? _____;

() Sim, internacionais. Qual (Quais)? _____.

- Você possui o hábito de ler periódicos (revistas ou livros) sobre Basquetebol? (Pode-se marcar as duas últimas opções se for necessário)

() Não;

() Sim, nacionais. Qual (Quais)? _____;

() Sim, internacionais. Qual (Quais)? _____.

- Você possui o hábito de utilizar a internet para pesquisar assuntos sobre basquetebol?

() Não;

() Sim, Qual (Quais) a(s) página(s) mais visitada(s)? _____

_____;

- Qual a frequência média com que você assiste jogos de basquetebol *in loco* (presente no ginásio) ou pela televisão? (Não considerar jogos de sua própria equipe ou de outras categorias de seu clube, pois, estes são disputados numa mesma data em horários seqüenciais).

() Um jogo por mês;

() Um jogo a cada quinze dias;

() Um jogo por semana;

() Dois jogos por semana;

() Mais de dois jogos por semana.

- Com qual (quais) o(s) objetivo(s) você assiste a estes jogos?

- Qual o tipo de defesa que você mais utiliza em sua equipe? _____ .

- De forma objetiva, por que este tipo de defesa é de sua preferência?

- Você utiliza alguma variação deste tipo de defesa? Em caso afirmativo que variação (ções) é (são) esta(s)?

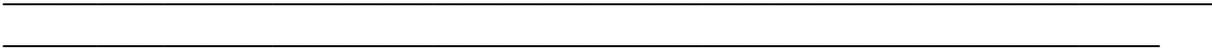
- Quais os princípios, conceitos ou aspectos principais que são enfocados, para seus atletas, no momento de ensinar ou treinar este tipo de defesa?

- Como você planeja a metodologia de ensino para ensinar e treinar os sistemas defensivos?

- Qual (Quais) método(s) você utiliza para ensinar ou treinar este tipo de defesa? Explique este(s) método(s).

- Como você escolheu este(s) método(s)?

- Como você avalia o processo de ensino e treinamento dos sistemas defensivos realizado pelos atletas?



APÊNDICE III



**Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido para participação em
Pesquisa**



Título	A formação e a prática pedagógica dos profissionais responsáveis pelas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro: a aprendizagem e o treinamento dos sistemas defensivos
Coordenadora	Prof. ^a Dr. ^a Fernanda Barroso Beltrão
Pesquisador Responsável	Prof. Leonardo Toledo Josgrilberg – baideck@ig.com.br Telefone: 8145-8824/ 2594-0425

Prezado(a) Senhor(a):

O mestrando (**Leonardo Toledo Josgrilberg**), do **Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Ciência da Motricidade Humana – PROCIMH**, da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ), pretende realizar um estudo com as seguintes características:

Título do Projeto de Pesquisa: A formação e a prática pedagógica dos profissionais responsáveis pelas categorias de base do basquetebol masculino do Rio de Janeiro: a aprendizagem e o treinamento dos sistemas defensivos.

Objetivo do Estudo: Estabelecer um diagnóstico acerca da formação profissional e da prática pedagógica utilizada pelos profissionais responsáveis pelo treinamento das equipes de categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sistemas defensivos.

Descrição dos Procedimentos Metodológicos: No presente estudo será realizada a aplicação de um questionário aprovado por um “júri de experts” em que os dados extraídos das respostas fornecidas serão analisados e quando for pertinente comparados à literatura existente.

Descrição de Riscos e Desconfortos: Não há.

Benefícios aos participantes: Apenas ao ler a publicação da pesquisa, torna-se possível comparar-se aos resultados da pesquisa.

Forma de Obtenção da Amostra: A amostra é intencional pois restringe-se a 52 sujeitos a fim de não ampliar excessivamente a matriz de análise. Porém, irá se respeitar a ordem em que for sendo respondido o questionário até se alcançar o limite máximo. Não há qualquer preferência sobre sujeitos, tendo os mesmos que preencher os critérios de inclusão e não estarem incluídos nos critérios de exclusão.

Uso de Substâncias: Não há.

Garantia de Acesso: Em qualquer fase do estudo, um treinador terá pleno acesso ao profissional responsável pelo mesmo local e telefones indicados.

Garantia de Liberdade: A participação dos treinadores neste estudo é absolutamente voluntária. Dentro desta premissa, todos os participantes são

absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização.

Recebimento dos Resultados: Após a conclusão da pesquisa, todos os treinadores receberão do pesquisador os dados e resultados diagnosticados no estudo, como forma humana de agradecimento pelas informações prestadas e para que possam a partir disto, melhorar suas vidas e práticas pedagógicas.

Direito de Confidencialidade: Os dados levantados na presente pesquisa serão utilizados para subsidiar a confecção de artigos científicos, mas os responsáveis garantem a total privacidade e estrito anonimato dos participantes, quer no tocante de dados, quer no caso de utilização de imagens, ou outras formas de aquisição de informações. Garantindo, desde já a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem e a não estigmatização, escusando-se de utilizar as informações geradas pelo estudo em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio ou de quaisquer outras formas de discriminação.

Despesas e Compensações: As despesas porventura acarretadas pela pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores. Não havendo por outro lado, qualquer previsão de compensação financeira.

Em caso de dúvidas ou perguntas, queira manifestar-se em qualquer momento antes do preenchimento do questionário, para explicações adicionais, dirigindo-se ao pesquisador. No momento do preenchimento não será permitido esclarecimento quanto às questões para que não haja a partir da fala do pesquisador uma tendência para as respostas do questionário.

Após a leitura do presente termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ - de 2007.

Assinatura do

Participante:

Nome Completo (legível):

RG

CPF N.º

N.º

Em atendimento à Resolução n.º196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, o presente Termo é confeccionado e assinado em duas vias, uma de posse do entrevistado e outra que será encaminhada ao Comitê de Ética da Pesquisa (CEP) da Universidade Castelo Branco(UCB-RJ).

APÊNDICE IV

ESTUDO PILOTO

- **Introdução**

Este estudo piloto foi realizado com treinadores responsáveis pelas categorias

de base do basquetebol feminino do Rio de Janeiro. Este procedimento foi realizado para que especialistas, na função de treinador, tivessem acesso ao conteúdo das questões propostas pelo instrumento a ser aplicado na pesquisa principal.

- **Objetivo Geral**

O objetivo deste estudo piloto foi verificar a qualidade e objetividade do questionário proposto para a pesquisa principal após a devida análise do “júri de experts”.

- **Objetivos Específicos**

- Avaliar a eficácia e clareza das questões do instrumento para a sua definitiva aplicação;
- Analisar a relação entre conteúdo e objetivos a serem atingidos através das questões propostas;
- Levantar dados referentes a esta amostra da população.

- **Amostra do Estudo Piloto**

Este estudo piloto contou com a colaboração de cinco treinadores responsáveis pelas categorias de base do basquetebol feminino do Rio de Janeiro no ano de 2007.

- **Critérios de Inclusão**

Todos os treinadores participantes deste estudo piloto:

- Possuíam experiência de uma vivência prática mínima de dez anos na função de treinador;
- Dirigiram, na função de treinador principal, uma equipe feminina de categoria de base do Rio de Janeiro no ano de 2007;
- Assinaram o termo de consentimento, aceitando participar da pesquisa como voluntário, sem qualquer vantagem financeira;

- Responderam ao questionário proposto pela pesquisa.

- **Critérios de Exclusão**

Há também profissionais que não se enquadraram no perfil investigado por este estudo piloto, como:

- Responsáveis por dirigir equipes do naipe masculino;
- Treinadores que não estão atuando na temporada 2007;
- Treinadores que estão atuando apenas como assistente técnico;
- Treinadores que atuam somente no comando da categoria adulta.

- **Procedimento para Coleta de Dados**

No mês de novembro de 2007, realizou-se a coleta de dados deste estudo piloto. Foram realizados, via telefone, convites para que 05 (cinco) treinadores participassem do estudo piloto. Após a devida aceitação, foi marcado um encontro, no Tijuca Tênis Clube, com os profissionais. Os encontros foram individualizados e com o espaço de 01 (uma) hora entre os mesmos. Após o preenchimento do termo de consentimento, os entrevistados responderam ao questionário padronizado, na presença do pesquisador, quando o mesmo se colocou à disposição dos entrevistados para qualquer esclarecimento necessário. Ao final do preenchimento do questionário, as folhas de respostas foram guardadas dentro de um envelope sem qualquer identificação, não ocorrendo comentários ou questionamentos sobre as respostas.

- **Instrumentos**

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado pelo pesquisador desta pesquisa após ser aprovado por um “júri de experts”.

- **Tratamento Estatístico**

Após os dados coletados, estes receberam um tratamento estatístico de forma descritiva, foram representados através de percentuais, sendo interpretados e analisados de acordo com os objetivos propostos pelo estudo.

- **Análise e Discussão dos Resultados**

Passados 03 (três) dias após os encontros realizados com os treinadores entrevistados, o envelope com as folhas de resposta foi aberto. O procedimento de encontros individualizados e abertura da possibilidade de prestar esclarecimento ou tirar dúvidas durante o preenchimento do instrumento proporcionaram algumas constatações:

- Não houve qualquer tipo de questionamento, solicitação ou dúvida por parte dos entrevistados. Todos responderam, ininterruptamente, o instrumento;
- Através disto, verificou-se que o instrumento apresenta-se claro e objetivo no sentido de possibilitar que treinadores de basquetebol o preencham;
- As questões do instrumento encontraram-se claras e eficazes para a sua definitiva aplicação;
- Através das questões do instrumento, tornou-se possível estabelecer uma relação entre os conteúdos e os objetivos a serem atingidos.

Após a devida análise estatística dos dados encontrados no preenchimento do instrumento, foram levantadas referências acerca da amostra da população deste estudo piloto.

A idade média encontrada para esta amostra foi 37 ($\pm 04,74$) anos. As categorias de mirim, infantil e infanto-juvenil foram representadas por 01 (um)

treinador cada uma e a categoria de juvenis foi representada por 02 (dois) treinadores. O tempo médio de trabalho na função de treinador foi de 11,6 ($\pm 1,14$) anos. Todos os profissionais concluíram o curso de graduação: 04 em Educação Física e 01 (um) em Ciências Contábeis. Entre eles, 20% estão cursando e 40% concluíram curso de pós-graduação lato sensu. Quanto à vivência prática, 20% foram atletas de categoria de base por 04 (quatro) anos; os outros não possuíam esta experiência.

No contexto do processo de aperfeiçoamento, todos realizaram seu último curso de especialização no último semestre (entre um e seis meses). Porém, todos realizaram somente 01 (um) curso no ano de 2007. Quanto ao hábito de leitura de artigos e periódicos, 60% responderam não possuir este hábito, 20% responderam afirmativamente, mas não souberam citar o nome da publicação lida e 20% confirmaram este hábito e fizeram referência aos trabalhos de Almeida (1998); Bompa (2005); Boccardo (2003); Carvalho, W. (2001); Deng (2004); entre outros.

A internet foi unanimidade entre os entrevistados como ferramenta de obtenção de conhecimento. Porém, entre as páginas citadas foram destacadas 08 (oito) sítios que tratam de informações acerca das competições disputadas no Brasil e no Mundo, 11 (onze) páginas que tratam da tática e estratégia do jogo, 03 (três) páginas que tratam da prática pedagógica e da metodologia de ensino do basquetebol. Este contexto apresentou um perfil de comportamento em que os entrevistados preferiram visualizar páginas com gráficos de táticas ensaiadas a fim de adquirir novas estratégias, ao invés de buscar novas formas de treinar e desenvolver tais estratégias ou estruturas.

Quanto à frequência com que assistiram jogos de basquetebol, 60% informaram ser uma vez por semana e 40% duas vezes por semana. Esclarecendo

acerca do intuito com que assistiram estes jogos, destacaram-se 02 (dois) fatores: a observação de uma futura equipe adversária para preparação tática (05 lembranças) e fato de gostarem de basquetebol (02 lembranças).

No processo de treinamento, houve unanimidade quanto à utilização da defesa individual por mais tempo, a preferência deste tipo de defesa foi justificada sob 04 (quatro) aspectos: por ser mais fácil de ensinar (01 lembrança); por constituir a base de princípios para outros tipos de defesa (01 lembrança); por ser mais eficiente (02 lembranças) e por ser a mais utilizada (01 lembrança). Quanto às variações deste sistema, foram destacadas a defesa por pressão (05 lembranças); a utilização de dobras (05 lembranças) e a alternância do ponto onde se inicia a defesa (02 lembranças).

Quanto à utilização dos princípios defensivos citados por Carvalho, W. (2001), 80% citaram a necessidade de pressionar o atacante que encontra-se de posse da bola; 60% fizeram referência à necessidade de dificultar as principais opções de passe do atacante com posse da bola; 20% abordaram o processo de flutuação para facilitar uma possível ajuda ou cobertura de um companheiro que tenha sido ultrapassado. Não houve qualquer referência à utilização da técnica de bloqueio de rebote para facilitar a obtenção do rebote defensivo. Houve ainda referências acerca da postura dos jogadores de defesa (manter-se abaixado e não perder a bola de vista) e da velocidade de deslocamento.

Quanto ao planejamento da metodologia de treinamento dos sistemas defensivos: 20% afirmaram que não realizavam planejamento, mas trabalhavam diariamente os sistemas defensivos; 60% dos treinadores afirmaram realizar este planejamento, mas no momento de explicar esta organização, explicitaram informações do tipo: “faço no mínimo três exercícios por treino”; “trabalho a defesa

com muita intensidade”. Estas informações tendem a demonstrar o desconhecimento acerca do conceito de metodologia de ensino e falta de planejamento sobre a mesma. 20% dos treinadores afirmaram que enfocam, diariamente, os sistemas defensivos da seguinte maneira: utilizando exercícios de postura e deslocamento defensivos nas atividades de aquecimento, utilizando exercícios situacionais para treinamento técnico na segunda parte dos treinos (exercícios de um contra um; dois contra dois; três contra três e quatro contra quatro para desenvolvimento e correção acerca da aplicação dos princípios defensivos). A parte tática, normalmente, fica para o final do treino com exercícios de cinco contra cinco onde são abordados os sistemas de defesa e suas variações. Neste tipo de posicionamento percebeu-se a preocupação em planejar a maneira de treinar os sistemas defensivos.

Quanto aos métodos utilizados para treinar estes sistemas defensivos, 60% dos treinadores destacaram os métodos parcial (analítico sintético) e global (integral, de confrontação, todo-parte-todo) e como justificativa apontaram que estes métodos são mais eficientes, mais fáceis de serem aprendidos e apresentam melhores resultados. A justificativa fornecida por estes profissionais indicou um quadro de desconhecimento do conceito de método, do conteúdo dos métodos citados e do propósito com que se deve utilizar estes métodos. 40% dos treinadores abordaram o método situacional destacando a proximidade com situações reais que ocorrem em um jogo. Não houve qualquer referência ao método situacional cognitivo.

Quanto à avaliação do processo de treinamento dos sistemas defensivos, os cinco treinadores entrevistados afirmaram que utilizam as estatísticas dos jogos para verificar se suas equipes sofreram muitos pontos e, conseqüentemente, a eficiência de suas defesas. Esta informação evidenciou que, nesta amostra, não há um

processo de avaliação dos sistemas defensivos nos treinamentos. Este processo seria importante a fim de acompanhar as necessidades da equipe, fortalecendo um fator preponderante (sistema defensivo) de influência no principal critério de avaliação (desempenho) em um trabalho no esporte de rendimento. Como apenas aguarda-se o dia do jogo para tal análise, uma margem de segurança foi deixada de lado.

- **Conclusões e Recomendações**

Ao analisar as respostas fornecidas pelos 05 (cinco) treinadores de equipes de categorias de base do basquetebol feminino do Rio de Janeiro, este estudo piloto verificou que o questionário proposto para a pesquisa principal, após a devida análise do “júri de experts”, encontrou-se claro e eficaz. As questões que compõem o instrumento encontraram-se redigidas de forma clara e objetiva, para o entendimento daqueles que responderão ao mesmo na pesquisa principal. O conteúdo destas questões asseguraram a consecução dos objetivos propostos pela pesquisa principal. Estas afirmativas se justificaram, pois, não houve qualquer tipo de questionamento, solicitação ou dúvida por parte dos entrevistados. Todos responderam, ininterruptamente, o instrumento.

Esta amostra da população apresentou um quadro que caracteriza este profissional como: adulto com certo grau de amadurecimento; exercendo sua função há algum tempo, não caracterizando-se como iniciantes; com titulação mínima de graduação, com alguma tendência a buscar especialização em sua formação. Porém, constatou-se pouquíssima experiência prática.

O processo de atualização e aperfeiçoamento foi alvo de preocupação dos profissionais, porém, em um movimento com pouca consistência. A leitura não caracterizou fonte constante de busca de informações. Esta procura foi feita através

da internet onde as informações procuradas centraram-se: sobre os campeonatos que disputam e novidades táticas acerca do basquetebol. Pouca procura foi realizada acerca de como ensinar ou treinar. Os jogos caracterizaram-se como outra fonte importante na busca de informações. Os treinadores preocuparam-se em estar utilizando deste meio de aperfeiçoamento, contudo, novamente, o aspecto tático surgiu como foco principal de observação.

No processo de treinamento, a opção pela defesa individual e suas variações corroboram com os estudos de Wootten (1992); Almeida (1998); Carvalho, W. (2001), Coutinho (2003); Boccardo (2003); Tsiotras et al (2004); entre outros. Entretanto, os motivos desta opção apresentaram um quadro de heterogeneidade, pois, não houve um ou mais fatores que predominassem na justificativa de tal escolha. Os princípios defensivos citados por Carvalho, W. (2001) representaram conteúdo abordado para treinamento dos sistemas defensivos, porém, a abordagem deste conteúdo requer maior aprofundamento, já que o enfoque centrou-se, principalmente, no atacante que estava com a bola e em suas opções de passe. Os processos de bloqueio de rebote, ajuda, cobertura e recuperação requerem um número maior de abordagens.

O planejamento da metodologia de treinamento dos sistemas defensivos não representou um hábito dos profissionais entrevistados. Os métodos representaram um conhecimento acerca do qual os profissionais possuem pouco entendimento. Esta afirmação se justificou em função dos entrevistados até citarem alguns métodos, mas não conseguirem justificar a escolha por este ou outro método. A avaliação do processo de treinamento dos sistemas defensivos, assim como o planejamento, também não representaram fator presente na prática pedagógica destes profissionais.

Em suma, o quadro que representou os profissionais entrevistados mostrou um perfil de: razoável formação; experiência; tempo de prática na profissão com um processo inconsistente de aperfeiçoamento. Na prática pedagógica dos sistemas defensivos, os entrevistados demonstraram domínio acerca dos conteúdos a serem ensinados. Destacou-se, neste contexto, a preferência por desenvolver a tática defensiva do jogo. Porém, evidenciou-se grande dificuldade na forma de se ensinar, organizar e avaliar este contexto.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)